

APRENDIZAGEM COLABORATIVA NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

DIENE EIRE DOS SANTOS CARNEIRO

APRENDIZAGEM COLABORATIVA NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

DIENE EIRE DOS SANTOS CARNEIRO

Dissertação apresentada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação. Área de Concentração: Formação e Prática Pedagógica do Profissional Docente.

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Raquel Rosan Christino Gitahy

374.4
C298a

Carneiro, Diene Eire dos Santos
Aprendizagem colaborativa na educação a
distância / Diene Eire dos Santos Carneiro. –
Presidente Prudente, 2013.
126f.: il.

Dissertação (Mestrado em Educação) –
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste,
Presidente Prudente, SP, 2013.

Bibliografia.

Orientadora: Raquel Rosan Christino Gitahy

1. Ensino a distância. 2. Aprendizagem. 3.
Educação. I. Título.

DIENE EIRE DOS SANTOS CARNEIRO

APRENDIZAGEM COLABORATIVA NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Dissertação apresentada à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Oeste Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Presidente Prudente, 19 de junho de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Raquel Rosan Christino Gitahy
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente - SP

Banca: Prof. Dr. Adriano Rodrigues Ruiz
Universidade do Oeste Paulista – Unoeste
Presidente Prudente - SP

Banca: Prof^a. Dr^a. Silvana Aparecida Borsetti Gregorio Vidotti
Universidade Estadual Paulista – Unesp
Marília - SP

Dedico este trabalho aos meus pais Maria Inês e José (*in memoriam*), que me ensinaram que a educação é a única forma de transformar um homem, e a meu amado marido Jonas que é meu maior incentivador e exemplo de persistência.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pelo dom da vida e pelas chuvas de bênçãos que tem derramado sobre mim; e também por estar me ensinando, a cada dia, que cada conquista tem seu valor e sabor por meio dos erros e dificuldades.

Ao meu querido paizinho José (*in memoriam*) que saudades o senhor me traz, mesmo distante está presente em meu coração, por tudo que foste e pelos exemplos que deixaste aos seus.

À minha querida mãezinha Maria Inês, pela mulher consagrada e atenciosa que é, me dando forças com suas palavras e orações a Deus para o ingresso e a conclusão deste Programa de Mestrado.

Ao meu amado marido, por seu amor, dedicação, apoio, carinho e compreensão, meu maior incentivador, estas poucas palavras não são suficientes para expressar meus agradecimentos ao grande homem que você é.

Aos meus amados irmãos Jetro e Joeser, sobrinhos Wires Gedeão, Alan, Natália e Gabriel, sobrinhos-netos Wires Henrique e Lorena, por existirem na minha vida.

Aos meus queridos avós: José, Elpidia, Olimpio e Estefânia (todos *in memoriam*) por todo amor, carinho e exemplo deixados aos seus.

Ao meu Diretor, Willian V. K. M. Silva, um exemplo a ser seguido, obrigada pelo incentivo e por tudo que tem feito por mim.

À minha querida equipe de tutores de polo e analistas, pelo carinho, paciência e compreensão com minhas ausências.

Aos participantes da pesquisa A.S.F., B.K.G.M., C.C.N.A., E.A.O., G.D.S.T., S.A.G., S.R.L., V.F.C., em especial à tutora mediadora L.A.S., pelo aceite em participarem da pesquisa e por cada contribuição.

Aos queridos amigos, professores Márcia Previato e Silvio Silvestre, por toda força e incentivo.

À Ina, secretária do Programa de Mestrado, por toda atenção, carinho e incentivo.

A todo corpo docente e aos ex-professores do Programa Renata Rinaldi e Cláudio Brocanelli, por todo apoio.

Ao coordenador do Programa, Prof. Dr. Adriano Rodrigues Ruiz, pela sabedoria e simplicidade nos seus ensinamentos e por aceitar participar da banca de defesa.

À professora Silvana Aparecida Borsetti Gregorio Vidotti, por aceitar participar da banca de defesa.

Enfim, à pessoa que tem me orientado nesta jornada de construção, desconstrução e reconstrução; tendo paciência comigo e atenção neste processo tão desafiador, a querida professora Raquel R. C. Gitahy.

“Para estar junto não é preciso estar perto, e sim do lado de dentro.”

Leonardo da Vinci

RESUMO

Aprendizagem colaborativa na educação a distância

A presente dissertação foi desenvolvida no Programa de Mestrado em Educação, linha de pesquisa 2 - Formação e Prática Pedagógica do Profissional Docente, da Universidade do Oeste Paulista (Unoeste). Sua importância justifica-se, pois, atualmente, vive-se a sociedade da informação, envolta pelo avanço tecnológico, assim, a busca do conhecimento se tornou necessária a cada indivíduo, o que requer uma educação mais dinâmica, reflexiva e flexível. A Educação a Distância (EAD) pode ser adotada como ferramenta fundamental para capacitar e mediar a construção do conhecimento, uma vez que dispõe de recursos tecnológicos de interação, que possibilitam aprendizagem colaborativa, entre o professor e o aluno que atuam nesta modalidade; e até apresenta perfis diferentes dos que atuam na modalidade presencial. O professor da Educação a Distância precisa mediar a interação para o conhecimento reflexivo e o aluno deve estar aberto a esta construção do conhecimento. Para tanto, esta pesquisa teve o objetivo de compreender o processo de aprendizagem colaborativa na EAD, investigando a utilização de recursos de interação pelo tutor mediador e pelo aluno. Para alcançar os objetivos propostos, o método adotado foi de abordagem qualitativa, cuja realização compreendeu: observação da plataforma Moodle, coleta de postagens no fórum e entrevista semiestruturada aplicada aos sujeitos da pesquisa, composto por uma tutora mediadora e oito alunas da primeira série do curso de Licenciatura em Pedagogia. O que se pretendeu foi analisar e diagnosticar a influência pedagógica do tutor mediador na construção do conhecimento do aluno da EAD, a fim de compreender o processo de aprendizagem colaborativa nesta modalidade de ensino. Concluiu-se que o tutor mediador é de fundamental importância na mediação e estímulo à interação, a fim de que a aprendizagem colaborativa ocorra.

Palavras-chave: Educação a Distância. Interação/Mediação. Aprendizagem Colaborativa.

ABSTRACT

Collaborative learning in distance education

The actual dissertation was developed in the Master's Degree Program in Education, research line 2 - Training and Teaching Practice of the Teaching Professional at the University of West Paulista. Its importance is justified, because today we live in the information society, wrapped in the technological advancement, the pursuit of knowledge has become necessary to each individual, which requires an education more dynamic, reflective and flexible. Distance education can be adopted as an essential tool to enable and mediate the construction of knowledge, as has technological features of interaction that promote collaborative learning between teacher and student working in this mode, who should even have different profiles of working in the classroom mode. The Distance Education Professor should mediate the interaction for knowledge and reflective student to be open to this construction of knowledge. Therefore, this study aimed to understand the process of collaborative learning in distance education, investigating the use of interaction capabilities by the tutor and the student mediator. To attain the objectives proposed, the method adopted was a qualitative approach, which we performed the observation of the platform Moodle, collecting forum posts and semi-structured interviews with research subjects: A tutor mediator and eight students from the first grade of the Bachelor's Degree Pedagogy. What they wanted was to analyze and diagnose each document, the influence of teaching tutor mediator in building the student's knowledge of EAD in order to understand the process of collaborative learning in distance education, as well as the importance of this professional in these processes. It was concluded that it is of fundamental importance in mediating this professional interaction and stimulation so that collaborative learning occurs.

Keywords: Distance Education. Interaction/Mediation. Collaborative Learning.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Comparação entre Pedagogia e Andragogia, e suas implicações para a aprendizagem	37
QUADRO 2 - Demonstrativo das semanas	59
QUADRO 3 - Divisão das atividades e pontuações	61
QUADRO 4 - Composição de notas	62
QUADRO 5 - Matriz Curricular de Licenciatura em Pedagogia	64
QUADRO 6 - Participação da tutora mediadora em cada fórum	69
QUADRO 7 - Participação das alunas em cada fórum	70
QUADRO 8 - Teor e conteúdo das participações das alunas e tutora mediadora no Fórum I	70
QUADRO 9 - Teor e conteúdo das participações das alunas e tutora mediadora no Fórum II	71
QUADRO 10 - Teor e conteúdo das participações das alunas e tutora mediadora no Fórum III	71
QUADRO 11 - Teor e conteúdo das participações das alunas e tutora mediadora no Fórum Interdisciplinar	72

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Crescimento das matrículas em cursos de graduação em EAD	27
TABELA 2 - Faixa etária das alunas	73
TABELA 3 - Quantidade de computadores por aluna	73
TABELA 4 - Quantidade de horas de uso da internet	74
TABELA 5 - Realização de curso a distância	74
TABELA 6 - Motivo de realizar curso a distância	75
TABELA 7 - Dificuldade com a metodologia	75
TABELA 8 - Dificuldade com AVA	75
TABELA 9 - Quantidade de alunas orientadas sobre a metodologia e o AVA	76
TABELA 10 - Quantidade de acesso ao AVA e motivo	76
TABELA 11 - Participação no fórum	77
TABELA 12 - Número de participações no fórum	77
TABELA 13 - Motivo das participações no fórum	77
TABELA 14 - Método utilizado para responder os fóruns	78
TABELA 15 - Interação no fórum	78
TABELA 16 - Opinião das alunas sobre a participação no fórum	79

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAC	-	Atividades Acadêmicas Complementares
ABED	-	Associação Brasileira de Educação a Distância
APO	-	Atividade Presencial Obrigatória
APOI	-	Atividade Presencial Obrigatória Interdisciplinar
AVA	-	Ambiente Virtual de Aprendizagem
Capes	-	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNE	-	Conselho Nacional de Educação
CPC	-	Conceito Preliminar de Cursos
DCNs	-	Diretrizes Curriculares Nacionais
EAD	-	Educação a Distância
Enade	-	Exame Nacional de Desempenho de Estudantes
EUA	-	Estados Unidos da América
IBGE	-	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	-	Instituição de Ensino Superior
IGC	-	Índice Geral de Cursos
Inep	-	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPEA	-	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LDB	-	Leis de Diretrizes e Bases
Libras	-	Linguagem Brasileira de Sinais
MBA	-	Mestre em Administração de Negócios
MEC	-	Ministério da Educação
MID	-	Mídia Interativa Digital
MinC	-	Ministério da Cultura
Moodle	-	<i>Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment</i>
NEAD	-	Núcleo de Educação a Distância

PNE	-	Plano Nacional de Educação
PPC	-	Projeto Pedagógico de Curso
PPP	-	Projeto Político Pedagógico
SEED	-	Secretaria de Educação a Distância
Senac	-	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
Seres	-	Secretaria de Regulação e Supervisão da Educação Superior
Sesu	-	Secretaria de Educação Superior
Setec	-	Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
TCC	-	Trabalho de Conclusão de Curso
TICs	-	Tecnologias de Informação e Comunicação
UEL	-	Universidade Estadual de Londrina
UEM	-	Universidade Estadual de Maringá
UFMG	-	Universidade Federal de Minas Gerais
UFP	-	Universidade Federal do Pará
Unesco	-	União das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
ZDP	-	Zona de Desenvolvimento Proximal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 BREVE RESGATE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO MUNDO E NO BRASIL	19
2.1 Aspectos Legais para oferta de EAD no Brasil	23
2.2 Crescimento da EAD no Brasil	26
3 INTERAÇÃO E INTERATIVIDADE NA EAD	28
3.1 Andragogia	35
3.2 Heutagogia	40
3.3 Tecnologia na Construção do Conhecimento	42
3.4 Aprendizagem Colaborativa	44
3.5 O Tutor e a Aprendizagem Colaborativa	47
4 PERCURSO METODOLÓGICO	51
4.1 Metodologia	51
4.2 Universo da Pesquisa	52
4.2.1 Modelo pedagógico para graduação	57
4.2.2 Projeto Pedagógico do Curso Licenciatura em Pedagogia	62
4.3 Coleta de Dados	65
4.4 Análise e Interpretação dos Dados	67
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	69
5.1 Análise dos Recortes das Participações das Alunas e da Tutora Mediadora nos Fóruns	69
5.2 Análise da Entrevista com as Alunas	73
5.3 Análise da Entrevista da Tutora Mediadora	79
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS	91
ANEXOS	96
Anexo A - Entrevista com a Tutora Mediadora	97
Anexo B - Entrevista com as Alunas	101

Anexo C - Recorte das Participações das Alunas no Fórum I	107
Anexo D - Recorte das Participações da Tutora Mediadora no Fórum I	111
Anexo E - Recorte das Participações das Alunas no Fórum II	114
Anexo F - Recorte das Participações das Alunas no Fórum III	117
Anexo G - Recorte das Participações das Alunas no Fórum Interdisciplinar	120
Anexo H - Recorte das Participações da Tutora Mediadora no Fórum Interdisciplinar	122
APÊNDICES	124
Apêndice A - Roteiro de Entrevista - Professor	125
Apêndice B - Roteiro de Entrevista - Acadêmico	126

1 INTRODUÇÃO

Iniciarei este trabalho contando um pouquinho da minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional, que culminou na origem do problema desta pesquisa.

Ao me formar, em dezembro de 2002, no curso de Letras, Literaturas e Inglês na Faculdade de Filosofia e Letras de Jandaia do Sul, no ano seguinte iniciei no Programa de Mestrado em Estudos Literários da Universidade Estadual de Londrina (UEL) como aluna não regular, logo após, fui contratada pela Instituição que hoje é o universo desta pesquisa, como Assistente de Coordenação.

Em 2004, por dificuldades de transporte e financeiras, prorroguei o sonho de ser mestre e iniciei uma Especialização em Língua Portuguesa, na Universidade Estadual de Maringá (UEM), concluindo o curso em outubro de 2005, momento em que já atuava como Assessora da Superintendência na mesma Instituição.

O tempo foi passando e a necessidade por conhecimento na área de Gestão se intensificava, foi quando busquei informações a respeito de cursos a distância, acreditando, naquele momento, que a flexibilidade de horário estava atrelada à facilidade com a pesquisa. Não tive interesse em nenhum dos cursos ofertados, mas, após um mês, a Instituição em que trabalho recebeu o credenciamento do Ministério da Educação (MEC) para oferta de cursos de Pós-Graduação – *Lato Sensu* a distância, o que muito me atraiu, embora sempre com o pensamento de facilidade.

Iniciei o curso MBA Executivo – Gestão Empresarial em outubro de 2006, concluindo apenas em 2009; referencio estes períodos para mostrar o tempo que levei para concluir minha Especialização presencial e o MBA a distância, provando que flexibilidade de horários/tempo e lugar/espço não é sinônimo de facilidade. Durante o curso enfrentei muitas dificuldades, uma delas por não ter minha primeira formação na área de gestão, outra em razão das exigências estabelecidas pelo modelo pedagógico, que hoje vejo como a única forma de potencializar a qualidade do ensino na EAD.

Antes da conclusão deste curso, fui convidada pelo Diretor do Núcleo de Educação a Distância a ocupar o cargo de Assessora da Diretoria. Então, mais

próxima à modalidade, fui percebendo o quanto me atraía e me instigava o tema, causando uma inquietude para provar que na EAD existia qualidade, sim.

O ponto crucial para o surgimento do problema da pesquisa construiu-se com base no seguinte questionamento: A modalidade de ensino a distância conseguiria promover qualidade na educação da mesma forma que a modalidade de ensino presencial?

Após a conclusão do curso, tive a oportunidade de ocupar o cargo de Coordenadora Adjunta da Pós-Graduação *Lato Sensu* deste mesmo curso e de outros, surgindo, mais uma vez, a necessidade de me graduar em Processos Gerenciais e, sem dúvida, busquei a EAD, porque já tinha passado pela experiência e obtido conhecimento. Concluí a graduação em 2011, já ocupando o cargo de Coordenadora de Polo. No momento, estou cursando o terceiro ano de Administração, também a distância.

O relato de minha experiência pessoal, acadêmica e profissional, prova que meus desejos e anseios têm sido atingidos, pois as oportunidades que tive e estou tendo de alcançar e desempenhar um papel estratégico voltado aos processos de ensino e aprendizagem, têm se consumado, além dos meus esforços, é por acreditar que estar presente não significa estar no mesmo espaço e tempo, e sim presente no empenho ao realizar cada atividade proposta pelo modelo pedagógico.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, estabelecemos, como objetivo geral, compreender o processo de aprendizagem colaborativa na EAD, investigando a utilização de recursos de interação pelo tutor mediador e pelo aluno. Determinamos, ainda, para a sua efetivação, os seguintes objetivos específicos: investigar a possível influência do tutor na aprendizagem colaborativa, e se por intermédio dele existe construção do conhecimento do aluno do curso de Pedagogia da referida Instituição de Ensino Superior (IES); analisar as participações dos alunos nos fóruns (atividades assíncronas), com o intuito de verificar se existe aprendizagem colaborativa.

A Instituição, cenário da pesquisa, está localizada no Estado do Paraná, iniciou suas atividades em setembro de 1990, naquele momento com três cursos. Atualmente, conta com 55 cursos de Graduação, 60 cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu* e dois Programas de Mestrado.

Sua história na educação a distância é recente, quando recebeu a Portaria de Credenciamento, em outubro de 2006, junto ao MEC como já

mencionado, iniciou com apenas três cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*, e apenas no início de 2007 o MEC liberou a oferta de cursos de Graduação. Atualmente conta com 15 cursos de Graduação e 19 de Pós-Graduação *Lato Sensu*.

A Instituição, naquele momento, passou a oferecer EAD por acreditar que teria condições de levar uma educação de qualidade a todos os extremos do país e, diante do novo cenário de EAD no Brasil, cujos índices apontam que o crescimento registrado supera as expectativas, esta Instituição tem como meta atingir quantidade com qualidade.

Desta forma, o avanço da tecnologia e o uso das tecnologias e comunicação na educação têm causado inquietações por parte dos educadores. No entanto, para que a EAD se estabeleça no atual cenário, principalmente num futuro não muito distante com nativos tecnológicos, a tendência que pode ser considerada passageira, irá perdurar como tendência crescente e sem fim, mas para se manter deve ser reavaliada em seu contexto atual e futuro.

2 BREVE RESGATE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO MUNDO E NO BRASIL

Os estudos que abordam a origem da Educação a Distância no mundo são bastante vastos, um deles indica que o seu surgimento foi preconizado no século XV, quando Guttemberg inventou a imprensa (ALVES, 2007).

Nunes (2009) aponta que o início desta modalidade se deu em 20 de março de 1728, quando Caleb Philips ministrou aulas por correspondência, enviando lições para alunos inscritos, por meio da *Gazette* de Boston, EUA. Outro registro encontra-se em 1840, na Grã-Bretanha, sendo um curso de Taquigrafia oferecido por Isaac Pitman.

Litto, em *Aprendizagem a Distância* (2010), argumenta que a Educação a Distância surgiu por volta de 1850, em vários países da Europa, com o objetivo de levar conhecimento às pessoas que não podiam frequentar uma escola; desta forma, eram ofertados os mais variados cursos de aperfeiçoamento, o que beneficiava quem estava fora dos grandes centros, satisfazendo as necessidades pessoais e o desenvolvimento do país.

Desde então existem muitas convergências e divergências a respeito do surgimento da Educação a Distância no mundo, o que se sabe é que desde o seu suposto surgimento, um expressivo crescimento tem ultrapassado fronteiras. Há um número considerável de países, especialmente os desenvolvidos, que utilizam esta modalidade para formação e capacitação de pessoas.

Segundo Nunes (2009), atualmente, países como Austrália, Bangladesh, Canadá, China, Costa Rica, Cuba, Espanha, Estados Unidos, Índia, Indonésia, Inglaterra, Japão, Nova Zelândia, Portugal, Rússia e Venezuela têm obtido sucesso em suas trajetórias na oferta de cursos a distância.

Em 1858, surge a Universidade de Londres, ofertando cursos por correspondência, tendo em seu quadro discente, pessoas ilustres como Mahatma Gandhi e Nelson Mandela, além de quatro cientistas que receberam o Prêmio Nobel.

A Educação a Distância teve um grande auxílio a partir da década de 1950, com o crescimento de aparelhos televisivos na Europa, passando a ser utilizada como recurso educacional. “De meados da década de 1960 até o início da década de 1980, tivemos o reinado da televisão educativa. Vários sistemas foram sendo montados no mundo todo, da China até a Grã-Bretanha, do Japão até o Brasil” (NUNES, 2009, p. 7).

Em 1969 surge a Open University, no Reino Unido, em um momento que se acreditava muito na televisão como ferramenta de ensino, mas só iniciou a oferta de cursos em 1971. Esta universidade tem sido referência no mundo todo, influenciando inúmeras instituições que ofertam a modalidade a distância, “tanto por sua qualidade e respeitabilidade quanto pelo método de produção de cursos, a forma de articular as tecnologias comunicativas existentes e a preocupação com a investigação pedagógica” (NUNES, 2009, p. 7).

Já no Brasil, Alves (2009) relata que segundo pesquisas realizadas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o primeiro registro da modalidade a distância aponta que os cursos eram oferecidos antes de 1900, como o curso de Datilografia.

Em 1904, época da República no Brasil, são instaladas as Escolas Internacionais, que ofertavam cursos, literalmente, por correspondência, para pessoas que precisavam se capacitar para o mercado de trabalho, na maioria setores de comércio e serviços.

Ocorreu no Brasil a revolução via rádio e, em 1923, a rádio também tinha função de ser utilizada para educação popular. Segundo aponta Alves (2009), a rádio funcionava nas dependências de uma escola superior, que não durou muito tempo até que o poder público colocou fortes pressões para seu funcionamento, como a inexistência de comerciais, o que mantinha o projeto, desta forma:

Em 1936, sem alternativas, os instituidores precisaram doar a emissora para o Ministério da Educação e Saúde. Vale registrar que, os assuntos eram tratados por órgãos que tinham outras funções principais, mas que cuidavam, também, da instrução pública. (ALVES, 2009, p. 9).

Mesmo depois destes ocorridos, Alves (2009) registra que a rádio ainda foi utilizada por muito tempo para fins educacionais, surgindo até igrejas como a Adventista, com a Voz da Profecia, em 1943, que ofertava cursos bíblicos e a Católica que, em 1959, deu início à Educação de Base. O Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) também esteve presente neste cenário, quando, após sua criação em 1946, implanta a Universidade do Ar, no Rio de Janeiro e em São Paulo, atingindo 318 cidades.

Assim como no cenário internacional, no Brasil não foi diferente, a televisão foi e tem sido usada para fins educacionais. Ao contrário da rádio, na década de 1960 e 1970, há registros de incentivo para seu uso na educação.

Até os anos de 1970, o Brasil esteve entre os principais países no desenvolvimento da EAD no mundo. Segundo Alves (2009), após este período de sucesso, outros países avançaram e o Brasil entrou num marasmo. Apenas no final do milênio, a partir da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que o país começou avançar novamente na modalidade.

A LDB nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 2005), foi sancionada no Governo de Fernando Henrique Cardoso, tendo como principal objetivo a democratização e universalização da educação, desde a educação infantil até a educação superior, dando aporte à educação a distância na formação de jovens e adultos, também foi prevista a criação do Plano Nacional de Educação (PNE), documento com prazo decenal, que deve congrega objetivos e metas educacionais para cumprimento da união, estado e município.

Dando sequência ao histórico da EAD, Alves (2009) coloca que, o Código Brasileiro de Telecomunicações, publicado em 1967, determinava que as emissoras tanto de televisão quanto de radiodifusão deveriam apresentar programas educativos, isso ocorreu por muitos anos, até que na década de 1990 as emissoras foram desobrigadas de cumprir diariamente programas educacionais, o que se considerou um retrocesso para educação, pois as transmissões se firmavam como um pequeno sinal de avanço para a educação.

Há de se considerar, ainda, alguns projetos de iniciativa privada de sucesso, bem como projetos públicos como a TV Educativa, que incrivelmente pertence ao Ministério da Cultura (MinC) em vez do Ministério da Educação (MEC) e a TV Escola mantida pelo Governo Federal, que chega às escolas por meio da transmissão via satélite:

[...] a iniciativa positiva da Fundação Roberto Marinho, que criou alguns programas de sucesso, como os telecursos, que atenderam, e continuam a atender, um número incontável de pessoas, por meio de mecanismos de apoio, para que os alunos obtenham a certificação pelo poder público. (ALVES, 2009, p. 10).

Outro recurso que tem feito a Educação a Distância crescer a cada dia mais no Brasil e no mundo, é o uso de computadores e da internet, pois muitas Universidades a utilizam como ferramenta nos seus programas de educação, desde o desenvolvimento das atividades por parte dos alunos até o ato de assistir às aulas, cuja transmissão pode ocorrer de duas maneiras: Internet e satélite.

O uso do computador por quase todas as camadas da sociedade brasileira tem sido fruto dos baixos preços das máquinas, fator que tem facilitado o acesso à educação para diversas pessoas que estão separadas pelo espaço, em lugares geograficamente distantes dos grandes centros.

O computador, por permitir a utilização de recursos e sistemas, como por exemplo as plataformas adotadas e customizadas pelas Instituições de Ensino Superior como o Moodle (*Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*), de domínio público, tem propiciado um avanço nos processos de ensino e aprendizagem, uma vez que essas plataformas tem sido utilizadas como ambiente virtual de aprendizagem, podendo ser consideradas a sala de aula do aluno. Neste Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) o aluno pode interagir com colegas e professores, fazer e postar suas atividades, se integrar aos conteúdos e assistir aulas.

Na década de 2000 muitas Universidades e Centros Universitários obtiveram o Credenciamento do Ministério da Educação para a oferta da modalidade a distância, o que levou a um aumento significativo do número de alunos na modalidade. De acordo com Alves (2009, p. 11), “[...] a UFMG, foi a primeira no País a implantar efetivamente cursos de graduação a distância, e a UFP, recebeu o primeiro parecer oficial de credenciamento, pelo CNE, em 1998”.

O que se percebe, por meio de pesquisas realizadas no Portal do E-MEC, é que o desafio maior do MEC é cobrar a qualidade pedagógica e as estruturas adequadas dos Polos de Apoio Presencial. O que já se viu foi o funcionamento de Polos de Apoio Presencial em espaço inadequado para o ensino, como posto de combustível, shopping etc.

Entretanto, ainda falta um olhar especial do Poder Público para o avanço e desenvolvimento qualitativo desta modalidade; as legislações são falhas, as IES criam os seus próprios modelos, apenas se baseando nas Diretrizes Curriculares e se adaptando aos Instrumentos de Avaliação.

Segundo Alves (2009), a primeira legislação que tratou do Ensino a Distância no Brasil foi a LDB nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, dez anos depois foi liberado o uso da modalidade para o ensino supletivo.

A partir desse marco, muitos foram os caminhos percorridos para que agora, em pleno século XXI, essa modalidade passasse a ser reconhecida como um processo de universalização e democratização do ensino no Brasil.

No processo de universalização e democratização do ensino, especialmente no Brasil, onde os déficits e as desigualdades regionais são tão elevados, os desafios educacionais existentes podem ter, na Educação a Distância, um meio auxiliar de indiscutível eficácia. Além do mais, os programas educativos podem desempenhar um papel inestimável no desenvolvimento cultural da população em geral. (BRASIL, 2001).

Esse processo de universalização e democratização do ensino ocorre com mais intensidade a partir da nova LDB nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996, quando houve a ampliação e intensificação de cursos a distância em nível de Graduação. Propiciando a viabilidade legal e a democratização do ensino para aqueles que não têm a possibilidade de estarem no mesmo espaço e tempo, como é o caso dos alunos da modalidade presencial, além de alcançar uma dimensão social e geográfica que acaba por estimular o processo de inclusão educacional.

Como foi possível perceber até agora, a Educação a Distância consiste em uma modalidade de ensino de trajetória ainda muito jovem no Brasil. Muitas instituições de ensino superior estão em fase experimental, na busca da qualidade, não apenas pela exigência imposta pelo Ministério da Educação, mas por se tratar de uma modalidade de ensino em tendência crescente, e nela firmarão raízes e se destacarão apenas as instituições que primarem pela qualidade do ensino.

Nessa modalidade, a distância entre professor e aluno, seja pelo tempo seja pelo espaço, exige mudanças de perfis, novas posturas e novos paradigmas. Além disso, as metodologias utilizadas em cursos desta modalidade devem ser diferenciadas daquelas adotadas em cursos presenciais, procurando encurtar a distância física por meio da comunicação que as tecnologias proporcionam.

2.1 Aspectos Legais para oferta de EAD no Brasil

Segundo Zanatta e Costa (2008), no Brasil, nas décadas de 1940 e 1950, a educação passa por uma mudança de perfil, a população reconhece seus direitos em relação à educação e igualdade de oportunidades, por este motivo inicia as primeiras manifestações para aumento de vagas em escolas públicas.

Zanatta e Costa ainda registram que, junto a estas mudanças, surgem a expansão industrial, acompanhada de um crescimento econômico, que intensifica problemas sociais e confrontos ideológicos. É neste momento que, realmente, as pessoas tomam consciência de seus direitos, e surge necessidade do governo atender uma nova demanda educacional.

A EAD, neste período, já existia no Brasil, com cursos por correspondência, como já comentado anteriormente. Também nesta época o sistema radiofônico passa a atender a expansão escolar, seguido pela televisão, até chegar aos dias de hoje, com o uso de computadores e telefone. A Lei que autorizou a correspondência, o rádio, a televisão e outros meios de comunicação para uso da educação foi a Lei nº 5.692/71 (ZANATTA; COSTA, 2008).

Segundo Zanatta e Costa (2008, p. 24):

[...] nas décadas subsequentes a de 1940 e a de 1950, a expansão da escola pública ocorreu de modo gradativo, mas não de maneira satisfatória que pudesse atender à demanda excluída. A falta de legislação que favorecesse a outra modalidade de educação que não a presencial impediu o atendimento a um número maior de alunos e permitiu o crescimento da demanda excluída.

Com a aprovação da nova LDB nº 9.394/96, inicia-se várias ações de expansão da modalidade a distância, a fim de atender os déficits da educação, porém, o Ministério da Educação nunca apresentou um modelo definido para a oferta de cursos de graduação a distância.

Não há um modelo único de Educação à Distância! Os programas podem apresentar diferentes desenhos e múltiplas combinações de linguagens e recursos educacionais e tecnológicos. A natureza do curso e as reais condições do cotidiano e necessidades dos alunos são os elementos que irão definir a melhor tecnologia e metodologia a ser utilizada, bem como a definição dos momentos presenciais necessários e obrigatórios, para estágios supervisionados, práticas em laboratórios de ensino, tutorias presenciais nos pólos descentralizados de apoio presencial e outras estratégias. (BRASIL, 2007 b, p. 7).

A exigência para uma Instituição que almeje oferecer cursos de Graduação em EAD, é a solicitação junto ao MEC de credenciamento e autorização para oferta de cursos. E os cursos devem cumprir as mesmas exigências de cursos presenciais, como carga horária, provas presenciais e disciplinas comuns, ou seja, o cumprimento das Diretrizes Curriculares.

Em relação à emissão de diplomas, apenas Centros Universitários e Universidades credenciadas podem emití-los, e no diploma não existe nenhuma exigência de especificar a modalidade.

Em 1998, o Artigo 80 da LDB nº 9.394/06 foi regulamentado pelo Decreto nº 2.494/98, em 10 de fevereiro, propiciando “[...] a criação de novas modalidades de cursos que incorporassem novos conteúdos, práticas pedagógicas

inovadoras e procedimento de avaliação [...]” (ZANATTA; COSTA, 2008, p. 26). Este mesmo Decreto não incluiu a oferta de cursos de pós-graduação *stricto sensu* (Mestrado e Doutorado); e foi revogado pelo Decreto nº 5.622, em 2005 (BRASIL, 2005).

Zanatta e Costa (2008) esclarecem que o Decreto nº 2.561/98, de 27 de abril de 1998, também regulamentou o Artigo 80, alterando os Artigos 11 e 12 do Decreto nº 2.494/98, que transfere a responsabilidade do credenciamento de Instituições de Ensino Superior para oferta de EAD ao Ministério da Educação, ao passo que para cursos dirigidos à educação de jovens e adultos, ensino médio e cursos técnicos em nível médio, a responsabilidade de credenciamento deve ser das autoridades do sistema.

Ainda em 1998, foi normatizado o credenciamento de IES para a oferta de cursos de graduação tecnológica em EAD, por meio da Portaria Ministerial nº 301, em 07 de abril de 1998, sob análise do MEC, com parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE).

Em 2007, a Resolução nº 01 de junho de 2007 (BRASIL, 2007a), institui a oferta de cursos de pós-graduação *lato sensu*, especificando que as IES credenciadas junto ao MEC, independem de autorização, reconhecimento e renovação de reconhecimento para oferta de cursos.

Esta mesma Resolução ainda especifica a carga-horária mínima de 360 horas para cursos de pós-graduação *lato sensu* a distância (Especialização e MBA), e torna obrigatória avaliação presencial e apresentação presencial e individual de banca pública de monografia ou trabalho de conclusão de curso. Nesta mesma Resolução consta que os cursos de pós-graduação *stricto sensu* (Mestrado e Doutorado), ficam sob análise de autorização e reconhecimento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Um avanço para a educação superior no Brasil foi a liberação do MEC para oferta de 20% da carga-horária total de um curso presencial, em disciplinas a distância, pela Portaria nº 4.054, de 10 de dezembro de 2004 (ZANATTA; COSTA, 2008).

Em 2005, o Decreto nº 5.622 (BRASIL, 2005), estabelece que apenas IES credenciadas junto ao MEC podem requerer credenciamento para oferta de cursos a distância. Para isto, é necessário que a IES apresente documentos que comprovem estrutura tecnológica, física e de recursos humanos adequados à oferta de cursos.

Outro avanço para a educação superior no Brasil foi em 2006, quando foi instituído o Sistema Universidade Aberta do Brasil, pelo Decreto nº 5.800, de 08 de junho, cujo objetivo maior foi levar educação ao interior do país, em parceria com IES públicas e Governo Federal (ZANATTA; COSTA, 2008).

Antes da LDB nº 9.394/96, muitos professores atuavam na educação básica sem formação superior, mas, com a promulgação da LDB, exigiu-se a formação superior a todos estes professores, até o ano de 2007; o que levou ao crescimento acentuado da oferta de cursos na modalidade a distância.

Na modalidade a distância, a quebra de paradigmas continua sendo o maior desafio para Instituições e estudantes. Contudo, o preconceito instituído há décadas em nosso país vem diminuindo, e estamos avançando muito na aceitação da modalidade. Ao contrário do Brasil, países de primeiro mundo como os Estados Unidos da América e alguns países da Europa, optam pela contratação de profissionais desta modalidade.

A EAD era considerada uma modalidade educacional de segunda categoria, desprestigiada, e suscitava desconfiança sobre a sua qualidade educativa. Atualmente, a necessidade de mudanças em todas as instâncias sociais, pelo desenvolvimento e pela utilização das novas tecnologias de informação e de comunicação; a demanda crescente de excluídos do processo educacional e a necessidade imposta na LDB para a formação de professores com curso superior impulsionaram o crescimento da EAD, reduzindo os preconceitos. (ZANATTA; COSTA, 2008, p. 36).

2.2 Crescimento da EAD no Brasil

A Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), criada em 21 de junho de 1995 por um grupo de educadores amantes da Educação a Distância e por tecnologias de aprendizagem, acompanha anualmente o crescimento e desenvolvimento da EAD no Brasil.

Com o intuito de tornar a modalidade respeitada, aumentar a demanda de cursos e, sobretudo, buscar qualidade contínua da aprendizagem a distância, a ABED tem promovido, anualmente, o Congresso Internacional de EAD, com a participação de renomados estudiosos e pesquisadores de EAD, de grandes países como Estados Unidos da América, França, Inglaterra, Índia entre outros, estes participantes trocam experiências e apresentam seus modelos pedagógicos e tecnológicos (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2012).

Um dos papéis da ABED também é realizar pesquisas junto aos alunos, a fim de medir a satisfação deles em relação a Instituição, curso, material didático, metodologia, recursos tecnológicos. Além disso, a Associação aplica um questionário às Instituições que ofertam a modalidade a distância, independente do nível de ensino, para formatar o Censo, que é publicado em língua portuguesa e língua inglesa. A Tabela 1, apresentada abaixo, foi extraída do Censo de 2009.

TABELA 1 - Crescimento das matrículas em cursos de graduação em EAD

Ano	Curso EAD	Aluno EAD	Aluno Presencial	Total da Graduação	Participação da EAD no total de alunos matriculados
1995	1	352	1.759.351	1.759.703	0,02
2000	10	1.652	2.692.563	2.694.245	0,06
2001	16	5.359	3.025.395	3.030.754	0,17
2002	46	40.714	3.479.913	3.520.627	1,15
2003	52	49.911	3.887.022	3.936.933	1,26
2004	107	59.611	4.163.733	4.223.344	1,41
2005	189	114.642	4.453.156	4.567.798	2,57
2006	349	207.206	4.676.646	4.883.852	4,24
2007	408	369.766	4.880.381	5.250.147	7,04
2008	647	727.961	5.080.056	5.808.017	12,53

Fonte: Torres (2011, p. 39)

Com base na Tabela 1, é possível verificarmos que o crescimento da modalidade de Educação a Distância no Brasil tem sido constante, especialmente a partir de 2003.

Este crescimento ocorre em razão das vantagens que a modalidade oferece, como flexibilidade de horário e baixos custos, sendo os principais atrativos, principalmente para aqueles que não têm condições financeiras de estudar na educação presencial ou, até mesmo, pagar um cursinho para concorrer a uma vaga em Instituições públicas, e também para pessoas que necessitam trabalhar em horários que impedem a frequência diária na graduação. Cabe salientarmos que a vantagem de flexibilidade de horário não pode ser confundida com facilidade, pois trata-se de uma modalidade que cumpre as mesmas exigências estabelecidas pela modalidade presencial.

Outro fator de relevância para este crescimento é a necessidade de mão de obra qualificada, o que leva as pessoas a buscarem se capacitar cada vez mais para concorrerem em nível de igualdade no mercado de trabalho.

3 INTERAÇÃO E INTERATIVIDADE NA EAD

A educação, em seu processo formal, nasceu na Grécia (Marrou, 1975), e desde então as figuras presentes nos processos de ensino e de aprendizagem são, respectivamente, o professor e o aluno, assim sendo, esses dois processos não se consagram sem esta união.

Mas, centenas de anos se passaram, e surgiram vários recursos que estão sendo utilizados a favor deste processo, entre eles as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

A utilização das tecnologias como recurso educacional, colocou em evidência os termos interação e interatividade, os quais têm sido muito discutidos por educadores, que os consideram uma forma de mediar conhecimento entre pessoas por meio de computadores. Para a SEED/MEC, “[...] o princípio da interação e da interatividade é fundamental para o processo de comunicação e devem ser garantidos no uso de qualquer meio tecnológico a ser disponibilizado” (BRASIL, 2007b, p. 10).

Mattar (2009, p. 112), ao descrever os conceitos de Wagner (1994, 1997), salienta que:

A interação envolveria o comportamento e as trocas entre indivíduos e grupos que se influenciam, nos casos em que há eventos recíprocos que requerem pelo menos dois objetos e duas ações. Já interatividade envolveria os atributos da tecnologia contemporânea utilizada na EAD, que permite conexões em tempo real. Ou seja, a interação estaria associada às pessoas, enquanto a interatividade à tecnologia e aos canais.

Compartilhamos deste pensamento, porém, acreditamos não haver distinção de sentidos, apenas que a interação está ligada ao contato entre pessoas em um mesmo espaço e tempo, e a interatividade também está ligada às pessoas, mas por meio de um recurso tecnológico, não preso a espaço e nem a tempo. Por isso é um termo muito utilizado na EAD, sobretudo nas bases teóricas que alicerçam os projetos pedagógicos, tanto para atividades síncronas como assíncronas.

A interação/interatividade entre indivíduos pode ocorrer por diversas formas, entretanto, direcionaremos nosso estudo para a interação/interatividade realizada por meio do uso de computadores. Para isso, apresentaremos sucintamente a teoria de Vygotsky, que defende a interação social.

Vygotsky, influenciado pelo cenário político-social que o ladeou, se apoiou na filosofia empirista de Locke.

Até a segunda metade do século XIX, o estudo da natureza humana era um atributo da filosofia. Os seguidores de John Locke, na Inglaterra, desenvolveram sua concepção empiricista da mente, que enfatizava a origem das ideias a partir de sensações produzidas por estimulação ambiental. (VYGOTSKY, 2007, p. XVIII).

A partir deste período, surgiram vários estudiosos, entre eles Kornilov que se preocupou em estudar as funções psicológicas superiores, adotando os postulados filosóficos de Marx. “Kornilov, que denominava sua própria abordagem de reatologia, procurou submeter todos os ramos da psicologia a uma estrutura marxista, usando as reações comportamentais como os elementos básicos” (VYGOTSKY, 2007, p. XXII). Infelizmente, não obteve sucesso ao tentar elucidar o papel da consciência humana.

Ao iniciar seus estudos em psicologia, Vygotsky se influenciou em Kornilov, o que não se estendeu por muito tempo, até discursar que não existia nenhuma escola que servisse como base nos processos psicológicos humanos, na palestra intitulada “Consciência como um Objeto da Psicologia do Comportamento”, no segundo encontro de neuropsicologia do Instituto de Psicologia de Moscou.

Desta forma, passa a estudar a gênese cultural, o que o levou a se tornar o “pioneiro na descrição dos mecanismos pelos quais a cultura torna-se parte da natureza de cada pessoa, enfatizando as origens sociais da linguagem e do pensamento” (PALANGANA, 2001, p. 90). Neste momento, junta-se ao postulado de Kornilov, ao demonstrar “como a epistemologia dialético-materialista deveria orientar o estudo dos fenômenos psíquicos” (PALANGANA, 2001, p. 90).

Ao analisar os estudos de Vygotsky, são evidentes as influências de Marx e Engels, especialmente ao encontrar subsídios na dialética materialista, no intuito de desenvolver uma teoria que explicasse o desenvolvimento das funções superiores do comportamento humano.

Companheiros de Vygotsky, “Leontiev e Luria, declaram que a filosofia marxista produziu uma revolução sem precedentes na história das ciências sociais” (PALANGANA, 2001, p. 107).

Nessa perspectiva, Marx (1983, p. 20) salienta:

Por sua fundamentação, meu método dialético não só difere do hegeliano, mas é também sua antítese direta. Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de idéia, transforma num sujeito autônomo, é demiurgo do real, real que constitui apenas sua manifestação externa. Para mim, pelo contrário, o ideal não é nada mais que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem.

Tomando-se por base a citação de Marx, fica evidente que o homem é quem cria sua própria história e transforma a sociedade pelas suas relações sociais no trabalho. Neste sentido, Vygotsky tece discussão sobre o conceito socioconstrutivista, defendendo que a aprendizagem só ocorre por meio da interação entre sujeitos, para que se possa obter a aprendizagem e, por consequência, o desenvolvimento.

Para Vygotsky, o desenvolvimento do pensamento é mediado pela linguagem, o que exige interação (intercâmbio) entre sujeitos, exprimindo a necessidade das relações sociais, assim, admitindo a presença de signos, que estabelecem conectividade entre o externo e o pensamento. Vygotsky (2007, p. 56) ainda compreende que:

Na fase inicial o esforço da criança depende, de forma crucial, dos signos externos. Através do desenvolvimento, porém, essas operações sofrem mudanças radicais: a operação da atividade mediada (por exemplo, a memorização) como um todo começa a ocorrer como um processo puramente interno. Paradoxalmente, os últimos estágios do comportamento da criança assemelham-se aos primeiros estágios de memorização, que caracterizavam-se por um processo direto. [...] Nos níveis mais superiores, parece que ela deixou de ter qualquer dependência em relação aos signos. Entretanto, essa aparência é apenas ilusória. O desenvolvimento neste caso, como frequentemente acontece, se dá não em círculo, mas em espiral, passando por um mesmo ponto a cada nova revolução, enquanto avança para um nível superior.

Palangana (2001, p. 122), também considera que o desenvolvimento do pensamento ocorre pela interação do indivíduo com seu meio. Assim, esse convívio permitirá a construção de significados:

De acordo com a psicologia histórico-cultural, são os significados, elaborados na prática social e veiculados pela linguagem, que de fato possibilitam o desenvolvimento do reflexo psíquico superior ou consciência. Interagindo com outras pessoas, a criança, gradativamente, apropria-se da linguagem, internalizando seu conteúdo social, quer dizer, seus significados.

Quanto à interação entre desenvolvimento e aprendizagem, na concepção de Vygotsky, não coincidem, não ocorrem simultaneamente, pelo contrário, a aprendizagem ocorre em primeiro plano e, uma vez bem organizada, pode gerar desenvolvimento, ou seja, o processo de desenvolvimento é moroso e dependente da aprendizagem.

Vygotsky ainda se preocupou em saber como acontece o processo de internalização do conhecimento, com o intuito de compreender, da forma mais clara possível, os processos de aprendizagem e desenvolvimento. Para isto, observou e diagnosticou que a internalização do conhecimento no homem é marcada pela história e o meio social que o cerca, pela linguagem, pela interação entre pessoas, a troca de experiências, criando um significado linguístico e o conhecimento de sua cultura. Portanto, “[...] o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam” (VYGOTSKY, 2007, p. 100).

Para Vygotsky (2007, p. 101):

As crianças podem imitar uma variedade de ações que vão muito além dos limites de suas próprias capacidades. Numa atividade coletiva ou sob a orientação de adultos, usando a imitação, as crianças são capazes de fazer muito mais coisas. Esse fato, que parece ter pouco significado em si mesmo, é de fundamental importância na medida em que demanda uma alteração radical de toda a doutrina que trata da relação entre aprendizado e desenvolvimento em crianças.

De acordo com Palangana (2001, p. 131):

O processo de apropriação do conhecimento se dá, portanto, no decurso do desenvolvimento de relações reais, efetivas, do sujeito com o mundo. Vale ressaltar que estas relações não dependem da consciência do sujeito individual, mas são determinadas pelas condições histórico-sociais concretas nas quais ele está inserido, e ainda pelo modo como sua vida se forma nestas condições.

Vygotsky entendeu o organismo humano, acreditando que a variação de ambiente socio-histórico interfere diretamente no desenvolvimento cognitivo do indivíduo. E que o estudo da dialética entre biológico e cultural se complementam, pois as interações ocorridas entre ambos complementam o desenvolvimento cognitivo. Porém, a primeira resposta de ação da criança ao mundo está ligada ao biológico, e ainda por meio da mediação com indivíduos mais experientes, os processos cognitivos superiores tomam forma.

[...] Vygotsky preocupou-se, justamente, em mostrar que o desenvolvimento das funções psíquicas superiores não se prende a leis biológicas, mas a leis sociais e, por isso, históricas. Para ele, a natureza humana é, desde o início, essencialmente social: é na relação com o próximo, numa atividade prática comum, que os homens, mediados pelos signos e instrumentos, se constituem e se desenvolvem enquanto tal. Vygotsky interpretou a interação humana no seio de um contexto histórico destacando a linguagem como instrumento que promove a formação do psiquismo. (PALANGANA, 2001, p. 149).

Com o intuito de mostrar a importância das interações sociais no desenvolvimento cognitivo, Vygotsky criou o conceito de zona de desenvolvimento proximal, cujo objetivo é entender o curso interno do desenvolvimento da criança e, desta forma, operar diante das possibilidades imediatas dela.

Para a formação deste conceito Vygotsky (2007, p. 94) estudou: “primeiro, a relação geral entre aprendizado e desenvolvimento; e, segundo, os aspectos específicos dessa relação quando a criança atinge a idade escolar”.

No decorrer destes estudos, percebeu que a criança adquire conhecimento (aprende), muito antes de frequentar a escola, ou seja, ao chegar na escola ela já apresenta um pré-conhecimento. Vygotsky (2007), em sua obra *Formação Social da Mente*, apresenta a aritmética como exemplo, colocando que a criança, mesmo sem ter consciência, tem experiências com quantidade, divisão, adição e subtração, sem ainda ter frequentado a escola.

Valendo-se deste dado, o professor deve diagnosticar os pré-conhecimentos de seus alunos, a fim de preparar suas aulas, direcionando para o que realmente é necessário para a aprendizagem, mas se antevendo à experiência de cada indivíduo, uma vez que cada um tem sua própria experiência, influenciada pelo meio social com o qual interage.

Segundo Vygotsky (2007), o pré-conhecimento ou aprendizado pré-escolar é considerado um aprendizado não sistematizado, ao passo que o escolar é visto como um aprendizado sistematizado, o que necessita entender o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal. Por esta razão, Vygotsky determinou dois níveis de desenvolvimento: o real e o potencial.

Antes ainda de descrever estes dois níveis de desenvolvimento, Vygotsky apresenta:

Um fato empiricamente estabelecido e bem conhecido é que o aprendizado deve ser combinado de alguma maneira com o nível de desenvolvimento da criança. [...] Só recentemente, entretanto, tem-se atentado para o fato de

que não podemos nos limitar meramente à determinação de níveis de desenvolvimento, se o que queremos é descobrir as relações reais entre o processo de desenvolvimento e a capacidade de aprendizado. (VYGOTSKY, 2007, p. 95).

Vygotsky (2007) considera, ainda, em relação aos dois tipos de nível de desenvolvimento – o real e o potencial –, que um é consequência do outro, assim, para que uma criança atinja o nível de desenvolvimento real, ela passa pelo nível de desenvolvimento potencial.

O nível de desenvolvimento potencial passa por um processo interpessoal, ou seja, compartilhado. O indivíduo, ao se relacionar, dialogar, trocar experiências com o outro, está desenvolvendo e adquirindo conhecimento; desta forma, o processo de construção do conhecimento está se desenvolvendo e criando raízes para que, amanhã, se torne o nível de desenvolvimento real, o que significa aprendizado espontâneo, sem a ajuda do outro.

[...] o nível de desenvolvimento real de uma criança define funções que já amadureceram, ou seja, os produtos finais do desenvolvimento. Se uma criança pode fazer tal e tal coisa, independente, isso significa que as funções para tal e tal coisa já amadureceram nela. (VYGOTSKY, 2007, p. 97).

Então, a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) é caracterizada como: “A distância entre o que a criança aprende espontaneamente (nível de desenvolvimento real) e aquilo que ela realiza com o auxílio do meio (nível de desenvolvimento potencial) [...]” (PALANGANA, 2001, p. 152).

O que também pode ser entendido como o espaço entre a aprendizagem que a criança adquire sozinha, e a aprendizagem que ela adquire por meio das interações com o outro, o que possibilita entender o real papel desempenhado pela interação.

A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas ‘brotos’ ou ‘flores’ do desenvolvimento, em vez de ‘frutos’ do desenvolvimento. (VYGOTSKY, 2007, p. 98).

O conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal também pode ser utilizado por educadores e psicólogos para identificar o desenvolvimento interno da criança, podendo detectar o desenvolvimento mental retrospectivo, que significa

nível de desenvolvimento real ou ciclo já completado, e o desenvolvimento prospectivo, que significa nível de desenvolvimento potencial ou cognitivo em formação.

Utilizar o conceito de ZDP como instrumento para detectar o desenvolvimento da criança, permite traçar o futuro imediato, do que foi adquirido em termos de desenvolvimento e o que está em processo de formação ou maturação.

A zona de desenvolvimento proximal pode, portanto, tornar-se um conceito poderoso nas pesquisas do desenvolvimento, conceito este que pode aumentar de forma acentuada a eficiência e a utilidade da aplicação de métodos diagnósticos do desenvolvimento mental e problemas educacionais. (VYGOTSKY, 2007, p. 99).

Portanto, a interação é uma ferramenta muito importante na construção do conhecimento. Como pudemos verificar até o momento, Vygotsky se apoia no materialismo-histórico e defende arduamente que a interação social constrói e transforma o homem, sendo assim, entendemos que Vygotsky dará base à análise da coleta de dados, por se tratar de um teórico que defende: “[...] um interacionismo onde se prioriza, de fato, a interação entre indivíduo e meio ambiente (entendido enquanto o contexto sócio-histórico em que se vive), admitindo-se, dessa forma, uma determinação mútua entre ambos” (PALANGANA, 2001, p. 161).

Assim, constata-se que a construção do conhecimento se dá por intermédio das trocas sociais, por meio da interação entre indivíduos envolvidos num dado espaço histórico e social, regidas pela cultura instituída na interação.

Nesse sentido, o papel do social no processo de construção do conhecimento é extremamente relevante: sua contribuição na constituição das funções superiores do pensamento é tão profunda e significativa quanto a que se atribui ao sujeito. De acordo com esse raciocínio, homem e sociedade compõem, de fato uma totalidade, em cujo movimento dialético se produz aprendizagem e desenvolvimento. (PALANGANA, 2001, p. 163).

Portanto, a teoria socioconstrutivista tem como pressuposto a descoberta individual, sustentada pelo ambiente social, tendo como protagonistas de seu desenvolvimento alunos e professores; os quais, por suas trocas (interações), desempenham um papel fundamental ao praticarem o diálogo, além de desenvolverem uma compreensão compartilhada de suas atividades, e pela possibilidade de *feedbacks* e representações construídas pelos alunos.

Esta teoria – cujo principal teórico é Vygotsky – ainda se preocupa com os conceitos e as habilidades desenvolvidas pelos alunos, objetivando que o aluno ultrapasse sua capacidade individual (aprendizagem na zona de desenvolvimento proximal), requerendo ao aluno o desenvolvimento de atividades colaborativas.

Segundo Filatro (2009, p. 99-100, grifos nossos), na teoria socioconstrutivista existem algumas implicações nos processos de ensino, aprendizagem e avaliação, conforme seguem:

Implicações para a aprendizagem: Desenvolvimento conceitual por meio de atividades colaborativas. Problemas pouco estruturados. Oportunidades para discussão e reflexão. Domínio compartilhado da tarefa.

Implicações para o ensino: Ambientes colaborativos e desafios apropriados. Encorajamento a experimentação e descoberta compartilhadas. Foco em conceitos e habilidades existentes. Treinamento e modelagem de habilidades, inclusive sociais.

Implicações para a avaliação: Compreensão conceitual (aplicada a conhecimentos e habilidades). Desempenho estendido. Processos e participação tanto quanto resultados. Certificados variados de excelência. Avaliação por pares e responsabilidade compartilhada.

O conhecimento da teoria socioconstrutivista, em especial suas aplicações e implicações, torna-se fundamental para compreendermos as peculiaridades de uma modalidade EAD, que tem a seu favor inúmeros recursos tecnológicos. Entretanto, apenas isso não é suficiente, é preciso ir muito além, tendo como expectativa a figura do professor, que conheça e aprenda como adaptar as metodologias de ensino às teorias que sustentarão o aprendizado do aluno.

Considerando a teoria acima descrita, esperamos utilizá-la como base teórica de análise do material coletado, por entendermos que estimula a aprendizagem colaborativa e as associações de sentidos, aproximando teoria e prática, sobretudo para uma modalidade de ensino como a EAD, que tem a seu favor as inovações tecnológicas e metodológicas.

3.1 Andragogia

Ainda visando compreender como ocorrem os processos de ensino e aprendizagem em pessoas adultas, consideramos necessário conhecer, mesmo que sucintamente, as teorias que podem auxiliar estes processos, a saber: a andragogia e a heutagogia.

A etimologia da palavra *andragogia* vem do grego *andros* que significa adulto e *agogus* que significa guiar, conduzir, educar. O termo andragogia foi utilizado pela primeira vez em 1833, por Kapp, professor alemão e, a partir de então, muitos são os estudiosos que pesquisam e discutem essa teoria.

Fontes como do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Censo do Ministério da Educação (MEC) apontam que, na última década, ocorreu um aumento significativo de adultos que voltaram a estudar, vislumbrando na educação uma ponte ou caminho que os conduzam ao sucesso profissional e pessoal. Sendo assim, a andragogia pode ser considerada como um novo conceito educacional “voltado à educação de adultos que tomam a decisão de aprender algo que seja importante para sua vida e trabalho” (ALMEIDA, 2009, p. 105).

Neste cenário, a atuação do professor precisa ser remodelada, considerando a experiência do aluno, e a andragogia permite um novo olhar sobre o processo de ensinar e aprender; alterando a pedagogia utilizada, que é tida por muitos educadores como o processo de aprendizagem de crianças. A etimologia da palavra *pedagogia* em grego *paid* significando criança e *agogus* que significa guiar, conduzir, educar, sendo assim, o propósito é conhecer como se dá o trabalho com a andragogia.

Para Knowles (1976 apud TEIXEIRA, 2011, p. 1), a andragogia é a “arte e a ciência destinada a auxiliar os adultos a aprender e a compreender o processo de aprendizagem dos adultos”.

Segundo Teixeira (2011), alguns estudos sobre aprendizagem adulta apontam que existe uma dificuldade, por parte de alunos já experientes, pois alguns não aceitam os conceitos ministrados pelo professor, por entender que já os conhecem, e outros têm problemas em aprender; o que revela a necessidade de mudança de postura por parte do professor que é responsável pelo processo de ensino; assim, a tomada de consciência para mudança didática e metodológica, deve fazer parte do processo de construção do conhecimento. O que de nada implica, porque a andragogia deixou de ser apenas uma formulação teórica, e passou a ter consistência pelo sucesso nas experiências de suas aplicações.

Há os que dizem que a andragogia confronta com a pedagogia que é a ciência de ensinar crianças e jovens. Nesta perspectiva, é possível observarmos as especificidades destas correntes teóricas e suas peculiaridades para o processo de aprendizagem dos sujeitos, conforme aponta o Quadro 1, elaborado por Rinaldi (2006):

QUADRO 1 - Comparação entre Pedagogia e Andragogia, e suas implicações para a aprendizagem

CARACTERÍSTICAS DA APRENDIZAGEM	PEDAGOGIA	ANDRAGOGIA
Relação Professor (Formador)/Aluno	Professor é o centro das ações, decide o que ensinar e avalia a aprendizagem.	A aprendizagem adquire uma característica mais centrada no aluno, na independência e na autogestão da aprendizagem. Embora o acompanhamento do professor seja tão importante e necessário.
Razões/Motivos da Aprendizagem	Crianças (ou adultos) devem aprender o que a sociedade espera que saibam (seguindo um currículo padronizado e hierarquizado).	Pessoas adultas aprendem o que realmente têm interesse e precisam saber (aplicação prática na vida diária).
Experiência do Aluno	O ensino é didático, hierarquizado, padronizado e a experiência do aluno tem pouco valor e contribuição.	A experiência é uma rica fonte de aprendizagem. As discussões e interações em grupo favorecem a solução de problemas e a definição de novas metas para o aprendiz.
Orientação da Aprendizagem	Aprendizagem por assunto ou matéria.	Aprendizagem baseada em problemas reais, exigindo ampla gama de conhecimentos para se chegar à solução. É necessário, ao professor, domínio do conteúdo específico para que consiga dar conta das necessidades e exigências advindas em processo por parte dos alunos. Assim, a base de conhecimento do professor será constantemente acionada e ampliada, na medida em que tem que lançar mão de estratégias para garantir o aprendiz. O professor/formador atuará como um mediador nos processos de ensino.

Fonte: Rinaldi (2006, p. 45).

Podemos considerar oportuna a descrição dos conceitos de andragogia, apontados acima, considerando os atores envolvidos professor/aluno e características da aprendizagem. Não menosprezando a pedagogia, este tipo de metodologia propicia uma aprendizagem mais prazerosa e enriquecedora, pois é considerada a figura do aluno, o desejo e a necessidade dele; assim, a construção do conhecimento se dá de forma coletiva e participativa.

No caso da EAD, a andragogia pode ser adotada como a possibilidade de propiciar uma aprendizagem atraente, envolvendo o aluno que, mesmo distante fisicamente, pode contribuir na sua formação e na de seus colegas, participando ativamente de atividades síncronas e assíncronas (*chat* e fórum). Para que isto ocorra, é necessário que o professor formador e o tutor estejam engajados nos processos de ensino e aprendizagem colaborativa, instigando a participação e interação dos alunos.

Ainda em relação à EAD, no que tange aos cursos de Graduação e Pós-Graduação *Lato Sensu*, o conceito da andragogia pode ser utilizado pelos gestores, mais especificamente coordenadores de cursos e de ensino, para elaboração do projeto político pedagógico e do projeto pedagógico do curso, considerando suas eficácias na construção, desconstrução e reconstrução do conhecimento, por permitir o envolvimento do aluno nos processos de ensino e aprendizagem colaborativa.

No entanto, devemos considerar algumas implicações para que seu funcionamento ocorra a contento e se obtenha um resultado de qualidade no ato de ensinar e aprender. Para Knowles (1976 apud TEIXEIRA, 2011, p. 1), a andragogia:

[...] apoia-se em quatro hipóteses sobre as características do adulto enquanto “aprendiz”, características essas que são fundamentalmente diferentes da criança como aprendiz, objeto da Pedagogia. Estas quatro hipóteses consideram que, ao atingir a idade adulta, o indivíduo:

- 1- Modifica o seu auto-conceito deixando de ser um indivíduo dependente (conforme a Pedagogia) para ser um independente, autodirigido;
- 2- Acumula uma crescente reserva de experiências e conseqüentemente um maior volume de recursos de aprendizagem;
- 3- Tem sua motivação de aprendizagem cada vez mais orientada para buscar desenvolver seus papéis sociais;
- 4- Modifica sua “perspectiva de tempo” em relação a aplicação de conhecimentos; para os adultos o maior interesse é de conhecimentos de aplicação mais imediata e em conseqüência a sua aprendizagem deve deixar de ser centralizada no conteúdo para centralizar-se no problema.

Analisando as implicações apresentadas por Knowles, esmiuçadas por meio de hipóteses, o processo de ensinar e aprender com adultos é muito mais de orientar o conhecimento e facilitar a aprendizagem, moderando os conteúdos conforme surgem as necessidades; a aprendizagem deixa de ser operada pelo ensino e passa a ser cooperada, surgindo a aprendizagem colaborativa entre as partes (professor/aluno) e os pares (aluno/aluno).

Uma das alterações que devem ocorrer, ao trabalhar com o conceito da andragogia, é o discurso formado e transmitido pelo professor, que deve ser o mais moderado possível, considerando o conhecimento do aluno, tendo empatia, extinguindo um discurso autoritário e pedante.

Teixeira (2011, p. 2) apresenta, em seu artigo “A *andragogia* e seus princípios”, os seis princípios de Gibb (1960), a respeito da aprendizagem de adultos efetiva:

1- A aprendizagem deve ser centralizada em problemas

Muitas das experiências de aprendizagem consistem em um conflito entre o professor que vê os problemas do seu próprio quadro de referências e o aluno que possui um outro conjunto de experiências a partir das quais deriva um conjunto de problemas diferentes.

2- A aprendizagem deve ser centralizada em experiências

O problema do professor para desenvolver uma atmosfera de aprendizagem adequada é ajudar que sejam escolhidos e oferecidos tipos de experiência relacionadas com o problema do estudante.

3- A experiência deve ser significativa para o estudante

As diferentes limitações do estudante em experiências, idades, equilíbrio emocional e aptidão mental podem limitar ou bloquear a sua percepção de que a experiência é significativa para seu problema.

Além disso o significado das experiências não são percebidas pelo aluno do tipo não participativo.

4- O aprendiz deve ter liberdade de analisar a experiência

Para melhor descrever qual a atmosfera adequada para aprendizagem de adultos podem ser usadas as seguintes palavras: permissiva, de apoio, de aceitação, livre, espontânea, centralizada na realidade e no indivíduo. A aprendizagem é uma experiência social.

5- As metas e a pesquisa deve ser fixadas e executadas pelo aluno

O estudante deve sentir-se livre de errar, de explorar alternativas para solução dos problemas e de participar nas decisões sobre a organização do seu ambiente de aprendizagem.

6- O aluno deve receber o “feed-back” sobre o seu progresso em relação as metas

Um bom exemplo de oportunidade para avaliação formativa e ao mesmo tempo capaz de proporcionar esse “feed-back” é fazer que o aluno participe de avaliações periódicas ao longo do curso; para tanto é necessário que o curso seja compartimentado em módulos ou unidades estanques e capazes de serem “isoladamente avaliadas” em lugar da solução tradicional de um trabalho ou exame ao final do curso.

Verificamos, ainda, que a andragogia é conceituada como filosofia, ciência e técnica da educação de adultos, na qual a experiência do aluno adulto deve ser considerada em todo o processo de ensino e aprendizagem, o professor não apenas ensina, mas também aprende; desse modo, ambos – professor e aluno – contribuem para a construção do conhecimento.

Almeida (2009), ao pesquisar os conceitos da androgogia, reflete sobre o que Pierre Furter conceituou, em 1974, em relação à andragogia como ciência da

educação ligada ao estudo da formação do homem ao longo da vida. Dessa maneira, a aprendizagem está atrelada ao autodidatismo, ao levar em consideração que o indivíduo está apto ao conhecimento contínuo, independente do tempo e lugar.

3.2 Heutagogia

Na sequência, apresentaremos o conceito da heutagogia, que se estabelece por meio da autoaprendizagem, unificada à interdependência e à interaprendizagem, evidenciando um processo de autogestão e cogestão da aprendizagem.

Para melhor entender, a etimologia da palavra *heutagia*, *heuta* significa auto, próprio e *agogus* significa guiar, conduzir, educar. Para Hase e Kenyon (2000 apud ALMEIDA, 2009), a heutagogia se realiza no desenvolvimento do indivíduo ao lidar com o mundo que se transforma a todo o momento.

Entre os autores que escrevem a este respeito encontra-se Freire, conhecido por seu trabalho educativo com jovens e adultos, trazendo importantes contribuições, uma vez que seu estudo está diretamente relacionado a andragogia e heutagogia, especialmente quando afirma que “educador e educando, os dois seres criadores, libertam-se mutuamente para chegarem a ser, ambos, criadores de novas realidades” (FREIRE, 1980, p. 10). Assim, a integração entre professor e aluno poderá provocar/promover um diálogo de transformação e inserção de conhecimentos entre ambos.

Almeida (2009, p. 107), ao analisar as muitas contribuições de Freire (1997) a respeito da heutagogia, acrescenta que o autor:

[...] acentua a dialética que se estabelece entre o contexto concreto espaço-temporal e o contexto teórico, percebido quando se toma distância da experiência para melhor compreendê-la. O contexto histórico trata da reflexão crítica sobre a experiência a partir do questionamento, aguçado pela curiosidade epistemológica sobre o saber implícito nessa prática, qual a ‘razão de ser’ da experiência e como transformá-la para que seja eficaz no alcance de seus propósitos.

Analisando estas ideias, percebemos que o que se requer, nos processos de ensino e aprendizagem, é que os envolvidos no processo estejam conscientes e tenham coerência ao entender que é preciso considerar a experiência de vida dos alunos, socialmente e culturalmente, além de trabalhar em função de oferecer uma educação que seja colaborativa, transformadora e reflexiva, atendendo

necessidades específicas da educação de jovens e adultos, por meio de metodologias com embasamento teórico.

Os dois conceitos – andragogia e heutagogia – mostram inter-relação quando trabalhados a serviço da educação. A andragogia, como já mencionamos, é a ciência que trata da educação de adultos; ao passo que a heutagogia surge da autoaprendizagem, do conhecimento compartilhado, podendo ser conceituada como processo de autogestão e cogestão da aprendizagem.

Dessa maneira, o processo de aprendizagem do adulto, se entendido por meio de estudiosos como Vygotsky com sua discussão sobre interação social e Freire acerca da educação transformadora, considerados teóricos interacionistas, pode trazer inúmeros benefícios na elaboração das várias metodologias da educação pautadas em qualidade, para um público já experiente, como é o perfil dos alunos da EAD (ALMEIDA, 2009).

Para o emprego de ideias pedagógicas na EAD, o professor necessita estar preparado para o exercício de elaboração de conteúdos, bem como o ato de ensinar a aprender, neste ponto, o exercício de análise e reflexão deverá ser afluído no professor, a fim de que os processos de ensino e aprendizagem ocorram de forma permitir que o aluno adquira conhecimentos significativos de associações, tornando-se, assim, uma aprendizagem colaborativa.

Diante do exposto, e até do que apresentamos na conceituação de andragogia, evidenciamos que, realmente, a mudança de perfil do professor da EAD é necessária, pois sua interação com o aluno, na maioria das vezes, é assíncrona, não acontecendo em tempo real; por este motivo, o que se requer, é que o aluno também tenha uma mudança de perfil, sendo mais organizado, dinâmico, reflexivo e autodidata, para que alcance resultado positivo no processo de aprendizagem e os *feedbacks* recebidos correspondam às expectativas.

A autogestão do conhecimento é fundamental para o aluno da EAD, uma vez que os processos de ensino e aprendizagem acontecem de forma síncrona ou assíncrona.

O aluno da EAD pode até ser considerado solitário; contudo, ao contrário do aluno do modelo tradicional, a modalidade a distância, por meio de seus recursos tecnológicos, permite o contato e a interação de forma mais efetiva entre alunos e professores/tutores, diferenciando-se do modo presencial.

A figura do aluno da EAD é notada por alguns estudiosos como o sujeito do **eu**, solitário. Porém, este mesmo sujeito solitário é quem administra seu tempo e seu desejo, e sua experiência contará para o desenrolar da aprendizagem, sendo ele o ator do seu próprio conhecimento.

Assim sendo, o sujeito **eu** autônomo adquire conhecimento e sucesso na aprendizagem se for um estudante responsável, disciplinado, organizado, comprometido e reflexivo. No entanto, é preciso destacar que a EAD se firma como modalidade de ensino por ter em seu cenário a figura do professor, do tutor, do aluno, da tecnologia, do ambiente virtual de aprendizagem e do material didático, que, juntos, estabelecem o desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem colaborativa.

3.3 Tecnologia na Construção do Conhecimento

Embora o conceito socioconstrutivista (sociointeracionista) de Vygotsky tenha sido elaborado, testado e analisado há muitas décadas – tempo em que a EAD já existia, porém não utilizava as tecnologias da informação e comunicação como recurso pedagógico nos processos de ensino e aprendizagem –, atualmente pode ser utilizado como base para a construção do conhecimento na modalidade a distância, em que o professor e o aluno estão separados pelo espaço e tempo.

Espaço e tempo não são mais empecilho para construção do conhecimento. O surgimento das novas tecnologias da informação e comunicação propiciou ao professor traçar caminhos que o levem a uma aula construtiva, e instigante; também sendo possível pensar várias estratégias pedagógicas, mas sempre com base em teorias que a sustentem. No caso, os pesquisadores Peña, Feldmann e Espósito (2003) ofertaram um curso para professores que queriam aprender a desenvolver projetos com o uso das novas tecnologias, para tanto, se embasaram na abordagem construtivista, considerando que a interação entre professor/aluno aluno/aluno propicia abertura para construção de significados.

Neste curso, os referidos pesquisadores aplicaram várias atividades para o grupo de professores-alunos, objetivando que eles criassem suas atividades, e interagissem individualmente e em grupo, e valendo-se destas atividades, detectassem pontos positivos e pontos a serem melhorados.

A construção do conhecimento nessa perspectiva pedagógica solicita: a parceria, na discussão de idéias, respeito à comparação de informação e aos dissensos entre idéias e conceitos, negociação de significados, revisão das conclusões iniciais e aplicação do novo conhecimento. (PEÑA; FELDMANN; ESPÓSITO, 2003, p. 189).

Um das estratégias adotadas pelos pesquisadores com este grupo de professores-alunos foi uso do fórum, que é uma atividade assíncrona, que não ocorre em tempo real, e permite o debate de ideias, perspectivas e interpretações entre o grupo de alunos e professor. “Proporciona espaço para a criação e a descoberta espontânea, tornando-se um canal para a criação de significados compartilhados entre os participantes” (PEÑA; FELDMANN; ESPÓSITO, 2003, p. 190).

Um dos pontos positivos de usar fórum como ferramenta para a construção do conhecimento mediante as interações, é que toda e qualquer troca e participação dos integrantes fica registrada, o que possibilita a realização de outras atividades, ou seja, partindo do fórum realizado é possível formar grupos para analisarem as participações dos outros grupos e assim sucessivamente, até que ao final todas as participações sejam analisadas.

Normalmente, os fóruns são criados e utilizados por intermédio do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), os quais são customizados em plataformas educacionais (sistemas de *software*). Hoje em dia, até mesmo Instituições presenciais têm utilizado este recurso como forma de instigar o aluno ao autoestudo.

O fórum ainda pode trabalhar o diálogo entre alunos e professores, mesmo estando distantes, oferecendo a oportunidade de receber *feedback* constante, além da leitura imagética (imagens/vídeos), transpassando o modelo convencional da educação – lousa e giz –, assim, atravessando fronteiras estabelecidas há centenas de anos.

No entanto, nem todos os professores estão preparados para trabalhar com computador, muito menos desenvolver atividades que utilizem os recursos de TIC. Contudo, as necessidades e exigências estabelecidas pelo Sistema Educacional e o crescimento tecnológico têm feito os professores buscarem conhecimento e refletirem sobre a prática com estes novos recursos.

Tratar o conhecimento na sala de aula nos fez refletir sobre as novas formas de conceber o ensinar e aprender. Instigar o professor-aluno a refletir a sala de aula, passar da concepção do ensino como instrução para construção do conhecimento. Tentou-se debruçar sobre as teorias da cognição, principalmente a sociointeracionista, por entendermos que a base

pedagógica para construir projetos de trabalho em Educação a Distância deve pautar-se nessa concepção de ensino. (PEÑA; FELDMANN; ESPÓSITO, 2003, p. 193).

A esse respeito, Sigalés (2001 apud PEÑA; FELDMANN; ESPÓSITO, 2003, p. 193) assinala que:

[...] a Educação a Distância toma como referência a atividade construtiva do educando, que é constituída de um sistema de interações mediado pelo professor, pelos conteúdos, pelos estudantes e pelo próprio contexto sociocultural no qual a atividade é produzida.

Considerando o perfil do professor e do aluno da EAD, a dinâmica dos processos de ensino e aprendizagem deve ser constante, construindo, desconstruindo e reconstruindo o conhecimento, desta forma, a aquisição do conhecimento será mais sólida e presente nesta modalidade que exige mudanças de perfis, novas posturas e novos paradigmas.

[...] A educação digital e a Educação a Distância exigem a familiarização com as novas tecnologias da comunicação e informação, nem sempre acessíveis aos professores e alunos, um novo paradigma de educação e ensino que requer da profissão de docente apoio para implementar às suas práticas as novas tecnologias. Devemos levar em consideração que a inserção das novas tecnologias nas metodologias de ensino devem pressupor uma didática voltada para o **sentido colaborativo** e o desenvolvimento da autonomia do aprendiz. (PEÑA; FELDMANN; ESPÓSITO, 2003, p. 193, grifos nossos).

Portanto, cabe ao professor conhecer como manusear e como elaborar projetos de ensino que contemplam as novas tecnologias, para que possa despertar o interesse do aluno ao estudo, além de proporcionar uma aprendizagem colaborativa.

3.4 Aprendizagem Colaborativa

Conforme apresentamos acima, o cenário no qual estamos inseridos atualmente é propício a incitar a aprendizagem colaborativa, pois os recursos que facilitam e potencializam este trabalho têm estado cada vez mais acessíveis, embora ainda não atendam toda demanda existente.

Desta forma, cabe ao professor repensar sua didática e estratégias para uma aula que instigue uma aprendizagem colaborativa, refletindo na construção do conhecimento qualitativa.

Mas o que seria aprendizagem colaborativa?

Definir aprendizagem colaborativa remete a uma aprendizagem coletiva e/ou cooperativa, que acontece entre duas pessoas ou mais que objetivam aprender juntas.

Para isso, é necessário caminhar rumo a um mesmo objetivo e estabelecer regras; bem como estudar presencialmente ou a distância por intermédio de telefone ou internet.

Para Brna (1998 apud OLIVEIRA, 2009, p. 3):

Para promover o aprendizado colaborativo é preciso motivar os estudantes a participar e interagir. Para que sejam considerados em estado de colaboração, os usuários devem concordar mutuamente em colaborar pensando num objetivo em comum, assim como crenças sobre tal objetivo e devem manter uma compreensão compartilhada do problema, para que possam discutir e cooperar para produzir resultados juntos.

É muito importante que o professor/tutor instigue a aprendizagem colaborativa aos alunos da educação a distância, pois permite uma quebra de barreiras estabelecida pelo tempo e espaço, promovendo, desta forma, a interação e comunicação entre os alunos.

As pesquisadoras Prado e Almeida (2003), no artigo “Criando Situações de Aprendizagem Colaborativa”, mostram a importância de despertar a curiosidade do aluno por meio das novas tecnologias. Para isso, colocam que o professor deve estar preparado para desenvolver novos projetos neste caminho, atento às situações de aprendizagem que levem o aluno a encontrar significado.

O que não significa o professor ter um modelo fechado, guiado apenas por projetos de ensino, que pode tornar ineficientes os processos de ensino e aprendizagem, principalmente quando os projetos centram-se na transmissão de conteúdo por parte do professor e recepção de conteúdos por parte do aluno, não ocorrendo a construção do conhecimento de forma colaborativa, ou seja, que envolva todos atores nos processos de ensino e aprendizagem.

Segundo Prado e Almeida, a aprendizagem colaborativa privilegia e articula:

[...] momentos de aprendizagem individual e coletivo, por meio de situações desafiadoras, propostas aos professores-alunos com cenários de escolas em que deveriam realizar práticas pedagógicas a partir da disponibilidade de alguns recursos computacionais, que pudesse potencializar a reconstrução de conhecimento pelos alunos. (PRADO; ALMEIDA, 2003, p. 196).

Neste sentido, compete ao professor potencializar a aprendizagem colaborativa, criando um cenário que incite uma aprendizagem por problemas e, assim, promova buscas e trocas de informações por parte dos alunos.

No modelo tradicional de ensino, o professor, na maioria das vezes, apresenta e resolve o problema de imediato, não instigando a investigação do problema apresentado, muito menos a interação que pode surgir entre os alunos.

Cabe ao professor se tornar um agente de transformação, potencializando a construção, desconstrução e reconstrução do conhecimento; para isso deve considerar: “[...] os aspectos subjetivos inerentes às relações interpessoais entre os vários protagonistas envolvidos no processo educativo e os aspectos concretos e objetivos constituintes da situação prática” (PRADO; ALMEIDA, 2003, p. 197).

Um meio para construir um ambiente colaborativo é elaborar atividades que envolvam os alunos como uma rede, um entrelaçado ao outro, criando caminhos, despertando a curiosidade e a busca de informação, assim, proporcionando momentos de aprendizagem individual e em grupo, favorecendo a construção do conhecimento, bem como a aprendizagem colaborativa, podendo o aluno se tornar ensinante, além de já ser um aprendiz.

Valendo-se de uma atividade como esta, os alunos terão momentos coletivos de aprendizagem, discutindo as informações obtidas por cada um, sugerindo situações e confrontando ideias. Este momento coletivo oferece ao aluno condições para:

[...] estabelecer novas relações, de tal modo que possa fazer a releitura e a análise da sua própria produção (cenário). Nessa dinâmica, o foco da aprendizagem se movimenta no sentido do momento **individual** (aprofundamento vertical) para o **coletivo** (interação e análise horizontal e transversal) e vice-versa, de maneira que um momento passa a realimentar o outro, propiciando a criação da espiral ascendente do **desenvolvimento individual e coletivo**. (PRADO; ALMEIDA, 2003, p. 202, grifos dos autores).

No caso, o recurso a ser utilizado para esta atividade é o fórum, por ser uma ferramenta que possibilita a interação entre professores e alunos, mesmo que estejam separados pelo tempo e espaço. Outro ponto positivo é o registro das

mensagens e trocas de experiências, para que possam ser revistas e analisadas a qualquer momento, seja individualmente seja coletivamente.

3.5 O Tutor e a Aprendizagem Colaborativa

A educação a distância por ser uma modalidade que separa o aluno e o professor/tutor pelo tempo e espaço, exige um perfil específico de ambos. Assim, o aluno deve ser organizado, dinâmico, disciplinado e flexível, já o professor/tutor necessita ter uma preparação didática que o diferencie totalmente do professor da modalidade presencial, considerando principalmente a distância estabelecida entre ele e o aluno.

O tutor deve ser compreendido como um dos sujeitos que participa ativamente da prática pedagógica. Suas atividades desenvolvidas a distância e/ou presencialmente devem contribuir para o desenvolvimento dos processos de ensino e de aprendizagem e para o acompanhamento e avaliação do projeto pedagógico. (BRASIL, 2007 b, p. 21).

Neste contexto, é necessário que o professor/tutor possua domínio da metodologia adotada pela Instituição, do projeto pedagógico do curso e do conteúdo (teoria e prática), além de tudo isso proporcionar uma sedução pedagógica, pois diferente do aluno da modalidade presencial, que na maioria das vezes gostará da disciplina ministrada se gostar do professor, na EAD a própria distância não permite o contato presencial, desta forma o tutor, que exerce o papel de educador, necessita trabalhar a arte de instigar o aluno ao gosto pela construção do conhecimento, independente da disciplina.

No modelo tradicional de ensino com a presença viva dos professores, o carisma acentuado de alguns, reduz o desprazer e dificuldades encontradas por alunos menos empolgados na aquisição do saber. No passado, presente e provavelmente no futuro, a regra comum deve ser a de gostar-se das disciplinas quando o professor desperta simpatia, quer inovando seus métodos de ensino, quer pela utilização de seus recursos persuasivos naturais ou trabalhados. O professor-tutor investe na construção de uma relação de respeito e confiança buscando despertar o amor para o conteúdo, visando a superação dos obstáculos encontrados pelo aprendiz. (GONZALEZ, 2006, p. 1).

Na EAD, uma das ferramentas mais utilizadas pelas instituições nos processos de ensino e aprendizagem, é a mídia televisiva e os recursos

computacionais, por exercerem tal sedução pedagógica, por meio dos efeitos lúdicos (sons e imagens), que chamam a atenção do aluno, propiciando uma educação mais prazerosa e atraente.

No entanto, o papel do tutor é preponderante nos processos de ensino e aprendizagem, cabendo a ele a missão de instigar o aluno para a construção do conhecimento e a interação entre alunos, para isso precisa incentivá-los a assistir às aulas, participar do chat e realizar as atividades, e, como retorno, deve transmitir um *feedback* formativo.

Um *feedback* que seja formativo significa permitir ao aluno construir, desconstruir e reconstruir seu conhecimento, de forma a tornar-se um indivíduo flexível e reflexivo, capaz de transformar tudo a sua volta.

Neste sentido, o processo de construção, desconstrução e reconstrução do conhecimento poderá ser contínuo e prazeroso, e para isto o tutor deverá estar preparado e capacitado para conduzir o aluno, de forma a aprofundar cada vez mais seus conhecimentos. Rumo a este caminho, é necessário que o tutor estreite seu relacionamento com o aluno, a ponto de ser respeitado e atendido em suas reivindicações, e o aluno inicie uma caminhada independente e autônoma, assim como prega a educação para adultos (andragogia/heutagogia).

O tutor além de estar preparado e capacitado, necessita ter uma boa comunicação, criatividade, liderança, dinamismo, pró-atividade para que seja um educador de qualidade.

O mundo atualmente exige um profissional crítico, criativo, com capacidade de pensar, de aprender a aprender, de trabalhar com grupo e de conhecer o seu potencial intelectual, com capacidade de constante aprimoramento e depuração de idéias e ações. (VALENTE, 1999, p. 20).

Em resumo, o tutor deve ser um profissional completo, que procura ser exemplo para seus alunos, educando, apoiando e facilitando o processo de aprendizagem colaborativa. Pois, “faz parte da ação mediadora da tutoria, a produção de vínculos afetivos através da escrita, sendo necessário para isso conhecer bem o aluno e seu perfil. Esses vínculos podem ajudar no sucesso do aluno” (OLIVEIRA, 2009, p. 7).

Neste sentido, as instituições têm trabalhado com tutores de diferentes atuações, presencial e *on-line*, e tanto o tutor presencial quanto o *on-line* têm duas

formas de atuação, com intervenção pedagógica ou não. Isso ocorre porque cada instituição tem seu próprio modelo pedagógico, desta forma, no intuito de atender suas necessidades, determina diferentes formas de atuação de tutores.

Para o MEC:

O tutor presencial atende aos alunos nos polos, em horários preestabelecidos. São atribuições do Tutor presencial: auxiliar os alunos no desenvolvimento de suas atividades individuais e em grupo, fomentando o hábito da pesquisa, esclarecendo dúvidas em relação a conteúdos específicos, bem como o uso das tecnologias disponíveis; participar de momentos presenciais obrigatórios, tais como avaliações, aulas práticas em laboratórios e estágios supervisionados, quando se aplicam. (BRASIL, 2012, p. 33).

O conceito de tutor presencial, para o MEC, consiste no profissional que trabalha com a intervenção pedagógica e/ou operacional nos polos de apoio presencial.

O tutor presencial que atua com intervenção pedagógica acompanha as aulas e contribui com o conteúdo ministrado, debatendo, instigando e orientando os alunos em relação a suas dúvidas; este profissional pode ser considerado um educador, embora não seja ele que ministre a aula, exerce um papel de mediador do conhecimento.

Este mesmo tutor presencial precisa ter formação específica na área de atuação, além de buscar qualificação continuada, se interagindo dos conteúdos das disciplinas ministradas, a fim de desenvolver uma mediação de qualidade, que resulte numa aprendizagem prazerosa e transformadora.

Também existe o tutor presencial que atua operacionalmente, sendo responsável por acompanhar as aulas, porém, como uma espécie inspetor, na qual controla a presença do aluno em sala, recebe os questionamentos dos alunos e transmite ao professor formador, aplica provas e organiza estas provas, orienta o aluno quanto à metodologia aplicada pela Instituição e ao ambiente virtual de aprendizagem e, por fim, efetua todo e qualquer atendimento acadêmico, sem se envolver na intervenção pedagógica.

O MEC denomina o tutor *on-line* como tutor a distância, conforme segue:

O tutor a distância atua a partir da instituição, mediando o processo pedagógico com estudantes geograficamente distantes e referenciado aos polos de apoio presencial. São atribuições do tutor a distância:

esclarecimento de dúvidas pelos fóruns de discussão na internet, pelo telefone, participação em videoconferências; promover espaços de construção coletiva de conhecimento, selecionar material de apoio e sustentação teórica aos conteúdos; participar dos processos avaliativos de ensino-aprendizagem. (BRASIL, 2012, p. 33).

Conforme a descrição acima, para o MEC, este tutor se encaixa no tutor *on-line* com intervenção pedagógica. O tutor *on-line* que atua com a intervenção pedagógica também deve ter formação específica na área do curso, se inteirando do conteúdo de cada disciplina para orientar os alunos; deve participar da aula fazendo a mediação entre aluno e professor; instigar a participação e interação entre os alunos nos fóruns, desenvolvendo a aprendizagem colaborativa e a dialogicidade assíncrona; além de corrigir os fóruns e provas, promovendo *feedback* formativo aos alunos.

Já o tutor *on-line* que atua operacionalmente tem o papel de acompanhar toda a vida acadêmica do aluno, como, por exemplo, a periodicidade em que acessa o AVA e realiza cada atividade, cabendo a ele a responsabilidade de trazer o aluno que se encontra distante fisicamente pelo tempo e espaço, para estar presente virtualmente por meio da realização das atividades e, posteriormente, da prova presencial.

A atuação do tutor para a promoção da afetividade deve acontecer no sentido do acolhimento, do acompanhamento qualitativo do aluno, procurando conhecê-lo, saber das suas dificuldades, valorizá-lo. É importante também considerar o perfil do aluno, que precisa estar disponível e motivado à participação. O próprio conteúdo do curso pode ser um elemento de motivação, pois vem atender a uma necessidade de formação, sentida pelo professor, para a utilização efetiva das TIC disponíveis na escola. (OLIVEIRA, 2009, p. 14).

Estes profissionais, independente da atuação, devem conhecer a missão da Instituição, a fim de colocarem em prática seus dizeres, ainda ser um organizador do ensino para que promovam uma aprendizagem qualitativa e colaborativa.

Sendo assim, o intuito desta pesquisa foi avaliarmos se há aprendizagem colaborativa no momento em que o aluno utiliza o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), mais especificamente o fórum (atividade assíncrona), para isto, investigaremos os alunos por meio de suas respostas nos fóruns e de entrevista semiestruturada; outro ponto a ser analisado é o papel do tutor mediador, se ele instiga a discussão e a aprendizagem colaborativa.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

4.1 Metodologia

Para alcançar os objetivos propostos, adotamos o método de pesquisa de abordagem qualitativa, por meio de coleta de dados e entrevista semiestruturada.

Optamos pela abordagem da pesquisa qualitativa por possibilitar análise de questões subjetivas e interpretação de questões relacionadas aos sujeitos da pesquisa, bem como pela riqueza de detalhes apresentada nos dados coletados, e também por ser um método que dispõe de várias ferramentas metodológicas, o que propicia ao pesquisador adotar a que melhor se adequar à sua pesquisa.

Richardson et al. (1999, p. 90) entendem que:

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamento.

A pesquisa qualitativa em educação, por admitir diferentes contextos, permite variadas formas de investigação, sem regras preestabelecidas, aceitando o investigador trabalhar as suas experiências e o modo como estrutura o mundo social em que vive. O processo de condução da investigação qualitativa reflete um diálogo entre o investigador e os respectivos sujeitos.

Os investigadores qualitativos têm mais interesse pelo processo do que, simplesmente, pelos resultados ou produtos, pois “os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos” (GOLDENBERG, 2001, p. 53).

Para Goldenberg (2001, p. 14): “Na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória etc”.

Ao analisarmos o conceito de “aprofundamento da compreensão de um grupo social”, percebemos ser possível interligar a proposta de investigação deste projeto, considerando a modalidade de ensino a distância, o papel do professor e o grupo de alunos investigados.

De acordo com Santos Filho (2009, p. 43), a pesquisa qualitativa tem como propósito fundamental:

[...] a compreensão, explanação e especificação do fenômeno. O pesquisador precisa tentar compreender o significado que os outros dão às suas próprias situações. Tarefa esta realizada segundo uma compreensão interpretativa da primeira ordem de interpretação das pessoas, expressa em sua linguagem, gestos etc.

Para Gil (2006, p. 65), o momento mais importante de uma pesquisa é o de se escolher o procedimento para a coleta de dados:

Assim, podem ser definidos dois grandes grupos de delineamentos: aqueles que se valem das chamadas fontes de “papel” e aqueles cujos dados são fornecidos por pessoas. No primeiro grupo estão a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. No segundo estão a pesquisa experimental, a pesquisa ex-post-facto, o levantamento e o estudo de caso.

Sendo assim, foi realizada uma pesquisa que buscou conhecer e analisar o Projeto Político Pedagógico do Núcleo de Educação a Distância da Instituição em questão, com o objetivo de entender cada recurso pedagógico, multi-midiático e tecnológico utilizados nos processos de ensino e aprendizagem colaborativa e o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia.

4.2 Universo da Pesquisa

A pesquisa ocorreu em uma Instituição de Ensino Superior que iniciou suas atividades em 1990, com oferta de cursos de Graduação, Pós-Graduação *Lato Sensu* e *Stricto Sensu* e Extensão nas modalidades presencial e a distância, localizada no Estado do Paraná.

Os cursos ofertados na modalidade a distância ficam sob a responsabilidade do Núcleo de Educação a Distância (NEAD), composto por uma Diretoria e Coordenadorias de Cursos e Áreas.

Os sujeitos que participaram desta pesquisa foram: uma tutora mediadora, da primeira série do curso de Pedagogia da modalidade a distância com a duração três anos e meio; e oito alunas ligadas a esta tutora mediadora e vinculadas a um dos Polos de Apoio Presencial. Todos os sujeitos foram escolhidos por sorteio.

O intuito de trabalharmos com este grupo foi conhecer o papel desempenhado pelo tutor mediador, e as estratégias e ferramentas utilizadas por ele para instigar os alunos a participarem dos fóruns e, desta forma, trocarem experiências e construir um conhecimento reflexivo.

Para colher todas as informações descritas a seguir, foram realizadas várias observações dentro da Instituição em questão, leitura do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Manual do Aluno, visualização da *homepage* da EAD (a IES tem outra *homepage* Institucional), contato informal com a Coordenadora de Ensino e a Coordenadora do Curso analisado.

A Instituição, em 2006, recebeu parecer favorável do Ministério da Educação para atuar na modalidade EAD, e justifica a oferta desses cursos a distância, por entender que é uma modalidade de indiscutível eficácia, para que jovens e adultos conquistem seu tão almejado diploma, além de compreender que é um processo educativo e não apenas um processo tecnológico, em que as tecnologias são meramente instrumentais ou um meio. Desta maneira, colocam que a interatividade entre professores e alunos, mesmo que situados em pontos distantes do espaço territorial, não seja menos intensa que na interação que possam estabelecer em uma sala de aula convencional.

Com este pensamento, o NEAD idealizou este projeto que considera na sua estrutura o desafio em se estabelecer uma modalidade que permita momentos síncronos e assíncronos e que, ao mesmo tempo, assegure ao estudante o desempenho de todas as atividades pedagógicas necessárias à sua qualificação profissional. (NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2012, p. 54).

Em relação à estrutura organizacional, é composta por uma **Diretoria** que é responsável pela gestão geral do NEAD; ligadas a esta Diretoria estão a **Coordenadoria de Ensino** que é responsável pela orientação e supervisão pedagógica e a gestão e normatização acadêmica, bem como acompanhar o desenvolvimento das propostas dos cursos para assegurar a sua efetividade; a **Coordenadoria da Tecnologia da Informação** que é responsável pelas inovações tecnológicas e de suporte; a **Coordenadoria de Curso** que é responsável por coordenar a elaboração do projeto pedagógico do curso e matrizes curriculares em acordo com as Diretrizes Curriculares e do Projeto Pedagógico Institucional, revisar todo conteúdo do material didático, bem como as avaliações, além de acompanhar o desenvolvimento e rendimento das atividades dos professores e alunos.

Ligados à Coordenadoria de Ensino e de Curso estão os **Professores Titulares**, que desempenham as funções de: **Conteudista** que é responsável pela elaboração e organização de todo material didático entregue aos alunos; e **Formador** que é responsável por transmitir o conteúdo aos alunos via estúdio localizado na sede.

Este corpo docente deve buscar, a cada dia, a sua capacitação e atualização, integrando a comunidade acadêmica como um todo, devendo, no desempenho de suas funções, levar em conta o processo global de educação segundo as políticas e objetivos da IES e as especificações da modalidade a distância. (NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2012, p. 146).

Ainda visando o desenvolvimento e a construção do conhecimento do aluno, o NEAD adotou três categorias de tutores que atendem os alunos a distância e presencial: o **Tutor Mediador**, responsável por organizar a classe virtual, informando o calendário e objetivos do curso, além de instigar o aluno a interagir com os demais alunos, gerando um senso de comunidade social (trabalha a distância); o **Tutor On-line**, responsável por atender demandas operacionais e pedagógicas do aluno, bem como acompanhar as atividades dos alunos, instigando a realizar as atividades via telefone; e o **Tutor Presencial**, responsável por atender o aluno no Polo de Apoio Presencial, orientando quanto à metodologia e ao AVA, dando assistência nas aulas ao vivo, aplicando as avaliações e oferecendo suporte pedagógico ao aluno em suas atividades de interação, sem intervenção pedagógica, ou seja, discutir o conteúdo com o aluno.

Tanto no processo de tutoria a distância quanto na tutoria presencial, os tutores partem do pressuposto de que a presença do aluno nesta modalidade de ensino está relacionada à interação, isto é, na medida em que o aluno interage está presente, e isso independe de a tutoria ser presencial física ou presencial à distância. (NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2012, p. 195).

O trabalho destes tutores que atendem a distância é realizado por meio do Ambiente Virtual de Aprendizagem na plataforma *Moodle*, permitindo uma comunicação síncrona e assíncrona, “possibilitando a criação de diferentes situações e procedimentos didáticos para incentivar a dialogicidade entre os alunos e os professores e tutores envolvidos neste processo” (NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2012, p. 194).

As Instituições têm autonomia para adequar as funções de tutorias ao seu modelo pedagógico, desde que estas tutorias cumpram o papel de mediar o conhecimento e promover a interação entre alunos e tutor/professor.

Neste modelo, o NEAD ainda viabiliza uma equipe de produção de material que está vinculada à Coordenadoria de Ensino, a qual é responsável por todo processo de elaboração e confecção do material didático entregue ao aluno, sendo composta por assessoria pedagógica, supervisão de matérias, revisores de texto, diagramadores e designers gráficos.

Conforme exigência do MEC, todos os cursos ofertados a distância devem apresentar material didático institucional que atenda os seguintes requisitos:

[...] o material didático institucional previsto/implantado, disponibilizado aos estudantes permite executar, de maneira **excelente**, a formação definida no projeto pedagógico do curso considerando, em uma análise sistêmica e global, os aspectos: abrangência bibliográfica adequada às exigências da formação, aprofundamento e coerência teórica. (BRASIL, 2012, p. 7, grifo do autor).

A fim de proporcionar suporte aos alunos nos processos de ensino e aprendizagem, além de atender as exigências do MEC, o NEAD dispõe de vários recursos nos processos de ensino e aprendizagem, seja pedagógico seja tecnológico, nomeados de materiais didáticos que compreendem:

- **Livros:** podem ser de elaboração própria da Instituição ou Customizados (parceria com diversas Editoras renomadas).
- **Aula ao Vivo:** realizada uma vez por semana, é o momento em que o professor formador estabelece relação entre os fundamentos teóricos e a prática profissional relacionada à disciplina.
- **Aula Conceitual:** realizada pelo Professor Conteudista, refere-se aos fundamentos teóricos e conceitos inerentes à disciplina, conforme estruturação do livro que é dividido em cinco unidades, a Instituição permite que o aluno faça *download* destas aulas.
- **Aula Estudo de Caso:** realizada pelo professor formador, estabelece relações entre o conteúdo científico e o mercado de trabalho, a Instituição permite que o aluno faça *download* desta aula.
- **Mídia Interativa Digital (MID):** atividade pedagógica que permite o aluno se integrar aos conteúdos inerentes à disciplina de forma

lúdica, esta atividade é composta por textos teóricos e jornalísticos, música, vídeos e jogos.

- **Biblioteca Física:** a Instituição conta com uma Biblioteca Física, na sede, com 4.000 m², sendo 3.834 m² de área útil, com 650 lugares de acomodação, seu acervo conta com: Livros; Periódicos (revistas, jornais, boletins); Livros de referência (enciclopédias, dicionários, Atlas, mapas, biografias, dados estatísticos, anuários, almanaques); Coleção especial (produção bibliográfica da Instituição, teses, dissertações, monografias, TCC, obras raras, fotografias); Fitas de vídeo, Cd-rom; Banco e bases de dados. Todos os Polos de Apoio Presencial mantêm uma Biblioteca Física.
- **Biblioteca Digital:** trata-se de todo acervo e conteúdo pedagógico já produzido pela Instituição como as aulas ao vivo, aulas conceituais, livros, MID e materiais complementares.
- **Biblioteca Virtual:** a Instituição contratou os serviços de uma editora renomada, que permite ao aluno acesso a todo acervo, desse modo o aluno pode imprimir até 10% de uma obra.
- **Material Extra:** são materiais de estudo que abordam conteúdos que vão além do conteúdo ministrado em aula e do livro, como por exemplo: artigos, lista de exercícios, entre outros.

Todos esses materiais são disponibilizados no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

Com o intuito atender aos mecanismos de interação entre alunos, professores e tutores exigidos pelo MEC para cursos a distância por meio dos Instrumentos de Avaliação de Cursos de Graduação presencial e a distância, o NEAD adotou o **Fórum** como principal recurso de interação, pois é uma atividade assíncrona, que permite ao aluno construir o conhecimento de forma colaborativa, bem como interagir com os outros alunos, tutor e professor, colocando cada qual sua opinião diante do tema discutido.

Outro recurso de interação adotado foi o **Chat**, atividade síncrona que ocorre no momento das aulas ao vivo, permitindo ao aluno participar da aula em tempo real, bem como tirar suas dúvidas; o *chat* é um recurso mediado pelo tutor mediador, e os participantes são alunos, professor e tutor mediador.

O NEAD também disponibiliza no AVA um espaço no qual são disponibilizadas mensagens diversas, relacionadas ao conteúdo da disciplina ou não, chamado de **Sala do Café**, cujo objetivo é instigar a descontração e motivação, promovendo, desta forma, interação entre alunos, professores e tutores; também se destina a apresentação pessoal dos alunos e suas expectativas em relação ao curso (espaço assíncrono).

Para que o fórum *on-line* e os demais recursos virtuais de aprendizagem cumpram a sua função que é a de permitir uma efetiva interação entre os sujeitos presentes no ambiente *on-line* e que possibilite a construção do conhecimento pelo aluno, mediada pelo professor, todas as suas potencialidades devem ser conhecidas pelos usuários desse ambiente. (BATISTA; GOBARA, 2006, p. 3).

Neste sentido, cabe à Instituição adotar a melhor maneira para se aplicar cada recurso virtual por meio de seus tutores e professores, de forma a instigar a interação entre os alunos, culminando em uma aprendizagem colaborativa e reflexiva, formando indivíduos críticos.

4.2.1 Modelo pedagógico para graduação

Toda Instituição de Ensino Superior desde que seja Credenciada para a oferta de cursos a distância, tem autonomia para projetar seu próprio modelo pedagógico, desde que apresente qualidade e cumpra as exigências apresentadas nos Instrumentos de Avaliação de Cursos e as Diretrizes Curriculares dos Cursos, pois não existe nenhuma cartilha a ser seguida.

Não há um modelo único de Educação à Distância! Os programas podem apresentar diferentes desenhos e múltiplas combinações de linguagens e recursos educacionais e tecnológicos. A natureza do curso e as reais condições do cotidiano e necessidades dos alunos são os elementos que irão definir a melhor tecnologia e metodologia a ser utilizada, bem como a definição dos momentos presenciais necessários e obrigatórios, para estágios supervisionados, práticas em laboratórios de ensino, tutorias presenciais nos pólos descentralizados de apoio presencial e outras estratégias. (BRASIL, 2007 b, p. 7).

Neste sentido, o NEAD planejou seu próprio modelo pedagógico, conforme iremos apresentar, e os dados que seguem foram extraídos do Projeto Pedagógico do Curso.

Segundo o NEAD (2012), a metodologia adotada busca um aprendizado ativo e colaborativo, na qual os conteúdos e as estratégias pedagógicas são planejados para que ocorra um alto grau de interação entre o aprendiz (aluno) e seus professores. Essa interação deverá ser mediada tanto por meio das novas tecnologias de informação e comunicação, como em interatividades pedagógicas.

Para o NEAD, a elaboração do seu modelo pedagógico esteve voltada para o desenvolvimento humano, com foco na aprendizagem do aluno. Neste contexto, baseia-se em três momentos no decorrer do curso – Autoestudo, Interativos e Presenciais Obrigatórios – ora em paralelo e ora sendo potencializados e/ou aglutinados.

Os **Momentos de Autoestudo**, considerando que o aluno é o principal agente no processo de aprendizagem na construção do conhecimento, ele precisa ser autodidata, disciplinado, organizado e dinâmico, para que consiga obter conhecimento. Assim sendo, o NEAD adotou, no projeto dos cursos, atividades que objetivam estimular o autodesenvolvimento e a autoaprendizagem.

A formatação dos **momentos de auto-estudo** leva em consideração que educação a distância tem no estudante o mais importante agente do processo educativo, enquanto os docentes são organizadores dos objetos de estudo em sua complexidade, dos instrumentos conceituais e metodológicos que podem ajudar o discente a encontrar respostas aos problemas colocados, inerentes à sua formação. (NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2012, p. 136, grifos do autor).

Para que os processos de ensino e aprendizagem colaborativa ocorram na educação a distância, é necessário que o projeto apresente os **Momentos Interativos**, por se tratar de uma modalidade que separa aluno, tutor e professor pelo tempo e espaço.

Assim, este projeto contempla momentos de interatividade síncrona a exemplo das aulas ao vivo, com possibilidade de interação entre docente e discente, bem como nos momentos assíncronos por meio dos fóruns e trocas de mensagens entre professor/aluno e aluno/aluno. (NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2012, p. 138).

O projeto também prevê os **Momentos Presenciais Obrigatórios** que ocorrem nos Polos de Apoio Presencial, próprios ou de Instituições parceiras, tendo como “objetivo de proporcionar suporte pedagógico, acadêmico e administrativo ao projeto, no qual acontecem as Avaliações e Atividades Presenciais e fica disponível

o Acervo Bibliográfico Básico das disciplinas do curso” (NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 2012, p. 139).

Visando organizar os processos de ensino e aprendizagem do aluno, o NEAD organizou a oferta de seus cursos em eixos ou módulos, sendo quatro ao longo do ano letivo, com duas disciplinas por módulo, com a carga-horária de 100 horas cada. Cada eixo é realizado em dez semanas (Quadro 2), sendo que nas 1ª, 2ª, 3ª, 7ª, 8ª e 9ª semanas ocorrem as **Semanas de Aulas ao Vivo**, cada aula é o momento em que o professor formador estabelece relação entre os fundamentos teóricos e a prática profissional relacionada à disciplina.

QUADRO 2 - Demonstrativo das semanas

Semanas de Aula					
1ª 2ª 3ª	4ª	5ª	6ª	7ª 8ª 9ª	10ª
Aula ao Vivo Disciplina 1	Semana Interdisciplinar	Semana de Provas Disciplina 1	Semana de Conhecimentos Gerais / SUB	Aula ao Vivo Disciplina 2	Semana de Provas Disciplina 2

Fonte: NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (2012)

Para o MEC, a interdisciplinaridade:

É uma estratégia de abordagem e tratamento do conhecimento em que duas ou mais disciplinas/unidades curriculares ofertadas simultaneamente estabelecem relações de análise e interpretação de conteúdos, com o fim de propiciar condições de apropriação, pelo discente, de um conhecimento mais abrangente e contextualizado. (BRASIL, 2012, p. 30).

Sendo assim, na 4ª semana do eixo, com o intuito de promover a interdisciplinaridade entre os conteúdos das disciplinas, é ofertada a **Semana Interdisciplinar**, momento em que o professor formador da primeira disciplina se encontra com o professor formador da segunda disciplina, a fim de discutir um tema em comum.

Objetivando a formação geral dos alunos, conforme prevê as Diretrizes Curriculares para o curso de Pedagogia, o NEAD oferta a **Semana de Conhecimentos Gerais** que ocorre na 6ª semana do eixo. Assim, são realizadas cinco palestras, uma em cada dia da semana, compreendendo temas das diversas áreas do conhecimento.

Compreende-se a docência como ação educativa e processo pedagógico metódico e intencional, construído em relações sociais, étnico-racionais e produtivas, as quais influenciam conceitos, princípios e objetivos da Pedagogia, desenvolvendo-se na articulação entre conhecimentos científicos e culturais, valores éticos e estéticos inerentes a processos de aprendizagem, de socialização e de construção do conhecimento, no âmbito do diálogo entre diferentes visões de mundo. (BRASIL, 2006, p. 1).

Como forma de avaliar o conhecimento adquirido pelo aluno, o NEAD oferta na 5ª e 10ª semanas do eixo, a **Semana de Provas** que são obrigatórias, aplicadas presencialmente e sem consulta nos Polos de Apoio Presencial, o processo de avaliação é contínuo, formativo e somativo. “Avaliação é o referencial básico para os processos de regulação e supervisão da Educação Superior, a fim de promover a melhoria de sua qualidade (parágrafo 3º, artigo 1º do Decreto nº 5.773/2006)” (BRASIL, 2012, p. 28).

Além das aulas ao vivo, os alunos têm diversas atividades a cumprir durante a semana, todas com o intuito de ativar o processo de aprendizagem deles. Essas atividades são estruturadas da seguinte forma: **atividades avaliativas**, que envolvem atividade presencial obrigatória, atividade de estudo, fórum, atividade presencial obrigatória interdisciplinar, atividade de conhecimentos gerais; e **atividades adicionais**, que compreendem as aulas conceituais e a aula estudo de caso, ambas dispostas no AVA para *download*, e a MID interativa.

O NEAD, em 2010, pensando na construção do conhecimento dos alunos com base na interação presencial, projetou em seu modelo pedagógico AA seguintes atividades: **Atividade Presencial Obrigatória** (APO) que acontece ao vivo na primeira e segunda aula de cada disciplina, o aluno precisa realizar no mínimo uma atividade em cada disciplina para estar apto a fazer a APOI, sendo pré-requisito; e a **Atividade Presencial Obrigatória Interdisciplinar** (APOI) é uma atividade que acontece na Semana Interdisciplinar no Polo de Apoio Presencial.

Conforme já descrito, o NEAD adotou o **Fórum** como principal atividade de interação. Para cada disciplina são debatidos três fóruns, sendo um para cada semana de aula ao vivo, mais um fórum da semana interdisciplinar que é validado para as duas disciplinas do eixo.

Como proposta de autoestudo o NEAD oferta, semanalmente, a **Atividade de Estudo**, e para cada disciplina o aluno deverá responder três atividades, uma para cada semana de aula ao vivo, composta de dez questões objetivas com níveis de dificuldade crescente.

Ainda como atividade de autoestudo na Semana de Conhecimentos Gerais, é ofertada a **Atividade de Conhecimentos Gerais**, referente ao conteúdo abordado na palestra da Semana de Conhecimentos Gerais, a atividade é validada para as duas disciplinas do eixo.

Abaixo, o Quadro 3 apresenta o demonstrativo das atividades avaliativas que formam os processos de ensino e aprendizagem do NEAD, o período e a pontuação.

QUADRO 3 - Divisão das atividades e pontuações

1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª	9ª	10ª
D1	D1	D1	I	PD1	CG	D2	D2	D2	PD2
APO	APO		APOI	6,0		APO	APO		6,0
			0,5						
AE	AE	AE				AE	AE	AE	
0,5	0,5	0,5				0,5	0,5	0,5	
F	F	F	F			F	F	F	
0,25	0,25	0,25	0,25			0,25	0,25	0,25	
					ACG				
					1,0				

Fonte: NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (2012)

Legenda:

- D1:** Disciplina 1
- D2:** Disciplina 2
- I:** Semana Interdisciplinar
- PD1:** Prova da Disciplina 1
- PD2:** Prova da Disciplina 2
- CG:** Semana de Conhecimentos Gerais
- APO:** Atividade Presencial Obrigatória
- APOI:** Atividade Presencial Obrigatória Interdisciplinar
- AE:** Atividade de Estudo
- F:** Fórum
- ACG:** Atividade de Conhecimentos Gerais

Fechando este capítulo, apresentamos o Quadro 4, referente à Composição de Notas do NEAD, o critério de avaliação é somativo e a média para os cursos de Graduação é 6,0.

QUADRO 4 - Composição de notas

Atividade	Pontuação
Prova Presencial de Conhecimentos Específicos	6,0
Atividades de Conhecimentos Gerais (online)	1,0
Fórum (online)	1,0
Atividade de Estudo (online)	1,5
Atividade Presencial Obrigatória Interdisciplinar (APOI)	0,5
Total	10,0

Fonte: NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (2012)

4.2.2 Projeto Pedagógico do Curso Licenciatura em Pedagogia

Todo curso, ao ser projetado pela Instituição ofertante, deve cumprir rigorosamente em seu Projeto Pedagógico de Curso as normas contidas nas Diretrizes Curriculares. No caso do curso de Licenciatura em Pedagogia, este deve cumprir a Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006.

Segundo o MEC, o Projeto Pedagógico de Curso (PPC):

É um documento orientador de um curso que traduz as políticas acadêmicas institucionais com base nas DCNs. Entre outros elementos, é composto pelos conhecimentos e saberes necessários à formação das competências estabelecidas a partir de perfil do egresso; estrutura e conteúdo curricular; ementário; bibliografia básica e complementar; estratégias de ensino; docentes; recursos materiais; laboratórios e infraestrutura de apoio ao pleno funcionamento do curso. (BRASIL, 2012, p. 32).

Para o MEC, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs):

São normas estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação – CNE que asseguram a flexibilidade, a criatividade e a responsabilidade das IES na elaboração dos Projetos Pedagógicos de seus cursos. As DCNs têm origem na LDB e constituem referenciais para as IES na organização de seus programas de formação, permitindo flexibilidade e priorização de áreas de conhecimento na construção dos currículos plenos, possibilitando definir múltiplos perfis profissionais e privilegiando as competências e habilidades a serem desenvolvidas (parecer CNE/CES 67/2003). Os currículos dos cursos devem apresentar coerência com as DCNs no que tange à flexibilidade, à interdisciplinaridade e à articulação teoria e prática, assim como aos conteúdos obrigatórios, à distribuição da carga horária entre os núcleos de formação geral/básica e profissional, às atividades complementares e às atividades desenvolvidas no campo profissional. (BRASIL, 2012, p. 29).

O objetivo do curso, de acordo com a referida Resolução, é:

Art. 4º O curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. (BRASIL, 2006, p. 2).

Para obtermos os dados a seguir, tivemos a oportunidade de ter contato com o PPC, por intermédio da Coordenadora do Curso.

Até a aprovação da última LDB (Leis de Diretrizes e Bases) nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 que originou a atual Diretriz Curricular do Curso de Pedagogia, o curso era ofertado por Habilitações: “Art. 10. As habilitações em cursos de Pedagogia atualmente existentes entrarão em regime de extinção, a partir do período letivo seguinte à publicação desta Resolução” (BRASIL, 2006, p. 5). Somente a partir desta Resolução, o curso passou a se chamar apenas Licenciatura em Pedagogia.

O NEAD iniciou a oferta do curso em fevereiro de 2007, pelo ato de Autorização, concluindo a primeira turma apenas em 2010, o curso está em processo de Reconhecimento junto ao MEC.

No ano de 2011, no mês de novembro, os alunos do curso fizeram a prova do Enade e obtiveram a nota 03, sendo que o curso, até a última divulgação, obteve nota quatro no Conceito Preliminar de Cursos (CPC).

O curso conta com 6.631 alunos espalhados em 58 polos de apoio presencial, localizados em 12 estados brasileiros, dos quais 446 encontram-se matriculados no polo de apoio presencial no qual foi realizada a pesquisa.

Conforme consta no PPC, o curso tem procurado cumprir as exigências das Diretrizes Curriculares do MEC, documento ao qual todo curso deve se dirigir com o propósito de projetar um curso de graduação. O referido documento traz carga-horária mínima, disciplinas obrigatórias, objetivo do curso, regras de oferta, perfil do profissional egresso, competências e habilidades do futuro profissional, obrigatoriedade de estágio e/ou trabalho de conclusão de curso, tempo de integralização, enfim, informações pertinentes e obrigatórias para o correto funcionamento do curso.

Em relação à estrutura pedagógica, o curso foi organizado da seguinte forma: três anos e meio de duração, divididos em 14 eixos temáticos, sendo quatro eixos durante cada ano letivo, com duas disciplinas de 100 horas cada.

Conforme exigência das DCNs do Curso de Pedagogia (BRASIL, 2006) a carga-horária mínima deve ser de 3.200 horas. Desta forma, o NEAD, para cumprir esta determinação, organizou a carga-horária da seguinte maneira: 3.000 horas – Conteúdo Programático; 300 horas - Estágio Supervisionado; 100 horas - Trabalho de Conclusão de Curso (TCC); 204 horas - Atividades Acadêmicas Complementares (AAC).

Segundo o NEAD (2012, p. 69), “a matriz curricular do Curso de Licenciatura em Pedagogia foi elaborada, levando em consideração o perfil do egresso pretendido, suas peculiaridades e as necessidades sociais”. O Quadro 5, a seguir, mostra a organização da Matriz Curricular de Licenciatura em Pedagogia, elaborada pelo NEAD da Instituição em estudo.

QUADRO 5 - Matriz Curricular de Licenciatura em Pedagogia

1º. Ano	
Eixo fevereiro	h/a
Fundamentos Sociológicos e Antropológicos da Educação -	100
Língua Portuguesa: Leitura Produção de Textos e Literatura Infantil	100
Formação Sociocultural e Ética I	100
Eixo maio	h/a
Políticas Educacionais e Organização da Educação Básica -	100
Gestão Escolar e Organização do Trabalho Pedagógico na Educação Básica	100
Formação Sociocultural e Ética II	100
Eixo agosto	h/a
Didática	100
Prática de Ensino da Educação Básica	100
Eixo outubro	h/a
Fundamentos Históricos e Filosóficos da Educação	100
Psicologia da Educação	100
2º. Ano	
Eixo fevereiro	h/a
Metodologia da Alfabetização	100
Metodologia da Língua Portuguesa	100
Eixo maio	h/a
Metodologia da Matemática	100
Estatística Aplicada à Educação Básica	100
Eixo agosto	h/a
Metodologia do Ensino de Ciências	100
Metodologia do Ensino de História	100
Eixo outubro	h/a
Metodologia do Ensino de Geografia	100
Arte e Musicalização Aplicadas à Educação	100
3º. Ano	
Eixo fevereiro	h/a
Psicologia das Relações Humanas	100

Teoria e Prática na Educação de Jovens e Adultos	100
Eixo maio	h/a
Prática de Ensino das Matérias Pedagógicas do Ensino Médio	100
Estrutura e Funcionamento da Educação Básica	100
Eixo agosto	h/a
Teoria e Prática na Educação Infantil	100
Psicologia do Desenvolvimento da Criança	100
Eixo outubro	h/a
Problemas e Dificuldades de Aprendizagem na Infância	100
Desenvolvimento Psicomotor na Infância	100
3,5 ano	
Eixo	h/a
Novas Tecnologias na Educação	100
Saúde e Educação	100
Eixo	h/a
Políticas e o Processo Ensino/Aprendizagem na Educação Inclusiva	100
Linguagem Brasileira de Sinais (Libras)	100
ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
Estagio I	50h
Estagio II	50h
Estagio III	50h
Estagio IV	50h
Estagio V	50h
Estagio VI	50h
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)	
Orientações para Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)	100h

Fonte: NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (2012)

4.3 Coleta de Dados

O modelo pedagógico do NEAD da referida Instituição é formado por eixos temáticos. Assim sendo, são ofertados quatro eixos ao longo do ano letivo, nos meses de fevereiro, maio, agosto e outubro. Cada eixo oferece duas disciplinas de 100 horas cada, divididas em dez semanas, fator que facilitou a organização da coleta de dados, pois cada disciplina é trabalhada individualmente.

A coleta de dados: corresponde à etapa em que se aplicam os instrumentos elaborados e das técnicas selecionadas, a fim de efetuar a coleta dos dados previstos. Apresentam duas grandes divisões: documentação indireta, abrangendo a pesquisa documental e a bibliográfica e documentação direta. Esta última divide-se em: observação direta intensiva, com as técnicas da observação e entrevista, e observação direta extensiva, apresentando as técnicas: questionário, formulário, medidas de opinião e atitudes, testes, sociometria, análise de conteúdo, história de vida e pesquisa de mercado. (ROSA, 2011 p. 4).

A coleta de dados foi realizada durante a oferta da segunda disciplina do primeiro eixo do ano letivo de 2012, *Língua Portuguesa, Leitura, Produção de Texto e Literatura Infantil*.

Para coletar os materiais, o primeiro passo foi conversar com a Coordenadora do Curso de Licenciatura em Pedagogia, para que indicasse os tutores mediadores que trabalham com a primeira série do curso.

De posse da lista dos tutores, fizemos um sorteio e a tutora mediadora L.A.S. foi sorteada. Então, fui apresentada a ela e solicitei o nome dos alunos que fazem parte do Polo de Apoio Presencial objeto de nosso estudo (446 alunos ao todo e 166 alunos da primeira série). Realizamos o sorteio de 15 alunos e então iniciamos os contatos, convidando-os para participarem da pesquisa, explicando o motivo e marcando a data da entrevista. Da amostra de 15 alunos, apenas nove aceitaram participar, e uma desistiu.

Iniciamos a entrevista com a tutora mediadora; primeiro conversamos informalmente e depois iniciamos os questionamentos. No decorrer da conversa, sentimos a necessidade de propor um último questionamento que não constava no roteiro.

Posterior à entrevista da tutora mediadora, iniciamos as entrevistas com as alunas, e como as aulas ao vivo acontecem uma vez por semana, levamos, em média, um mês para entrevistar todas as alunas. A entrevista era realizada apenas na quinta-feira, que é o dia da aula de Pedagogia, então, a cada quinta-feira entrevistávamos de duas a três alunas.

De acordo com Santos Filho (2011, p. 7), em Instrumentos de Coleta de Dados, na “entrevista semi-estruturada: a partir de um ‘core’ de questões estruturadas, o entrevistador explora aspectos em maior profundidade. (Entrevista focalizada)”.

Richardson (1999, p. 207) entende que a entrevista é:

A melhor situação para participar na mente do outro ser humano é a interação face a face, pois tem o caráter, inquestionável, de proximidade entre as pessoas, que proporciona as melhores possibilidades de penetrar na mente, vida e definição dos indivíduos.

Para Gil (2006, p. 118):

A entrevista possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social; a entrevista é uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano; os dados obtidos são suscetíveis de classificação e de quantificação.

Assim sendo, a entrevista foi escolhida como uma das ferramentas de coleta de dados, por permitir um contato maior entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa, o que possibilita um aprofundamento das questões investigadas, para posterior análise e interpretação dos dados coletados.

A coleta de dados foi um processo muito importante para a pesquisa, momento em que pudemos evidenciar e pôr à prova os conceitos e práticas.

Das alunas, foram coletados os seguintes documentos: fóruns (atividades assíncronas), na pasta intitulada Fórum, e da tutora mediadora todas as atividades de acompanhamento, bem como os *feedbacks* realizados na intenção de instigar os alunos ao estudo. O fórum foi escolhido como ferramenta de análise, por ser utilizado como um dos recursos de aprendizagem interativa.

Para um melhor entendimento, dos dados obtidos por meio da coleta de dados e entrevistas, levamos em consideração os seguintes apontamentos na análise: quantas vezes a mediadora e as alunas participaram de cada fórum; o teor e o conteúdo de cada participação; se ocorreu interatividade nas participações; se ocorreu aprendizagem colaborativa nas participações; se ocorreu estímulo da tutora mediadora para interatividade e aprendizagem colaborativa entre as alunas.

Após a análise e organização destes dados, confrontaremos as respostas das entrevistas com os trechos das participações dos sujeitos da pesquisa, colhidos no AVA.

4.4 Análise e Interpretação dos Dados

O próximo passo é a análise e interpretação dos dados, momento em que precisa existir uma responsabilidade muito grande por parte do pesquisador, pois temos de analisar cada parte de um todo, compreendendo a função de cada uma destas partes, além de interpretar os significados de cada dado obtido, considerando outros conhecimentos. “Este momento exige muito tempo de reflexão e dedicação para se tirar o máximo de idéias de cada resposta conseguida” (GOLDENBERG, 2001, p. 94).

De acordo com Gil (2006, p. 168):

A análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de forma tal que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos.

Richardson (1999, p. 223-224) refere-se à análise de dados como análise de conteúdo, e a considera uma técnica de pesquisa que contém algumas características metodológicas:

A - Objetividade – refere-se à explicitação das regras e dos procedimentos utilizados em cada etapa da análise de conteúdo.

B - Sistematização – refere-se à inclusão ou exclusão do conteúdo ou categorias de um texto de acordo com regras consistentes e sistemáticas.

C - Inferência – refere-se à operação pela qual se aceita uma proposição em virtude de sua relação com outras proposições já aceitas como verdadeiras. (RICHARDSON, 1999, p. 223-224)

Desta forma, a análise e a interpretação de dados darão suporte a esta pesquisa que se trata de uma abordagem qualitativa, por possibilitar uma interpretação mais completa dos documentos colhidos e das falas dos entrevistados.

Pretendemos, por meio desta pesquisa, analisar e diagnosticar, em cada documento, a influência do tutor mediador na construção do conhecimento do aluno do Curso de Pedagogia da EAD, a fim de compreender os processos de ensino e aprendizagem colaborativa na EAD, além constatar a importância deste profissional nestes processos.

Para um melhor entendimento dos dados obtidos por meio da coleta de dados e entrevistas, levamos em consideração os seguintes apontamentos na análise: quantas vezes a tutora mediadora e as alunas participaram de cada fórum; o teor e o conteúdo de cada participação; se ocorreu interatividade nas participações; se ocorreu aprendizagem colaborativa nas participações; se ocorreu estímulo da tutora mediadora para interatividade e aprendizagem colaborativa entre as alunas.

Após a análise e organização destes dados, confrontamos as respostas das entrevistas com os trechos das participações dos sujeitos da pesquisa, colhidos no AVA.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

5.1 Análise dos Recortes das Participações das Alunas e da Tutora Mediadora nos Fóruns

O fórum (atividade assíncrona) pode ser considerado uma ferramenta de estudo de poder, estimulando reflexões, promovendo aprendizagem colaborativa por meio das interações entre os alunos e *feedback* formativos do tutor/professor, permitindo que o aluno construa seu conhecimento gradativamente, tornando-se um indivíduo crítico.

Conforme descremos no corpo do trabalho, a referida Instituição utiliza o fórum como ferramenta de estudo, sendo ofertados três fóruns por disciplinas e mais um fórum interdisciplinar que é validado para as duas disciplinas do eixo.

Após coletarmos os recortes das participações dos fóruns das alunas e tutora mediadora, foi possível analisar e apontar algumas considerações de relevância, como: quantas vezes a tutora mediadora e as alunas participaram de cada fórum; o teor e o conteúdo de cada participação; se ocorreu interatividade nas participações; se ocorreu aprendizagem colaborativa nas participações; se ocorreu estímulo da tutora mediadora para interatividade e aprendizagem colaborativa entre as alunas.

QUADRO 6 - Participação da tutora mediadora em cada fórum

Quantas vezes a tutora mediadora participou de cada fórum	
Fórum I	4 vezes + a postagem do fórum
Fórum II	Apenas a postagem do fórum
Fórum III	Apenas a postagem do fórum
Fórum Interdisciplinar	3 vezes + a postagem do fórum

Fonte: A Autora (2012).

Para uma modalidade de ensino que utiliza o fórum como ferramenta do processo de ensino e aprendizagem colaborativa, se faz necessário que a tutora mediadora responsável pela ferramenta tenha mais tempo para uma maior efetividade nas participações, pois, para Vygotsky, a construção do conhecimento ocorre quando dois sujeitos interagem.

QUADRO 7 - Participação das alunas em cada fórum

Quantas vezes as alunas participaram de cada fórum	
Foi registrada apenas uma participação por aluna no fórum, considerando que nem todas as alunas participaram.	
Fórum I	Apenas as alunas C.C.N.A., V.F.C., E.A.O., S.R.L. participaram.
Fórum II	Apenas a aluna C.C.N.A., participou.
Fórum III	Apenas as alunas C.C.N.A., A.S.F. participaram.
Fórum Interdisciplinar	Apenas as alunas C.C.N.A., A.S.F. participaram.

Fonte: A Autora (2012).

Diante dos dados obtidos no Quadro 7, é necessário reavaliar se o objetivo do fórum está sendo alcançado, tudo indica que não, pois de oito alunas apenas uma participa de todos os fóruns, o que pode prejudicar nossa análise em relação ao teor das participações e se ocorreu interações.

QUADRO 8 - Teor e conteúdo das participações das alunas e tutora mediadora no Fórum I

Teor e conteúdo das participações no Fórum I – alunas e tutora mediadora
C.C.N.A. – sua participação foi relevante, organizou as ideias de forma clara e objetiva, utilizou seu próprio conhecimento para opinar sobre o tema proposto – senso comum, não fugindo da proposta.
V.F.C. – boas considerações, soube opinar colocando sua experiência de vida não desviando do tema proposto.
E.A.O. – ao contrário das duas primeiras colegas, sua colocação não foi pautada em experiências vividas, no entanto, sua participação teve uma sequência de ideias organizadas e de relevância.
S.R.L. – como a colega anterior, sua colocação não foi pautada em experiências vividas, porém pontuou sua opinião de forma clara e objetiva.
Tutora Mediadora L.A.S. – a primeira postagem foi construída de forma genérica, apenas para orientar os alunos quanto ao objetivo do fórum, descrevendo normas e critérios para postagem; – a segunda postagem foi de incentivo e confirmação ao que o aluno havia postado, no entanto, não se refere a nenhuma aluna participante desta pesquisa; – a terceira postagem parabeniza o aluno pela participação, instigando os demais alunos a seguirem seu exemplo, ao pesquisar o tema discutido antes de postar no fórum, também não foi direcionado a nenhuma aluna da nossa pesquisa; – na quarta e última postagem deste fórum, parabeniza o aluno, fazendo um comentário mais específico sobre sua participação, também não foi direcionado a nenhuma aluna da nossa pesquisa.

Fonte: A Autora (2012).

Podemos perceber que as considerações das duas primeiras alunas foram mais relatos de experiência que uma busca a fontes que tratavam dos temas

discutidos, no entanto, foram participações de relevância e que precisam ser consideradas no processo de aprendizagem, pois estão em consonância com o conceito da andragogia, no qual se considera a experiência do aluno, ou seja, o seu pré-conhecimento, para aquisição de novos conhecimentos. As duas últimas alunas não fazem relato de suas experiências e nem referenciam texto de apoio, todavia seus comentários têm relevância pelo conteúdo exposto, não fugindo do tema proposto, além da organização das ideias; ambas apresentam uma boa escrita.

Especificamente neste fórum, a tutora mediadora não realizou nenhuma postagem direcionada às alunas que participaram da pesquisa, sendo uma postagem mais de orientação do que de estímulo. As três últimas foram direcionadas, e com viés de agradecimento pela participação, considerando quase que nulo o estímulo a novas participações. Podemos considerar poucas as suas postagens, tanto de conteúdo quanto de estímulo às participações dos alunos, uma vez que suas intervenções têm por finalidade agregar conhecimento aos alunos.

QUADRO 9 - Teor e conteúdo das participações das alunas e tutora mediadora no Fórum II

Teor e conteúdo das participações no Fórum II – alunas e tutora mediadora
C.C.N.A. – ocorreram alguns erros gramaticais e ortográficos, a aluna utilizou seu senso comum para a postagem do tema discutido, sua participação não foi tão relevante.
Nem a tutora mediadora e nem as outras sete alunas participantes da pesquisa postaram neste fórum.

Fonte: A Autora (2012).

QUADRO 10 - Teor e conteúdo das participações das alunas e tutora mediadora no Fórum III

Teor e conteúdo das participações no Fórum III – alunas e tutora mediadora
C.C.N.A. – comentário sem embasamento teórico utilizou-se do senso comum, mas de relevância, não fugiu do tema proposto.
A.S.F. – como a colega anterior, também fez um comentário sem embasamento teórico, utilizando-se do senso comum, mas de relevância, não fugiu do tema proposto.
Nem a tutora mediadora e nem as outras seis alunas participantes da pesquisa postaram neste fórum.

Fonte: A Autora (2012).

QUADRO 11 - Teor e conteúdo das participações das alunas e tutora mediadora no Fórum Interdisciplinar

Teor e conteúdo das participações no Fórum Interdisciplinar – alunas e tutora mediadora
C.C.N.A. – a aluna cumpriu o objetivo proposto, relatando sua experiência em relação ao contato com a leitura.
A.S.F. – a aluna fez um relato de uma experiência vivida, conforme foi proposto, no entanto, foi uma participação muito curta.
Tutora Mediadora L.A.S. – as postagens foram realizadas no mesmo dia, sendo a primeira e a segunda um agradecimento as participações e a terceira de orientação para postagem dos fóruns.
As outras seis alunas participantes da pesquisa não postaram neste fórum.

Fonte: A Autora (2012).

Avaliando as participações das alunas e da tutora mediadora nos três últimos fóruns, fica evidente que o objetivo dos referidos fóruns não foram alcançados, que seria a aprendizagem colaborativa por meio da interação entre todos.

Das alunas participantes, em relação à formação acadêmica e à participação nos fóruns, constatamos que: apenas C.C.N.A. (31 anos), que não possui nenhuma formação acadêmica, realizou postagem em todos os fóruns; A.S.F. (27 anos), formada em Biomedicina, participou por duas vezes; E.A.O. (42 anos), formada em Geografia e Pós-Graduada – *Lato Sensu*, participou apenas uma vez; S.R.L. (50 anos) não possui formação acadêmica e participou apenas uma vez; e V.F.C. (35 anos), formada em Ciências Contábeis, participou apenas uma vez. Notamos que, neste caso, a prévia formação acadêmica não influenciou na resolução dos fóruns, nem mesmo a faixa geracional das alunas, bem como o grau de responsabilidade. Trata-se, portanto, de um grupo bem variado.

Em relação aos seguintes apontamentos: se ocorreu interatividade nas participações; se ocorreu aprendizagem colaborativa nas participações; se ocorreu estímulo da tutora mediadora para interatividade e aprendizagem colaborativa entre as alunas, todos os dados apontam para negatividade. No entanto, devemos considerar que os recortes das participações realizadas foram apenas da segunda disciplina do eixo, o que pode não ocorrer nas demais disciplinas ao longo do ano letivo, esta análise foi apenas uma pequena amostragem de uma disciplina do curso, considerando que a pesquisa foi realizada com uma tutora mediadora e oito alunas da primeira série do curso de Pedagogia, num cenário de 166 alunos do Polo de Apoio Presencial pesquisado.

5.2 Análise da Entrevista com as Alunas

Conforme relatamos anteriormente, levamos um mês para entrevistar oito alunas. As entrevistas eram realizadas apenas às quintas-feiras, que é o dia da aula de Pedagogia, desse modo, a cada quinta-feira entrevistávamos de duas a três alunas. Abaixo, as iniciais dos nomes das alunas, formação e idade, provando que o conceito da andragogia pode ser utilizado como base teórica para EAD.

Alunas:

- A.S.F., formada em Biomedicina e cursando Pedagogia, 27 anos;
- B.K.G.M., cursando Pedagogia, 24 anos;
- C.C.N.A., cursando Pedagogia, 31 anos;
- E.A.O., formada em Geografia, pós-graduada – *lato sensu* em Pesquisa Educacional, cursando Pedagogia, 42 anos;
- G.D.S.T., cursando Pedagogia, 29 anos;
- S.A.G., cursando Pedagogia, 48 anos;
- S.R.L., cursando Pedagogia, 50 anos;
- V.F.C., formada em Ciências Contábeis, cursando Pedagogia, 35 anos.

TABELA 2 - Faixa etária das alunas

Nº de Alunas	Idade/anos
3	24 a 29
2	31 a 35
3	42 a 50

Fonte: A Autora (2012).

Questão 01 - Você possui computador em casa e/ou no trabalho? Quantos?

TABELA 3 - Quantidade de computadores por aluna

Nº de Alunas	Quantidade de Computadores
4	1
4	2

Fonte: A Autora (2012).

O avanço da tecnologia tem chegado cada vez mais dentro das casas brasileiras, independente do poder aquisitivo das famílias; este fator tem trazido inúmeras possibilidades para o desenvolvimento e crescimento da educação brasileira.

O desenvolvimento de novas tecnologias fez a humanidade entrar na era da comunicação universal. Ao abolir as distâncias, estas tecnologias contribuem para moldar a sociedade do futuro que, certamente, não corresponderá a nenhum modelo do passado. (PEINADO, 2007, p. 25)

Questão 02 - Utiliza internet quantas horas por dia? Para quais fins?

TABELA 4 - Quantidade de horas de uso da internet

Nº de Alunas	Quantidade de Horas
1	1 hora por dia
1	3 horas por dia
2	O dia todo
4	Utiliza apenas para acessar o AVA e estudar, sem tempo determinado

Fonte: A Autora (2012).

Percebemos que a maioria das alunas utiliza a internet apenas para cumprir com suas obrigações educacionais, o que não é desejável para o processo de construção do conhecimento, podendo ser utilizada como recurso de pesquisa.

Questão 03 - Já fez outro curso na modalidade a distância?

TABELA 5 - Realização de curso a distância

Nº de Alunas	Cursos EAD realizados
8	Nunca

Fonte: A Autora (2012).

Embora, atualmente, seja uma modalidade de ensino de bastante evidência, seu público ainda é constituído de pessoas que nunca tiveram experiência em EAD, o que demanda cuidado e atenção das instituições ao desenhar seus modelos pedagógicos.

Questão 04 - O que a levou a fazer um curso nesta modalidade?

TABELA 6 - Motivo de realizar curso a distância

Nº de Alunas	Motivos de realizar curso de EAD
5	Falta de tempo, facilidade com horário
3	Melhorar vida profissional

Fonte: A Autora (2012).

A flexibilidade com horários, permitida pela EAD, tem atraído inúmeros alunos, entretanto, flexibilidade não pode ser atrelada a facilidade, pois se trata de uma modalidade de ensino que, apesar de algumas dificuldades, tem se preocupado com a qualidade do ensino, tendo cada vez mais estudiosos interessados no mundo da EAD.

Questão 05 - Teve dificuldades com a metodologia aplicada?

TABELA 7 - Dificuldade com a metodologia

Nº de Alunas	Dificuldades apresentadas
4	Não sentiram dificuldade
2	Sentiram dificuldade
2	Pouca dificuldade

Fonte: A Autora (2012).

Este dado prova que qualquer pessoa que tenha interesse em cursar uma graduação, independente da faixa etária, pode adotar uma metodologia de ensino inovadora e desafiadora, por estar vinculada à tecnologia, que ainda é algo muito distante da realidade de algumas pessoas que procuram a EAD.

Questão 06 - Teve dificuldades com o Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA?
Com o quê?

TABELA 8 - Dificuldade com AVA

Nº de Alunas	Dificuldades apresentadas
6	Não tiveram dificuldade
2	Tiveram dificuldade

Fonte: A Autora (2012).

B.K.G. – “*Sim, no início com tudo.*”

C.C.N.A. – “*Sim, no começo tudo é novo, é mais uma dificuldade interior do que no AVA.*”

As duas únicas alunas que relataram ter dificuldades com o AVA, demonstraram não ser diretamente com o AVA, e sim por ser algo novo que foge do trivial.

Questão 07 - Recebeu orientações a respeito da metodologia e do AVA?

TABELA 9 - Quantidade de alunas orientadas sobre a metodologia e o AVA

Nº de Alunas	Recebimento de orientação
8	Receberam orientação

Fonte: A Autora (2012).

A EAD, por se tratar de uma modalidade de ensino que está atrelada às novas tecnologias e metodologias de ensino inovadoras, exige uma preocupação das instituições em orientar seus alunos quanto à metodologia e ao Ambiente Virtual de Aprendizagem.

08 - Quantas vezes por semana você acessa o AVA? E para quê?

TABELA 10 - Quantidade de acesso ao AVA e motivo

Nº de Alunas	Quantidade de acesso semanal ao AVA/Motivo
3	2 a 3 vezes / para fazer as atividades e estudar
3	4 a 5 vezes / para fazer as atividades e estudar
2	Todos os dias / para fazer as atividades e estudar

Fonte: A Autora (2012).

Estes dados estão bastante balanceados, no entanto, não coincidem com a coleta que realizamos e com o recorte das participações das alunas nos fóruns, embora existam outras atividades, além do fórum, no AVA.

Questão 09 - Você participa dos fóruns?

TABELA 11 - Participação no fórum

Nº de Alunas	Participação no fórum
8	Participam dos fóruns

Fonte: A Autora (2012).

Quantas vezes?

TABELA 12 - Número de participações no fórum

Nº de Alunas	Número de participações
3	Participam de todos os fóruns
5	Participam parcialmente

Fonte: A Autora (2012).

Existe uma contraversão muito grande em relação a estes dados, pois, de um total de oito alunas, apenas duas participaram de todos os fóruns, ainda que uma delas expusesse que não conseguiu participar do Fórum II.

Por qual motivo?

TABELA 13 - Motivo das participações no fórum

Nº de Alunas	Motivo das participações
2	Não citaram motivo
3	Para obter conhecimento
1	Para contribuir com minha opinião
1	Participo pela nota e conhecimento
1	Participo quando considero necessário

Fonte: A Autora (2012).

Muitas são as justificativas para a participação no fórum, contudo a que predominou foi motivada pelo “conhecimento”. É necessário, entretanto, que todas as alunas tenham esta consciência e participem dos fóruns.

Para Sigalés (2001 apud PEÑA; FELDMANN; ESPÓSITO, 2003, p. 193):

[...] a Educação a Distância toma como referência a atividade construtiva do educando, que é constituída de um sistema de interações mediado pelo professor, pelos conteúdos, pelos estudantes e pelo próprio contexto sociocultural no qual a atividade é produzida.

Questão 10 - Que método você utiliza para responder os fóruns?

TABELA 14 - Método utilizado para responder os fóruns

Nº de Alunas	Método utilizado
3	Leitura do livro da disciplina e textos disponíveis no AVA
2	Textos disponíveis no AVA
1	Internet
1	Nas aulas e linha de pensamento dos participantes
1	Nas aulas, leitura do livro da disciplina e Internet

Fonte: A Autora (2012).

Embora não sejam todas as alunas que participam do fórum, muitas responderam que se apoiam em textos disponíveis no AVA e em livros, o que contraria o resultado dos recortes dos fóruns da disciplina escolhida. Por mais que a tutora mediadora especificasse a necessidade de referenciar os autores, não constatamos nenhuma citação de referência.

Questão 11- Você interage com os seus colegas por meio dos fóruns?

TABELA 15 - Interação no fórum

Nº de Alunas	Interação
1	Diz interagir
7	Não interagem

Fonte: A Autora (2012).

Realmente, não existe a interação entre as alunas, e elas estão conscientes deste fato. Diante desta situação, cabe à Instituição rever seu modelo de aplicação de fórum, pois o fórum tem a função de trabalhar o diálogo entre alunos e tutor/professor, mesmo separados pelo tempo e espaço, oferecendo a oportunidade para o aluno receber *feedback* constantemente.

Questão 12 - A participação nos fóruns auxilia o seu processo de aprendizagem? Como?

TABELA 16 - Opinião das alunas sobre a participação no fórum

Nº de Alunas	Opinião
8	Concordam que os fóruns auxiliam no processo de aprendizagem

Fonte: A Autora (2012).

Mesmo conscientes de que a participação efetiva nos fóruns auxilia no processo de aprendizagem, infelizmente, nem todas participam, evento que deve ser revisto pela gestão de ensino, considerando que o fórum é uma ferramenta que conduz à construção do conhecimento por intermédio de uma aprendizagem colaborativa, sendo necessário estimular as participações.

[...] o papel do social no processo de construção do conhecimento é extremamente relevante: sua contribuição na constituição das funções superiores do pensamento é tão profunda e significativa quanto a que se atribui ao sujeito. De acordo com esse raciocínio, homem e sociedade compõem, de fato uma totalidade, em cujo movimento dialético se produz aprendizagem e desenvolvimento. (PALANGANA, 2001, p. 163).

Com as entrevistas realizadas, foi possível entendermos que a maioria das alunas tem muito desejo de obter conhecimento, reconhece suas falhas, e mesmo assim busca participar das atividades com o intuito de cumprir com suas obrigações.

5.3 Análise da Entrevista da Tutora Mediadora

Na sequência, realizaremos a análise da entrevista com a tutora mediadora L.A.S., que tem uma carga-horária de trabalho de 36 horas semanais, sendo responsável pela mediação de 166 alunos, assim sendo, dispõe de apenas 21 minutos para assistir cada aluno por semana.

Na primeira pergunta, questionamos se ela já havia trabalhado na modalidade a distância e o que a levou a trabalhar nesta modalidade. Respondeu que já havia trabalhado em uma Instituição pública e que após o término do mestrado surgiu a oportunidade, por ser uma modalidade de ensino que está

“ganhando um espaço muito significativo e abrindo novas possibilidades de trabalho aos professores.”

Analisando sua resposta, realmente foi possível constatar, quando pesquisamos sobre o **Crescimento da EAD no Brasil**, que nos últimos anos tem ocorrido um crescimento significativo da modalidade, tanto na oferta de cursos quanto no número de alunos. De 2003 até 2008, o número de cursos ofertados subiu 1.244%, já em relação ao número de alunos subiu 1.458% (TORRES, 2011).

Nas segunda e terceira perguntas, questionamos se ela fez algum curso específico para atuar nesta modalidade e se recebe treinamentos. Respondeu que realizou cursos de formação e aperfeiçoamento específicos para a modalidade EAD, e que, atualmente, está cursando especialização *lato sensu* em Educação a Distância e Tecnologias Educacionais. E que a Instituição oferece treinamentos continuamente.

Este dado aponta que a Instituição está preocupada com a formação, o aperfeiçoamento, a qualificação e a educação continuada de seus tutores, o que é muito importante, pois reflete em um trabalho de qualidade nos processos de ensino e aprendizagem.

Na quarta pergunta, questionamos a tutora sobre o que ela entendia sobre interatividade e aprendizagem colaborativa, a resposta segue abaixo:

A palavra interatividade me remete a diálogo, troca, dinâmica. Uma aprendizagem colaborativa só pode acontecer por meio da interatividade, ou seja, num processo de ensino e aprendizagem baseado na conversação, mesmo que assíncronica, dos sujeitos envolvidos no contexto educativo. Entendo que interatividade seja condição e critério para que a aprendizagem colaborativa aconteça.

Esta resposta esclarece bem o que é interatividade. Mattar, abaixo, descreve as diferenças entre os conceitos de interatividade e interação, segundo o entendimento de Wagner (1994, 1997):

A interação envolveria o comportamento e as trocas entre indivíduos e grupos que se influenciam, nos casos em que há eventos recíprocos que requerem pelo menos dois objetos e duas ações. Já interatividade envolveria os atributos da tecnologia contemporânea utilizada na EAD, que permite conexões em tempo real. Ou seja, a interação estaria associada às pessoas, enquanto a interatividade à tecnologia e aos canais. (MATTAR, 2009, p. 112).

Na quinta pergunta, questionamos quanto à periodicidade que ela acessa o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). Respondeu que regularmente,

durante a semana, e esporadicamente, aos fins de semana, uma vez que sua carga-horária totaliza 36 horas semanais.

Analisando esta carga-horária de 36 horas, percebemos que fica difícil para a tutora mediadora dar uma atenção desejável a cada aluno, dispondo ela de apenas 21 minutos para se dedicar a cada aluno durante a semana.

Na sexta pergunta, questionamos quanto ao método que ela utiliza para instigar seus alunos ao estudo, e obtivemos a seguinte resposta:

Como o aluno da modalidade a distância não conta com a presença física do professor para sanar suas dúvidas, minhas orientações são no sentido de apontar caminhos para a pesquisa, de modo que adquira autonomia e independência no processo, por meio de uma organização e sistematização de seus estudos, incluindo horários para leitura, estabelecimento de um local apropriado, e sobretudo, indicações de fontes que facilitem sua compreensão acerca dos conteúdos.

Analisando a resposta da tutora mediadora, encontramos sentido no conceito da heurística, que se estabelece por meio da autoaprendizagem, unificada à interdependência e interaprendizagem, evidenciando um processo de autogestão e cogestão da aprendizagem.

Ao realizarmos a sétima pergunta, perguntamos qual a opinião dela em relação à interatividade e/ou aprendizagem colaborativa, se existe entre seus alunos quando usam o fórum. Ela foi muito verdadeira ao responder, conforme segue abaixo:

Em relação ao fórum, há grandes controvérsias sobre a questão interatividade. Quando um fórum é objeto de avaliação, a tendência é que os alunos participem somente para obtenção de notas. Além disso, o próprio sistema organiza a postagem de notas de forma um tanto estática, não instigando o retorno do aluno, pois uma vez postada a nota, não há mais interesse em regressar nem tampouco em dialogar com os demais colegas e professores. Além disso, em turmas muito grandes, o tutor mediador não consegue promover a interação desejada por meio de intervenções por dois motivos: primeiro porque devido ao tempo para lançamento de notas, a prioridade é dada à avaliação; segundo porque a participação dos alunos se dá quase que integralmente por meio de comentários e não de dúvidas sobre o tema proposto.

Este comentário vai diretamente ao encontro da resposta de uma das alunas que participou da pesquisa, que deixou bem claro que participava do fórum pela nota. Outra situação é o tempo exíguo de que a tutora mediadora dispõe para interagir com a participação de cada aluno, instigando-o a interagir com os colegas e

a construir uma aprendizagem colaborativa, construindo passo a passo o conhecimento com os demais colegas.

Na oitava pergunta, questionamos a tutora sobre qual era a maior dificuldade dos alunos em relação à execução dos fóruns. Ela respondeu que a falta de leitura dos alunos dificulta na elaboração das ideias e na ausência de argumentos, o que torna a discussão superficial. Na seqüência, fez um comentário que marcou bastante: *“Um agravante é a dificuldade enfrentada pelo tutor mediador para intervir nas postagens pelos motivos que já mencionei. Assim, sem um feedback de seu desempenho, o aluno tende a reproduzir os vícios nas participações posteriores”*.

A este respeito, consideramos que o tutor mediador, de uma maneira ou de outra, deve intervir na construção do conhecimento, pois o aluno da modalidade a distância, por estar distante fisicamente, necessita de um acompanhamento especial, para que não se sinta solitário e nem desanime no decorrer da caminhada em busca do conhecimento.

A construção do conhecimento nessa perspectiva pedagógica solicita: a parceria, na discussão de idéias, respeito à comparação de informação e aos dissensos entre idéias e conceitos, negociação de significados, revisão das conclusões iniciais e aplicação do novo conhecimento. (PEÑA; FELDMANN; ESPÓSITO, 2003, p. 189).

Na nona questão, buscamos saber a opinião da tutora em relação à participação dos alunos no fórum, se participam somente pela nota. E obtivemos a seguinte resposta.

Sim, não se pode generalizar, mas observamos que muitos deixam para participar na última hora, apenas para garantir a nota. Outros se dedicam muito pouco e há também os que copiam textos da internet e dos próprios colegas da turma, nestes casos é zerada a participação. Há exceções, com certeza, e para esses alunos uma participação mais efetiva do professor poderia instigar e promover debates interessantes e enriquecedores.

Em relação a este comentário, o que verificamos com base nas entrevistas realizadas e nos recortes das participações das alunas nos fóruns, foi que realmente algumas realizam a atividades apenas pela nota, porém, muitas ficaram sem realizar os fóruns; o que nos preocupou, por ser uma atividade de suma importância para que os processos de ensino e aprendizagem colaborativa ocorram

na modalidade a distância, momento em que podem opinar e interagir, tornando-se alunos críticos e reflexivos.

Na décima pergunta, questionamo-la sobre sua opinião quanto à participação dos alunos no fórum, se ela considerava satisfatória. A tutora mediadora considera negativas as participações, explicando que a forma como são organizadas não beneficia a atuação dos alunos e nem do tutor mediador. Ela sugere a diminuição de fóruns e a alteração no valor atribuído a cada postagem, e também a criação de estratégias que deem condições melhores no trabalho do tutor.

Diante das respostas da tutora mediadora, achamos pertinente fazer mais uma questão, sobre o que ela achava necessário para que o tutor mediador fizesse a intervenção com os alunos nos fóruns, dizendo que o objetivo do fórum é a intervenção.

- Sobre a intervenção do tutor mediador, penso que o ideal seria que todos recebessem um feedback. Para tanto, precisaríamos de uma quantidade limitada de alunos por turma. - Pedagogicamente falando, o excesso de alunos compromete a qualidade do ensino a distância. Vejo isso como um ponto a ser analisado, apesar de acreditar na EAD e na possibilidade de uma aprendizagem efetiva por meio desta modalidade de ensino. A diminuição de barreiras físicas e temporais permite a inserção de muitos alunos em uma única turma, o que contribui para a democratização do ensino superior no país. No entanto, em turmas demasiadamente grandes fica difícil a manutenção de um padrão de qualidade rígido, visto que a atenção do mediador precisa estar focada mais nas necessidades do grupo do que nas individuais. - Em turmas grandes, as intervenções são feitas levando-se em consideração o coletivo, ou seja, as dificuldades apresentadas pelo grupo de um modo geral. É claro que, em casos específicos, quando um aluno se equivoca em sua resposta, fazemos uma orientação individual que, de certa forma, acaba servindo para todos.

Perante esta resposta foi possível percebermos que existe uma preocupação grande da tutora mediadora em relação aos processos de ensino e aprendizagem colaborativa e, mais uma vez, ela aponta que o número elevado de alunos assistidos por um único tutor influencia sobremaneira no desenvolvimento da aprendizagem, prejudicando a construção de um conhecimento de qualidade.

- Outra questão que acho importante pontuar sobre interação nos fóruns é o diálogo entre os próprios alunos. Em fóruns que valem nota, dificilmente observamos interação entre os colegas de turma. Os alunos participam uma só vez e suas postagens geralmente não dialogam com as demais, o que nos leva a perceber que poucos lêem o que escreveram o professor e os colegas. (continuação da resposta da tutora)

O relato acima realmente preocupa, uma vez que a dialogicidade e a interação – troca de experiências entre alunos e tutor/professor –, constituem uma ferramenta muito importante para os atores envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem que estão separados pelo tempo e espaço, sendo uma das maneiras de se construir o conhecimento, ou seja,

O processo de apropriação do conhecimento se dá, portanto, no decurso do desenvolvimento de relações reais, efetivas, do sujeito com o mundo. Vale ressaltar que estas relações não dependem da consciência do sujeito individual, mas são determinadas pelas condições histórico-sociais concretas nas quais ele está inserido, e ainda pelo modo como sua vida se forma nestas condições. (PALANGANA, 2001, p. 131).

No comentário abaixo, a tutora mediadora faz sugestões aos problemas apresentados, notadamente a experiência da mesma resulta em propostas que devem ser apreciadas e analisadas, do ponto de vista pedagógico, e também andragógico e heutagógico.

– Todavia, a meu ver, é a partir dos problemas que podemos pensar em novas possibilidades, tanto para o professor mediador quanto para os alunos, de modo que os fóruns se tornem mais dinâmicos e enriquecedores para ambos. – Talvez menos fóruns por disciplina, talvez mais tempo para correção, talvez um período maior de duração por fórum... São algumas medidas que poderiam ser pensadas, além, é claro, do controle de quantidade de alunos por mediador. [Continuação da resposta da tutora]

Ela ainda aponta uma problemática que precisa ser avaliada e ponderada, considerando o número expoente de alunos que ingressam cada vez mais na EAD.

Vejo que é uma questão a se pensar: como manter a quantidade de alunos nas turmas (e até aumentar, como é o objetivo das instituições), sem abrir mão da qualidade no ensino? Como possibilitar ao mediador o desenvolvimento de um trabalho pedagógico de qualidade?

Durante todo o tempo da entrevista, a tutora mediadora se demonstrou preocupada em relação à interação entre ela e os alunos, dizendo não ter tempo o suficiente para passar *feedback* individual e instigar os alunos a interagirem no fórum, e quando ocorre é muito mais coletivo que individual.

Na modalidade a distância, o fórum deve ser usado como uma ferramenta de aprendizagem colaborativa. Segundo Vygotsky (2007), a

aprendizagem precede o desenvolvimento, mas para isso é necessário que haja a interação entre os sujeitos.

Vygotsky (2007) acredita que a variação de ambiente socio-histórico interfere diretamente no desenvolvimento cognitivo do indivíduo. E que o estudo da dialética entre biológico e cultural se complementam, pois as interações ocorridas entre ambos atenuam o desenvolvimento cognitivo. Porém, a primeira resposta de ação da criança ao mundo está ligada ao biológico, e ainda por meio da mediação com indivíduos mais experientes, os processos cognitivos superiores tomam forma.

[...] Vygotsky preocupou-se, justamente, em mostrar que o desenvolvimento das funções psíquicas superiores não se prende a leis biológicas, mas a leis sociais e, por isso, históricas. Para ele, a natureza humana é, desde o início, essencialmente social: é na relação com o próximo, numa atividade prática comum, que os homens, mediados pelos signos e instrumentos, se constituem e se desenvolvem enquanto tal. Vygotsky interpretou a interação humana no seio de um contexto histórico destacando a linguagem como instrumento que promove a formação do psiquismo. (PALANGANA, 2001, p. 149).

Trazendo para EAD as considerações da teoria de Vygotsky, é mais que evidente que os processos de ensino e aprendizagem colaborativa ocorrerão por meio da interação dos sujeitos envolvidos no processo, considerando a experiência do condutor (tutor/professor) e do conduzido (aluno); também é necessário considerar a experiência de vida do aluno (andragogia) no decorrer da aprendizagem, apresentando uma nova roupagem para os conteúdos ministrados e discutidos.

Com o intuito de mostrar a importância das interações sociais no desenvolvimento cognitivo, Vygotsky criou o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que visa entender o curso interno do desenvolvimento do indivíduo e, desta forma, operar diante das possibilidades imediatas dele.

Para a formação deste conceito Vygotsky (2007, p. 94) estudou “primeiro, a relação geral entre aprendizado e desenvolvimento; e, segundo, os aspectos específicos dessa relação quando a criança atinge a idade escolar”.

Este conceito permitiu entender que se deve considerar o pré-conhecimento do indivíduo. Vygotsky (2007), em sua obra *A formação social da mente*, apresenta a aritmética como exemplo, colocando que a criança, mesmo sem ter consciência, tem experiências com quantidade, divisão, adição e subtração, muito antes de frequentar a escola.

Valendo-se deste dado, o professor pode diagnosticar os pré-conhecimentos de seus alunos, a fim de preparar suas aulas direcionando-as para o que realmente é necessário para a aprendizagem, mas se antevendo à experiência de cada indivíduo, uma vez que cada um tem sua própria experiência, influenciada pelo meio social com o qual interage.

Estas contribuições devem ser utilizadas como base nos projetos de ensino da EAD, pois direcionam o caminho que o professor deve traçar, considerando o pré-conhecimento do aluno e sua experiência de vida, uma vez que o aluno da EAD tem um perfil mais maduro que os alunos da modalidade presencial.

Segundo Vygotsky (2007), o pré-conhecimento ou aprendizado pré-escolar é considerado um aprendizado não sistematizado, ao passo que o escolar é visto como um aprendizado sistematizado, o que necessita entender o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal. Por esta razão, Vygotsky determinou dois níveis de desenvolvimento – o real e o potencial –, sendo um consequência do outro. Assim, para que uma criança atinja o nível de desenvolvimento real, ela deve passar pelo nível de desenvolvimento potencial.

O nível de desenvolvimento potencial passa por um processo interpessoal, ou seja, compartilhado. O indivíduo, ao se relacionar, dialogar, trocar experiências com o outro, está desenvolvendo e adquirindo conhecimento. Desta forma, o processo de construção do conhecimento está se desenvolvendo e criando raízes para que amanhã se torne o nível de desenvolvimento real, o que significa aprendizado espontâneo, sem a ajuda do outro.

A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas 'brotos' ou 'flores' do desenvolvimento, em vez de 'frutos' do desenvolvimento. (VYGOTSKY, 2007, p. 98).

Estas considerações vêm diretamente ao encontro da EAD, pois, conforme já mencionamos, o aluno da modalidade a distância apresenta um perfil mais maduro e, para que ele possa acompanhar os estudos de forma satisfatória, é preciso que seja disciplinado, autodidata, reflexivo e flexível, e, acima de tudo mantenha um relacionamento mesmo que virtual/*on-line* com seus colegas e tutor/professor, trocando conhecimento uns com os outros, podendo ser entendido como processo de maturação.

A zona de desenvolvimento proximal pode, portanto, tornar-se um conceito poderoso nas pesquisas do desenvolvimento, conceito este que pode aumentar de forma acentuada a eficiência e a utilidade da aplicação de métodos diagnósticos do desenvolvimento mental e problemas educacionais. (VYGOTSKY, 2007, p. 99).

Portanto, a interação é uma ferramenta muito importante na construção do conhecimento, como foi possível verificar até o momento Vygotsky se apoia no materialismo-histórico e defende arduamente que a interação social constrói e transforma o homem, sendo assim, entendemos que Vygotsky até aqui nos deu base à análise da coleta de dados, por se tratar de um teórico que defende: “[...] um interacionismo onde se prioriza, de fato, a interação entre indivíduo e meio ambiente (entendido enquanto o contexto sócio-histórico em que se vive), admitindo-se, dessa forma, uma determinação mútua entre ambos” (PALANGANA, 2001, p. 161).

Assim, constata-se que a construção do conhecimento se dá através das trocas sociais, por meio da interação entre indivíduos envolvidos num dado espaço histórico e social, regidas pela cultura instituída na interação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentamos ao longo do trabalho, a EAD é uma modalidade de ensino que cresce cada vez mais no Brasil e no mundo, por ser uma das formas de se democratizar e universalizar a educação, levando educação àquelas pessoas que, por um motivo ou outro, não tiveram a oportunidade de frequentar uma graduação.

A EAD surgiu séculos atrás, com o intuito de ajudar as pessoas que, separadas pelo tempo e espaço, não tinham a oportunidade de se qualificar. Seu início foi por meio da correspondência; tempos depois a “era do rádio” facilitou os projetos educacionais, levando educação a uma camada populacional maior.

Uma ferramenta muito utilizada até os dias de hoje é a televisão, inserida no Brasil na década 1960, quando o Código Brasileiro de Telecomunicações (1967) exigia que as emissoras de televisão apresentassem programas educativos.

O Brasil, atualmente, conta com três projetos educacionais que utilizam este recurso de grande expressão: a TV Educativa e a TV Escola, mantidas pelo poder público; e o Telecurso, mantido pela Fundação Roberto Marinho.

Outro recurso muito importante para o crescimento acelerado da EAD é o uso de computadores e da internet. Quase todas as camadas da sociedade brasileira possuem computadores, o que potencializou o seu uso a favor da educação.

O computador, por permitir a utilização de recursos e sistemas, como, por exemplo, as plataformas adotadas e customizadas pelas IES como o Moodle, que tem propiciado um avanço educacional, pois neste ambiente o aluno pode interagir com colegas e professores.

Considerando todo este crescimento educacional na modalidade a distância, buscamos compreender como ocorre o processo de aprendizagem colaborativa na EAD. Por esta razão, investigamos o uso de um dos recursos de interação – o fórum –, considerado uma atividade assíncrona.

Para o desenvolvimento da pesquisa, entrevistamos oito alunas e uma tutora mediadora do Curso de Pedagogia, na modalidade EDA, e também coletamos as participações de seus fóruns, referentes a uma das disciplinas do curso.

Ao analisarmos estes fóruns, nosso principal objeto de pesquisa, cujo objetivo centrou-se na construção do conhecimento por meio da aprendizagem

colaborativa, constatamos que os alunos não interagem, como deveriam, ao realizar esta atividade. Na maioria dos fóruns analisados fizeram apenas uma participação, e alguns nem participaram de todas as postagens que analisamos.

Ao confrontarmos suas participações com os depoimentos colhidos durante a entrevista, observamos que as alunas estão conscientes que a participação nos fóruns auxilia no processo de aprendizagem, mas, mesmo assim, não participaram efetivamente das atividades.

Outro ponto analisado foi a possível influência da tutora mediadora na aprendizagem colaborativa. Constatamos que o instigar o aluno à busca da reflexão por meio de um *feedback* formativo foi uma atividade pouco executada. Tal constatação pôde ser verificada no fórum e na própria entrevista com a tutora mediadora que está ciente da carência da aprendizagem colaborativa, embora reconheça a importância da interação para o desenvolvimento e a construção do conhecimento do aluno.

Analisando os argumentos da tutora mediadora em relação ao fórum, notamos que ela aponta sugestões para que sejam criadas regras para organização e inserção de tópicos de fóruns que permitam ao próprio aluno postar um tema de fórum, caso deseje. Outra proposta é elaborar um fórum convidativo, que instigue a interação entre os alunos com intervenção do mediador, de forma que os alunos se interessem em discutir um tema, tornando-se um indivíduo pensante (crítico e reflexivo). Ou, ainda, extinguir dois fóruns por disciplina e estabelecer critérios de participação, na qual o aluno teria duas semanas para participar de um fórum, tendo por obrigação colocar sua opinião a respeito do tema tratado e interagir com a participação de um colega.

Verificamos, também, a necessidade de ter um número menor de alunos por tutor mediador, para que o processo de aprendizagem colaborativa possa ser realizado com mais eficácia, considerando que a tutora mediadora no módulo analisado, dispõe de apenas 21 minutos por aluno/semana.

Cabe ressaltarmos, ainda, que esta pesquisa contribuiu para nosso crescimento pessoal e profissional, no que tange à busca contínua de conhecimentos e à compreensão epistemológica dos conceitos. Além disso, procuramos colaborar para a comunidade acadêmica e instituições que investigam ferramentas de apoio pedagógico para Educação a Distância, pois trata-se de uma modalidade de ensino ainda jovem, que precisa ser testada constantemente,

evidenciando erros e acertos, e o resultado obtido poderá auxiliar na construção de metodologias para esta modalidade.

Concluimos, portanto, que a EAD é uma modalidade de ensino importante, sobretudo quando se pensa em um país de grande extensão geográfica como o Brasil, no entanto, deve estar alicerçada por conceitos que sustentem seu funcionamento, bem como proporcionar uma aprendizagem colaborativa, que leva à construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

Obras Citadas

ALMEIDA, Maria E. Bianconcini. As teorias principais da andragogia e heutagogia. In: LITTO, Fredric. M.; FORMIGA, Manuel M. Maciel (Orgs.). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson, 2009. p. 105-111.

ALVES, João Roberto Moreira. A história da EAD no Brasil. In: LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Manuel M. Maciel (Orgs.). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson, 2009. p. 09-13.

ALVES, João Roberto Moreira. **Educação a distância e as novas tecnologias de informação e aprendizagem**. 2007. Disponível em: <<http://www.engenheiro2001.org.br/programas/980201a1.htm>>. Acesso em: 05 jun. 2010.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - ABED. Disponível em: <http://www2.abed.org.br/institucional.asp?Institucional_ID=1>. Acesso em: 08 ago. 2012.

BATISTA, Erlinda Martins; GOBARA, Shirley Takeco. **O fórum on-line e a interação em um curso a distância**. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2006.

BRASIL. Decreto MEC n.º 5622, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/decreto/D5622.htm>. Acesso em: 19 fev. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei n.º 10.172, de 09 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 19 fev. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação presencial e a distância**. 2012. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/avaliacao_cursos_graduacao/instrumentos/2012/instrumento_com_alteracoes_maio_12.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. SEED. **Referenciais de Qualidade para Educação Superior a Distância**. 2007b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/legislacao/refead1.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2012.

BRASIL. Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução n. 1, de 8 de junho de 2007a. Estabelece normas para o funcionamento de cursos de pós-graduação lato sensu, em nível de especialização. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces001_07.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2012.

FILATRO, Andrea. As teorias pedagógicas fundamentais em EAD. In: LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Manuel M. Maciel (Orgs.). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson, 2009. p. 96-104.

FREIRE, Paulo. **Conscientização, teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GONZALEZ, Mathias. **A Arte da Sedução Pedagógica na Tutoria em Educação a Distância**. 2006. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/educacao-online-artigos/a-arte-da-seducao-pedagogica-na-tutoriaemeducao-a-distancia-348606.html>>. Acesso em: 06 set. 2012.

LITTO, Fredric M. **Aprendizagem a Distância**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

MARROU, Henri-Irénée. **História da educação na antiguidade**. 4. ed. São Paulo: E.P.U., 1975.

MARX, Karl. Posfácio da segunda edição de *O Capital*. In: **Os Economistas**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MATTAR, João. Interatividade e aprendizagem. In: LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Manuel M. Maciel (Orgs.). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson, 2009. p. 112-120.

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia**. 2012.

NUNES, Ivônio Barros. A história da EAD no mundo. In: LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Manuel M. Maciel (Orgs.). **Educação a Distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson, 2009. p. 02-08.

OLIVEIRA, Carmen Lúcia de Araújo Paiva. **Afetividade, aprendizagem e tutoria online**. 2009. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT16-5141--Int.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2012.

OLIVEIRA, Eduardo A. et al. **ForUX: um modelo de fórum de discussão para representações fidedignas de idéias**. 2010. Disponível em: <<http://www.cesar.org.br/site/forux-um-modelo-de-forum-de-discussao-para-representacoes-fidedignas-de-ideias/>>. Acesso em: 09 set. 2012.

PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky: relevância do social**. 3. ed. São Paulo: Summus, 2001.

PEINADO, Carlos Eduardo Duarte. **A internet na construção do conhecimento: a importância das mediações**. 2007. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente.

PEÑA, Maria de los Dolores Jimenes; FELDMANN, Marina Graziela; ESPÓSITO, Vitória Helena Cunha. Educação e Tecnologia na Construção do Conhecimento. In: VALENTE, José Armando; PRADO, Maria E. B. Brito; ALMEIDA, Elizabeth Bianconcini. **Educação a Distância Via Internet**. São Paulo: Avercamp, 2003. p. 187-194.

PRADO, Maria E. B. Brito; ALMEIDA, Elizabeth Bianconcini. Criando Situações de Aprendizagem Colaborativa. In: VALENTE, José Armando; PRADO, Maria E. B. Brito; ALMEIDA, Elizabeth Bianconcini. **Educação a Distância Via Internet**. São Paulo: Avercamp, 2003. p. 195-204.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas. 1999.

RINALDI, R. P. **Informática na educação: um recurso para aprendizagem e desenvolvimento profissional de professoras-mentoras**. 2006. 196f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

ROSA, Adalberto J. S. **Projeto de pesquisa**. FASU, 2011. (Apostila da disciplina Metodologia Científica do Curso de Psicologia).

SANTOS FILHO, José Camilo dos. **Instrumentos de coleta de dados**. Presidente Prudente: Unoeste, 2011.

SANTOS FILHO, José Camilo dos. **Pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa: O desafio paradigmático**. Presidente Prudente: Unoeste, 2009.

TEIXEIRA, Gilberto. **A andragogia e seus princípios**. 2011. Disponível em: <<http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/m%C3%B3dulos/andragogia/andragogia-e-seus-princ%C3%ADpios>>. Acesso em: 06 set. 2012.

TORRES, Patrícia Lupion. Reflexões sobre os aspectos administrativos II. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. **Censo EAD 2009**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2011. p. 39-41. [tradução para o inglês Opportunity Translations].

VALENTE, José Armando. Informática na educação: uma questão técnica ou pedagógica? **Revista Pátio**, Porto Alegre, ano 3, n. 9, p. 21-23, 1999.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZANATTA, Regina Maria; COSTA, Maria Luisa Furlan (Orgs.). **Educação a Distância no Brasil**: aspectos históricos, legais, políticos e metodológicos. Maringá: Eduem, 2008. p. 13-49.

Obras Consultadas

BATISTA, Erlinda Martins. **O papel do fórum on-line em um curso de pós-graduação lato sensu a distância**: um estudo de caso. 2006. 214 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

BEHRENS, Marilda Aparecida; MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos J. **Ensino e Aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2001.

BRASIL. **Portaria MEC n.º 4059, de 10 de dezembro de 2004**. Autoriza a inclusão de disciplinas não presenciais em cursos superiores reconhecidos. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/nova/acs_portaria4059.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2012.

COSTA, Lúcia Alves. **A mediação do professor na interação do aprendiz com o material didático em contextos pedagógicos distintos**: o presencial e o virtual. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MADUREIRA, Juliane Ferreira. **Mediação Pedagógica na Educação a Distância**: Possibilidades a partir das contribuições da abordagem de Reuven Feuerstein. 2010. 218f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos Tarciso; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 16. ed. Campinas: Papirus, 2009. PESCUMA, Derna; CASTILHO, Paulo F. de. **Projeto de pesquisa - o que é? Como fazer?** São Paulo: Olho D'Água, 2008.

SANTOS, Daniel Barbosa. **Indicadores de qualidade nos processos de ensino-aprendizagem virtual**: a necessidade da mudança de paradigmas educacionais. 2008. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica de Brasília, Brasília.

SOUZA, Marcia Maria Previato de. **Formação técnico-pedagógica do professor para educação a distância**. 2011. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

ANEXOS

ANEXO A - Entrevista com a Tutora Mediadora

Tutora Mediadora (L.A.S.), Formada em Pedagogia e Mestre em Educação, com 32 anos.

01 - Você já havia trabalhado na modalidade a distância? O que a levou a trabalhar nesta modalidade?

“- Sim, trabalhei na tutoria de um curso de especialização em Atendimento Educacional Especializado, durante um ano e meio, em uma Instituição Pública de Ensino Superior e em um curso de Pedagogia semipresencial, ministrando aulas presenciais e a distância, também em cursos de especialização relacionados à educação, além de ter produzido material didático para uma Faculdade privada.

- O que me levou a trabalhar na modalidade foram as oportunidades que surgiram após a conclusão do meu mestrado, pois a educação a distância vem ganhando um espaço muito significativo e abrindo novas possibilidades de trabalho aos professores.”

02 - Fez algum curso específico para atuar nesta modalidade?

“- No decorrer dos trabalhos desenvolvidos, realizei cursos de formação e aperfeiçoamento específicos para a modalidade EAD, ofertados pelas próprias Instituições nas quais trabalhei. No momento, sou aluna de um curso de especialização *lato sensu* em Educação a Distância e Tecnologias Educacionais.”

03 – Recebeu e recebe treinamentos?

“- Sim, a Instituição na qual trabalho oferece treinamentos obrigatórios, continuamente.”

04 – O que você entende sobre interatividade e aprendizagem colaborativa?

“- A palavra interatividade me remete a diálogo, troca, dinâmica. Uma aprendizagem colaborativa só pode acontecer por meio da interatividade, ou seja, num processo de ensino e aprendizagem baseado na conversação, mesmo que

assíncrona, dos sujeitos envolvidos no contexto educativo. Entendo que interatividade seja condição e critério para que a aprendizagem colaborativa aconteça.”

05 – Qual é a periodicidade que você acessa o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)?

“- Acesso o ambiente regularmente, de segunda-feira a sexta-feira, em meu horário de trabalho (36 horas semanais) e, esporadicamente, aos fins de semana.”

06 – Que método você utiliza para instigar seus alunos ao estudo?

“- Como o aluno da modalidade a distância não conta com a presença física do professor para sanar suas dúvidas, minhas orientações são no sentido de apontar caminhos para a pesquisa, de modo que adquira autonomia e independência no processo, por meio de uma organização e sistematização de seus estudos, incluindo horários para leitura, estabelecimento de um local apropriado, e sobretudo, indicações de fontes que facilitem sua compreensão acerca dos conteúdos.”

07 – Em sua opinião existe interatividade e/ou aprendizagem colaborativa entre seus alunos quando usam o fórum?

“- Em relação ao fórum, há grandes controvérsias sobre a questão interatividade. Quando um fórum é objeto de avaliação, a tendência é que os alunos participem somente para obtenção de notas. Além disso, o próprio sistema organiza a postagem de notas de forma um tanto estática, não instigando o retorno do aluno, pois uma vez postada a nota, não há mais interesse em regressar nem tampouco em dialogar com os demais colegas e professores. Além disso, em turmas muito grandes, o tutor mediador não consegue promover a interação desejada por meio de intervenções por dois motivos: primeiro, porque devido ao tempo para lançamento de notas, a prioridade é dada à avaliação; segundo, porque a participação dos alunos se dá quase que integralmente por meio de comentários e não de dúvidas sobre o tema proposto.”

08 – Qual a maior dificuldade de seus alunos em relação à execução dos fóruns?

“- A meu ver, a dificuldade dos alunos é a mesma expressa por meio de textos escritos convencionalmente, ou seja, dificuldade na elaboração de ideias, problemas com o uso adequado da língua, falta de leitura que implica diretamente na ausência de argumentos lógicos sobre o assunto, o que torna a discussão, na maioria das vezes, superficial e baseada no senso comum. Um agravante é a dificuldade enfrentada pelo tutor mediador para intervir nas postagens pelos motivos que já mencionei. Assim, sem um *feedback* de seu desempenho, o aluno tende a reproduzir os vícios nas participações posteriores.”

09 - Na sua opinião, só participam pela nota?

“- Sim, não se pode generalizar, mas observamos que muitos deixam para participar na última hora, apenas para garantir a nota. Outros se dedicam muito pouco e há também os que copiam textos da internet e dos próprios colegas da turma, nestes casos é zerada a participação. Há exceções, com certeza, e para esses alunos uma participação mais efetiva do professor poderia instigar e promover debates interessantes e enriquecedores.”

10 – Você considera a participação dos alunos, no fórum, satisfatória?

“- Não. Devido à forma como os fóruns são organizados, nem o tutor mediador e nem os alunos têm subsídios para o desenvolvimento de um trabalho satisfatório. A diminuição da quantidade de fóruns ou de alunos por fórum, a alteração no valor atribuído a cada postagem, o estabelecimento de critérios para participação bem definidos e a criação de estratégias que viabilizem o trabalho do tutor mediador, dando-lhe condições para desenvolver uma mediação com qualidade, são sugestões que a meu ver, podem contribuir para o aperfeiçoamento desse recurso tão importante para a educação a distância.”

Diante das respostas da tutora mediadora, achamos pertinente fazer mais uma questão:

11 - O que você acha que é necessário para que o tutor mediador faça a intervenção com os alunos nos fóruns? Até porque o objetivo do fórum é a intervenção, não é mesmo?

“- Sobre a intervenção do tutor mediador, penso que o ideal seria que todos recebessem um *feedback*. Para tanto, precisaríamos de uma quantidade limitada de alunos por turma.

- Pedagogicamente falando, o excesso de alunos compromete a qualidade do ensino a distância. Vejo isso como um ponto a ser analisado, apesar de acreditar na EAD e na possibilidade de uma aprendizagem efetiva por meio desta modalidade de ensino. A diminuição de barreiras físicas e temporais permite a inserção de muitos alunos em uma única turma, o que contribui para a democratização do ensino superior no país. No entanto, em turmas demasiadamente grandes, fica difícil a manutenção de um padrão de qualidade rígido, visto que a atenção do mediador precisa estar focada mais nas necessidades do grupo do que nas individuais.

- Em turmas grandes, as intervenções são feitas levando-se em consideração o coletivo, ou seja, as dificuldades apresentadas pelo grupo de um modo geral. É claro que, em casos específicos, quando um aluno se equivoca em sua resposta, fazemos uma orientação individual que, de certa forma, acaba servindo para todos.

- Vejo que é uma questão a se pensar: como manter a quantidade de alunos nas turmas (e até aumentar, como é o objetivo das instituições), sem abrir mão da qualidade no ensino? Como possibilitar ao mediador o desenvolvimento de um trabalho pedagógico de qualidade?

- Outra questão que acho importante pontuar sobre interação nos fóruns é o diálogo entre os próprios alunos. Em fóruns que valem nota, dificilmente observamos interação entre os colegas de turma. Os alunos participam uma só vez e suas postagens geralmente não dialogam com as demais, o que nos leva a perceber que poucos leem o que escreveram o professor e os colegas.

- Todavia, a meu ver, é a partir dos problemas que podemos pensar em novas possibilidades, tanto para o professor mediador quanto para os alunos, de modo que os fóruns se tornem mais dinâmicos e enriquecedores para ambos.

- Talvez menos fóruns por disciplina, talvez mais tempo para correção, talvez um período maior de duração por fórum... São algumas medidas que poderiam ser pensadas, além, é claro, do controle de quantidade de alunos por mediador.

- Me desculpe se falei demais! É que pedir a um pedagogo para refletir sobre algo tão vinculado à pedagogia (uma ferramenta virtual de aprendizagem) é realmente instigante. Por isso gostei da tarefa (risos).”

ANEXO B - Entrevista com as Alunas

Alunas:

- A.S.F., formada em Biomedicina e cursando Pedagogia, 27 anos;
- B.K.G.M., cursando Pedagogia, 24 anos;
- C.C.N.A, cursando Pedagogia, 31 anos;
- E.A.O., formada em Geografia, pós graduada – *lato sensu* em Pesquisa Educacional, cursando Pedagogia, 42 anos;
- G.D.S.T., cursando Pedagogia, 29 anos;
- S.A.G., cursando Pedagogia, 48 anos;
- S.R.L., cursando Pedagogia, 50 anos;
- V.F.C., formada em Ciências da Computação, cursando Pedagogia, 35 anos.

01 - Você possui computador em casa e/ou no trabalho? Quantos?

A.S.F. - “Tenho um computador em casa e um no trabalho.”

B.K.G. – “Sim, um computador em casa.”

C.C.N.A. – “Sim, um em casa.”

E.A.O. – “Sim dois em casa.”

G.D.S.T. – “Um em casa.”

S.A.G. – “Sim, um.”

S.R.L. – “Sim, em casa um computador e um notebook.”

V.F.C. – “Sim, dois em casa.”

02 – Utiliza internet quantas horas por dia? Para quais fins?

A.S.F. - “Eu utilizo o dia todo no trabalho, para fazer banco e em casa para o lazer.”

B.K.G. – “Infelizmente não tenho internet em casa, então faço as atividades e depois vou até um lugar que tenha acesso a internet.”

C.C.N.A. – “Fico, em média, uma hora por dia, mais para o estudo mesmo.”

E.A.O. – “Uso apenas para as aulas, trabalhos e leituras, ah! pesquisas e aprimoramento dos estudos.”

G.D.S.T. – “Fico três horas para estudar e lazer.”

S.A.G. – “Não uma hora específica, uso para estudar.”

S.R.L. – “Utilizo somente para estudar, daí depende do tempo que ficarei, não tem um tempo específico.”

V.F.C. – “Praticamente o dia inteiro, o computador sempre está ligado, para conferir e-mails, redes sociais, e existem os horários que destino ao estudo.”

03 – Já fez outro curso na modalidade a distância?

A.S.F. - “Não.”

B.K.G. – “Não.”

C.C.N.A. – “Não.”

E.A.O. – “Não.”

G.D.S.T. – “Não.”

S.A.G – “Não.”

S.R.L. – “Não.”

V.F.C. – “Não.”

04 – O que a levou a fazer um curso nesta modalidade?

A.S.F. - “Pela facilidade com horário.”

B.K.G. – “Preciso melhorar minha vida profissional e pessoal, mas tenho uma filha pequena, foi a maneira de ter uma faculdade.”

C.C.N.A. – “Falta de tempo.”

E.A.O. – “Trabalho dez anos com educação infantil e quero melhorar a qualidade do meu trabalho.”

G.D.S.T. – “O pouco tempo que tenho.”

S.A.G. – “Porque já estou trabalhando na área.”

S.R.L. – “Foi incentivo da minha filha, e não queria fazer todos os dias.”

V.F.C. – “A facilidade do horário, estava buscando uma segunda faculdade no período da tarde, mas pesquisei em várias instituições e não tinha, então resolvi fazer a distância.”

05 – Teve dificuldades com a metodologia aplicada?

A.S.F. - “Não.”

B.K.G. – “Sim”

C.C.N.A. – “No começo sim.”

E.A.O. – “Não.”

G.D.S.T. – “Um pouco no início.”

S.A.G. – “Não.”

S.R.L. – “Um pouco, talvez por ter ficado muito tempo ausente do ambiente escolar.”

V.F.C. – “Nenhuma.”

06 – Teve dificuldades com o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)? Com o quê?

A.S.F. - “Também, não.”

B.K.G. – “Sim, no início com tudo.”

C.C.N.A. – “Sim, no começo tudo é novo, é mais uma dificuldade interior do que no AVA.”

E.A.O. – “Não.”

G.D.S.T. – “Não, nem achei complicado.”

S.A.G. – “Não.”

S.R.L. – “Não tive.”

V.F.C. – “Nenhuma, acredito que por ter facilidade em trabalhar com computador.”

07 – Recebeu orientações a respeito da metodologia e do AVA?

A.S.F. - “Sim, treinamento, acho que Dia do Calouro.”

B.K.G. – “Faltei no dia da orientação, mas depois pude participar de outro dia.”

C.C.N.A. – “Sim, um dia que tinha alguns alunos.”

E.A.O. – “Recebi sim acho que chama Semana do Calouro, foi neste dia aí.”

G.D.S.T. – “Sim.”

S.A.G. – “Sim.”

S.R.L. – “Sim participei da Semana do Calouro, neste dia recebemos a orientação da metodologia e do AVA.”

V.F.C. – “Sim, pelos vídeos explicativos.”

08 – Quantas vezes por semana você acessa o AVA? E para quê?

A.S.F. - “Mais ou menos umas três vezes por semana, para fazer as atividades, assistir à aula.”

B.K.G. – “Entro todos os dias da semana para fazer as atividades e etc.”

C.C.N.A. – “Em média quatro vezes por semana, para fazer as atividades.”

E.A.O. – “Várias, para realização de estudos, mas não tenho muito tempo, pois trabalho o dia todo em duas escolas diferentes, pública e privada.”

G.D.S.T. – “Entro pelo menos duas vezes, para verificar mensagens e estudar.”

S.A.G. – “Duas vezes por semana, para fazer atividades.”

S.R.L. – “Todos os dias para estudar.”

V.F.C. – “Normalmente de segunda a sexta, para assistir as aulas, responder os fóruns, fazer as atividades, também para entrar na sala de café, verificar aviso, etc.”

09 – Você participa dos fóruns? Quantas vezes e por qual motivo?

A.S.F. - “Sim, de todos.”

B.K.G. – “Sim, não são todos os fóruns. Participo para aumentar meu conhecimento na disciplina.”

C.C.N.A. – “Sim, mas o último fiquei sem responder, sinceramente, participo para ajudar na nota, e para o conhecimento.”

E.A.O. – “Sim, de todos por poder me expressar e estar conectada com os acontecimentos atuais e ampliar meus conhecimentos.”

G.D.S.T. – “Sim (não respondeu por qual motivo).”

S.A.G. – “De alguns fóruns, para auxiliar meus estudos.”

S.R.L. – “Participo sempre que necessário para responder aos fóruns solicitados.”

V.F.C. – “Participo. Sempre. Acho que um bom momento para colocar a opinião que temos sobre os diversos temas que são propostos.”

10 – Que método você utiliza para responder os fóruns?

A.S.F. - “Faço leitura.”

B.K.G. – “Me baseio nas aulas, e seguindo a linha de pensamento dos participantes.”

C.C.N.A. – “Através de pesquisas, livros, internet ou opinião própria na maioria das vezes.”

E.A.O. – “As leituras dos textos propostos, minha prática cotidiana e cursos de capacitação.”

G.D.S.T. – “Fico pesquisando sobre o assunto na internet.”

S.A.G. – “Leitura de livro e texto disponibilizados.”

S.R.L. – “Leitura, pesquisa acompanhando a matéria desenvolvida no AVA.”

V.F.C. – “Sempre assisto a aula para saber a opinião do professor em relação ao assunto, busco ler os textos que na maioria das vezes são disponibilizados pelos professores também, e algumas vezes faço pesquisas na internet. Depois monto um texto com minha ideia principal tentando aproveitar o que li sobre o assunto.”

11- Você interage com os seus colegas por meio dos fóruns?

A.S.F. - “Não.”

B.K.G. – “Não.”

C.C.N.A. – “Não muito.”

E.A.O. – “Às vezes leio algumas participações dos colegas, depois de publicar o meu, para não me influenciar pela ideia do outro.”

G.D.S.T. – “Sim.”

S.A.G. – “Não.”

S.R.L. – “Não.”

V.F.C. – “Acredito que não.”

12- A participação nos fóruns auxilia o seu processo de aprendizagem? Como?

A.S.F. - “Sim, pois para respondê-los preciso saber, ler, aprender sobre o assunto para depois respondê-lo.”

B.K.G. – “Sim, através dos fóruns conseguimos novas informações sobre o conteúdo discutido.”

C.C.N.A. – “Sim, todas as informações que aprendemos faz parte do processo de aprendizagem.”

E.A.O. – “Sim, contribui para o esclarecimento de assunto que às vezes, não foram bem entendidos e me ajuda a autoavaliar meus conhecimentos e produção escrita.”

G.D.S.T. – “Sim, pois através dos fóruns a gente consegue por, expor o que precisamos, expor nossas opiniões.”

S.A.G. – “Sim, para eu entender melhor o conteúdo.”

S.R.L. – “Auxilia sim, compartilhando das opiniões dos colegas, buscando o material indicado para a leitura, nos ajuda e muito para o melhor entendimento da disciplina aplicada.”

V.F.C. – “Auxilia. Porque normalmente é assunto da aula, então já é uma boa maneira de estudar.”

ANEXO C - Recorte das Participações das Alunas no Fórum I

FÓRUM 1
DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA, LEITURA, PRODUÇÃO DE TEXTO E LITERATURA INFANTIL
TEMA: A RIQUEZA DA LÍNGUA
<p>1. Leia o excerto com atenção:</p> <p>Excerto da reportagem “A riqueza da língua”</p> <p>Embora a língua sofra ataques deformadores diários nos blogs e chats, a palavra escrita nunca foi usada tão intensamente antes. Os mais otimistas apostam que os bate-papos da garotada travados com símbolos e interjeições hoje podem ser a semente de uma comunicação escrita mais complexa, assim como o balbuciar dos bebês denota a prontidão para a fala lógica que se seguirá. Pode ser. Seria ótimo que fosse assim. Por enquanto, uma maneira de se destacar na carreira e na vida é mostrar nas comunicações formais perfeito domínio da tradicional norma culta do português. Vários estudos demonstram a correlação positiva entre um bom domínio do vocabulário e o nível de renda, mesmo que não se possa traçar uma correlação direta e linear entre uma coisa e outra. Além de conhecer as palavras, é preciso que se tenha alguma coisa a dizer de forma lógica e racional. O vocabulário, por si só, não garante precisão ou beleza na escrita. “Machado de Assis compôs toda a sua obra com aproximadamente 12.000 vocábulos, enquanto Coelho Neto, autor ilegível, teria empregado mais de 35.000 palavras diferentes na sua longa e obscura carreira”, lembra o professor de português Cláudio Moreno. Mesmo que pareça meio quadrado na mesa do bar, quem mais se distanciar do linguajar trivial dos chats nas comunicações formais mais será notado pela competência.</p> <p>Disponível em: <http://veja.abril.com.br/120907/p_088.shtml>. Acesso em 01/03/2012.</p> <p>Questão para o fórum:</p> <p>Segundo afirmação da professora Roberta F. Villibor Sperandio, na introdução do livro utilizado em nossas aulas, a língua dominante tende a ser de quem</p>

detém o poder socialmente. No entanto, ela lembra que isso depende das características assumidas por cada comunidade ao longo de sua evolução.

Também o excerto do texto “Riqueza da língua” levanta uma questão constante na educação brasileira: “a importância da população dominar a leitura e a escrita”.

Refleta e responda:

Mesmo entre aqueles que estão na universidade, há essa defasagem? Em que implica a falta de leitura e problemas de escrita na formação do pedagogo? Há soluções concretas para o problema? Quais?

Leitura complementar:

Para auxiliar sua argumentação, sugiro a leitura completa da reportagem “A riqueza da língua”, da revista Veja. O texto apresenta o domínio da língua como ferramenta fundamental na carreira e no crescimento pessoal. Apesar de a edição ser de 2007, o tema continua atual. Vale a pena ler!

<http://veja.abril.com.br/120907/p_088.shtml>.

Re: FÓRUM 1 - A RIQUEZA DA LÍNGUA

por **C.C.N.A** - quinta, 22 março 2012, 22:51

A falta de leitura de muitos universitários e professores pedagogos é um fato constante. Mas esses indivíduos não podem assumir a culpa unicamente por esse comportamento, pois muitos pedagogos, professores e universitários não tiveram em sua história de vida incentivo a essa prática ,nem por seus pais e as vezes nem pela escola onde estudava, pela renda familiar etc. Ou seja há muitas variantes responsáveis pelo pouco desempenho da leitura dessas pessoas. Por isso mesmo que o fator sócio-econômico não ajuda a formar cidadãos críticos e cultos é preciso que mesmo nesta condição, as crianças sejam incentivadas a lerem e a ouvir histórias desde pequenos, para que este hábito se torne um vício prazeroso.

Re: *FÓRUM 1 - A RIQUEZA DA LÍNGUA**

por **V.F.C.** - segunda, 5 março 2012, 15:01

Há defasagem sim, pois um aluno que não tem um ensino de qualidade no ensino fundamental, um aluno que já não tinha o habito da leitura vai chegar a

universidade com os mesmos problemas.

Adquirir a capacidade de ler significa sobretudo a condição de compreender um mundo que vai se mostrando cada vez maior e mais surpreendente. São nessas descobertas que alguns alunos (nós alunos de pedagogia) apresentamos mais dificuldades do que os outros. Percebe-se isso na prática deste exercício de responder o fórum, se você tem uma boa bagagem de leitura, terá facilidade em responder escrever sem erros.

Acredito que há soluções sim, meus filhos estudam em um colégio particular e lá o método de ensino já está voltado para a leitura e a interpretação visto que o problema já foi detectado. Sei também que eles terão menos dificuldade do que eu, que não tive o estímulo da leitura por parte dos meus pais e professores. Tudo começa muito cedo, lendo historinha para os pequenos e determinando a leitura de pelo menos um livro por mês para os maiores, estabelecer metas, assim como para nós estudantes de pedagogia, estabelecer um número mínimo de páginas a ser lido por dia.

Temos a obrigação e necessidade de gostar da leitura para sermos bons profissionais.

Re: *FÓRUM 1 - A RIQUEZA DA LÍNGUA**

por E.A.O. - segunda, 5 março 2012, 22:38

A leitura é de extrema importância para a ampliação do vocabulário e produção de textos. Para a riqueza da língua a leitura está além da simples decodificação de signos e símbolos. Uma boa leitura acontece por meio da compreensão da idéia que é transmitida em um texto. Um bom leitor compreende o que está nas entrelinhas, por isso é capaz de argumentar sobre aquilo que foi lido. Assim, penso que o domínio da leitura e da língua é uma questão cultural. A maioria da população brasileira foi privada do acesso ou incentivo para “a descoberta do prazer pela leitura”, isso é privilégio de alguns. Pois não basta espalhar livros por pontos de ônibus, bibliotecas e escolas se a população não aprendeu culturalmente a pensar, refletir e opinar de modo crítico sobre aquilo que se lê. Além disso, a leitura não pode apenas restringir-se a livros de literatura, revistas e gibis. É preciso desenvolver hábitos de leitura crítica também por meio de outros tipos de gêneros textuais

que poluem constantemente o ambiente a nossa volta e que muitas vezes passam despercebidos por nós. Se isso acontecesse, com certeza não viveríamos numa sociedade de consumo onde as pessoas não se preocupam mais com o “ser” e sim com o “ter”.

Re: *FÓRUM 1 - A RIQUEZA DA LÍNGUA**

Por S.R.L - segunda, 8 março 2012, 10:05

Infelizmente, é triste constatar essa defasagem entre aqueles que chegam ao nível universitário. A escola deveria proporcionar aos seus alunos o interesse contínuo pela leitura. Pois é a leitura que nos proporciona conhecermos o mundo que nos cerca. O desinteresse pela leitura, faz com que o universitário tenha dificuldades em se expressar corretamente na sua escrita e também em entender as mensagens que o texto traz para o seu enriquecimento acadêmico e também pessoal. O saber ler, não significa saber interpretar o que se leu. E para o pedagogo, é fundamental que sua preparação nessa área, desperte no seu aluno, o interesse por essa atividade a (leitura),o saber ler, é saber escrever comunicar-se com eficiência, e enriquecer o seu vocabulário.

ANEXO D - Recorte das Participações da Tutora Mediadora no Fórum I

Re: *FÓRUM 1 - A RIQUEZA DA LÍNGUA**

por Tutora Mediadora L.A.S. - segunda, 5 março 2012, 11:06

Olá, aluno(a)!

Você tem dúvidas quanto à sua participação nos fóruns?

Então, leia atentamente as informações abaixo, que foram escritas para auxiliá-lo(a) nesse sentido.

- Esteja atento ao enunciado do fórum antes de postar seus comentários. Assim, evitará que suas postagens fujam à proposta da disciplina.

- Procure utilizar exemplos e opiniões pessoais apenas para ilustrar sua participação, ou seja, como um complemento, e não para substituir a sua análise do texto.

- Você não precisará escrever um texto muito extenso, mas procure elaborar, ao menos, um parágrafo sobre o tema. Quando escrevemos frases muito curtas, dificilmente somos compreendidos da forma como gostaríamos.

- Você pode utilizar outros textos retirados de livros, revistas, artigos da internet ou qualquer outro meio de publicação. No entanto, eles não substituem sua análise. Além disso, tenha o cuidado de fazer a devida referência ao autor. **ATENÇÃO! Cópias literais sem a devida referência, se detectadas, serão consideradas plágio e zeradas.** Portanto, evite-as!

Segue, abaixo, alguns exemplos de referências para auxiliá-los em suas produções.

Referência de livro:

PIAGET, Jean. Seis estudos de Psicologia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FERREIRA, A. B. H. Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Referência de artigo da internet:

SÉRGIO, Ricardo. Como Fazer Citações. Disponível em: <<http://recantodasletras.uol.com.br/teorialiteraria/638805>>. Acesso em: 09 outubro 2009.

PAIVA, G. J. Dante Moreira Leite: um pioneiro da psicologia social no Brasil. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 11, n. 2, jul./ago. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 12 mar. 2001.

Referência de artigo de revistas (periódicos):

SILVA, V. A.; ANDRADE, L. H. C. *Etinobotânica Xucuru: espécies místicas*. *Biotemas*, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 45-57, 2002.

SANTEIRO, T. V. *Criatividade em psicanálise: produção científica internacional (1996-1998)*. *Psicologia: Teoria e Prática*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 43-59, jul./dez. 2000.

Referência de artigo de jornal:

ADES, C. Os animais também pensam: e têm consciência. *Jornal da Tarde*, São Paulo, p. 4D, 15 abr. 2001.

Espero ter contribuído.

Um abraço a todos!

Professora -----

Re: *FÓRUM 1 - A RIQUEZA DA LÍNGUA**

Por Tutora Mediadora L.A.S. - segunda, 5 março 2012, 16:55

É isso mesmo, -----!

Uma boa formação é imprescindível ao professor para que o aluno desenvolva desde as séries iniciais o gosto pela leitura, mas esse hábito pode ter início em casa, com o incentivo da própria família, pois o trabalho em conjunto, certamente, propiciará melhores resultados.

Re: *FÓRUM 1 - A RIQUEZA DA LÍNGUA**

Por Tutora Mediadora L.A.S. - terça, 6 março 2012, 19:19

Olá, -----!

Muito interessante o texto que você encontrou. Extremamente criativo!

Aconselho os colegas a copiarem, pois certamente poderá ser utilizado de alguma forma em sala de aula, com os futuros alunos.

Não deixe de participar novamente, tecendo seus comentários acerca da aula, buscando responder ao enunciado proposto pela professora.

Abraços.

Professora -----

Re: *FÓRUM 1 - A RIQUEZA DA LÍNGUA**

Por Tutora Mediadora L.A.S - quarta, 7 março 2012, 20:07

Gostei, -----!

Seus exemplos enriquecem nosso fórum.

Compreendo que sua intenção não foi fazer apologia à formas alternativas de escrita, mas transmitir a ideia de que há formas de expressão variadas no mundo em que vivemos, de acordo com a cultura na qual se está inserido, e que a língua é uma delas. Assim, por meio dela identificamos valores, costumes, princípios, crenças, atitudes, do sujeito que fala e escreve.

Continuem participando!

Abraços.

Professora -----

ANEXO E - Recorte das Participações das Alunas no Fórum II**FÓRUM 2****PED 3 – 51/2012****DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA, LEITURA, PRODUÇÃO DE TEXTO E
LITERATURA INFANTIL****TEMA: A RIQUEZA DA LÍNGUA**

Sua excelência, a educação.

Escolaridade se mostra fundamental para a queda da desigualdade e o crescimento da classe média.

ANTONIO GOIS DO RIO

Dinheiro e posse de bens de consumo podem ser sinais exteriores de prosperidade, mas o que realmente distingue, com clareza, a classe social a qual o brasileiro pertence é a escolaridade.

O levantamento Datafolha mostra que no topo da pirâmide, por exemplo, a maioria possui nível superior. Descendo um degrau, no que seria uma classe média alta, esta proporção cai significativamente, e o nível de instrução da maioria passa a ser o ensino médio completo.

Assim vai até chegarmos à base da pirâmide, em que o mais comum é ser analfabeto ou nem sequer ter completado o primário, equivalente hoje ao quinto ano do ensino fundamental.

Estudar é, portanto, o melhor passaporte para a mobilidade social. E, apesar de muitos brasileiros ainda terem uma escolaridade precária, a boa notícia foi que a distância entre pobres e ricos, no que diz respeito ao acesso à escola, diminuiu.

Há dez anos, o Datafolha registrava que havia mais brasileiros que não tinham completado o ensino fundamental do que aqueles que possuíam ao menos o nível médio completo.

Hoje, a situação se inverteu, e esse movimento teve papel fundamental na redução da desigualdade e no crescimento da classe média no país, como

comprovam alguns estudos.

O mais recente deles, dos pesquisadores Naércio Menezes Filho e Alison Pablo de Oliveira, ambos da USP (Universidade de São Paulo) e do Insper (Instituto de Ensino e Pesquisa), mostra que 40% da queda da desigualdade no mercado de trabalho na década passada é explicada pela melhoria da escolaridade dos mais pobres.

O economista Marcelo Neri, da FGV (Fundação Getúlio Vargas), que chegou a conclusão semelhante em estudo divulgado em maio, lembra que a educação no Brasil nem sempre jogou a favor da redução da desigualdade.

Nos anos 1970, durante o chamado “milagre econômico”, o avanço pífio da escolaridade fez com que os poucos brasileiros mais instruídos se beneficiassem muito mais do bom momento econômico do que aqueles que estudaram menos tempo.

Na década passada, mesmo sem taxas tão altas de crescimento do PIB (Produto Interno Bruto), foram os mais pobres que registraram maior aumento na renda, permitindo que muitos mudassem de classe econômica, em boa parte devido à melhoria de sua escolaridade.

“A educação teve papel fundamental para explicar essa fantástica queda da desigualdade. E, nesse campo, muito do que foi colhido na década passada começou a ser plantado nos anos 1990”, afirma o economista.

Neri se diz otimista com a continuidade desse processo. “Muitos, inclusive eu, acreditavam que o crescimento dessas classes era sustentado mais na oferta de crédito e de programas sociais. Mas hoje entendo que as pessoas estão ascendendo também porque estudaram mais e tiveram menos filhos.”

MENOS RISCOS

Priscila Cruz, diretora-executiva do movimento Todos Pela Educação, lembra que quanto menor a escolaridade, menor a proteção contra crises econômicas.

“Se a economia desaquece, muitos dos brasileiros que migraram para a classe C, beneficiados só pelo crescimento podem voltar para as classes D ou E. Com mais instrução, a pessoa tem mais força para reagir às adversidades e capacidade de migrar de um setor para outro.”

Para ela, no entanto, à medida que as diferenças em termos de acesso

diminuem, aumenta a importância da qualidade do ensino.

“Cada vez mais, o que diferenciara as classes não será tanto o nível de ensino ao qual cada um chegou, mas a qualidade da educação recebida”, afirma.

Cruz avalia ainda que será um erro se boa parte dessa nova classe média fugir da escola pública em busca de mais qualidade nos colégios particulares.

Seu argumento é que essa migração teria efeito prejudicial para a educação na rede pública e não seria garantia de melhor ensino, já que muitas escolas privadas, especialmente as que oferecem cursos mais baratos, têm também qualidade muito ruim.

Disponível em: <http://www.folha.uol.com.br/fsp/especial/21246-sua-excelencia-a-educacao.shtml>. Acesso em: 08/03/2012.

Segundo o texto, “estudar é o melhor passaporte para a mobilidade social. E, apesar de muitos brasileiros ainda terem uma escolaridade precária, a boa notícia foi que a distância entre pobres e ricos no que diz respeito ao acesso à escola diminuiu.” A partir dessa afirmação, teça um comentário mostrando seu ponto de vista com argumentos coerentes. Para fundamentar conte um exemplo ou apresente um fato que comprove seu posicionamento. Observe que ao desenvolver a questão você estará colocando em prática as estratégias de leitura que estudamos, certo?

Re: *FÓRUM 2 - ESCOLARIDADE É FUNDAMENTAL**

por C.C.N.A. - quinta, 15 março 2012, 22:05

De fato a educação é um dos fatores que ameniza a desigualdade social. Isso deve ao fato de hoje em dia estar mais fácil o acesso a escola. Tanto em áreas onde a população vive isolada, quanto a até as universidades, que está cada vez mais acessíveis, graças a esforços da população e a programas sociais. Outro fator importante é que muitas famílias escolheram por ter menos filhos, para poder se dedicar mais aos estudos. Por isso se queremos um país com menos desigualdade social com certeza a educação, é a principal arma para combatê-la.

ANEXO F - Recorte das Participações das Alunas no Fórum III**FÓRUM 3****PED 3 – 51/2012****DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA, LEITURA, PRODUÇÃO DE TEXTO E LITERATURA INFANTIL****TEMA: O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL****Escolas incentivam o desenvolvimento da linguagem oral**

Intuito é capacitar alunos a expor pontos de vista e prepará-los para o mercado de trabalho. Por Fernanda Dias.

O ensino da leitura e da escrita digital é um desafio para as escolas nos dias atuais, mas não o único. Em tempos de alunos acostumados a escrever numa linguagem sucinta e codificada por causa da internet, estimulá-los a se expressar oralmente, desenvolvendo uma argumentação e um ponto de vista, também não é tarefa fácil. Por isso, muitas escolas têm procurado desenvolver métodos que ajudem seus estudantes a falar em público e a fazer um encadeamento de ideias.

“O internauta usa muitas gírias, elimina artigos e preposições, dispensa a concordância, abrevia palavras e orações. Na hora de se expressar em público, muitas vezes tem dificuldade de utilizar a língua formal e de dar linearidade às ideias”, explica Izabel de Almeida e Silva, diretora pedagógica do Colégio Padre Antonio Vieira.

O ensino de técnicas de retórica não é novidade alguma e remonta à época dos sofistas, na Grécia de 500 a.C. Mas, agora a diferença é que, na maioria das vezes, os professores prepararam seus alunos para que eles lidem bem com a expressão oral em meio ao dia a dia das outras disciplinas, como português, matemática, história. Tal habilidade pode até não ser cobrada no vestibular, mas acaba sendo um diferencial e tanto no ambiente de trabalho e na vida como um todo. Os processos seletivos, com suas dinâmicas de grupo e entrevistas, constituem um teste para a capacidade de expressão, além de avaliarem habilidades de iniciativa e liderança.

Por isso, a simples leitura dos textos em voz alta é insuficiente para preparar os alunos para os desafios da vida adulta. O Colégio Padre Antonio Vieira é um dos que explora as técnicas de oralidade desde o 1º ano do Ensino Fundamental. O trabalho inclui o incentivo à manifestação espontânea e frequente dos estudantes em qualquer disciplina.

“Falar bem, com segurança e coerência, é fundamental e isso também se aprende na escola. Procuramos fazer eventos que valorizam essa prática, como a produção de trabalhos para o dia da Independência do Brasil e a elaboração e apresentação de contos. Debates de temas polêmicos também ajudam no exercício da argumentação”, ressalta Izabel.

Segundo ela, os alunos também passam por provas orais em todas as disciplinas. Eles têm cinco minutos para expressar verbalmente seus argumentos e podem elaborar fichas com palavras chaves sobre o assunto, que servem de roteiro. O objetivo é observar a capacidade que o estudante tem de organizar seu pensamento para elaborar um discurso, desenvolvendo as informações de maneira clara e seguindo um raciocínio lógico.

A Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) é uma das pioneiras do país a oferecer a disciplina Retórica a seus alunos. Segundo a professora Alessandra Aldé, que leciona a matéria e também é doutora em Ciência Política, no Brasil, apenas os cursos de Direito tinham na grade as técnicas de retórica e argumentação.

“A Uerj passou a oferecer a disciplina em 2004 para o curso de Comunicação. Em Portugal, isso é mais comum. Há um certo preconceito da academia, como se a retórica fosse coisa de manipulador, muito associada aos advogados e políticos”, afirma Aldé, que ressalta que muitas escolas exigem trabalho em grupo, mas não se preocupam em ensinar os alunos como apresentá-los.

Ela lembra que a oratória tem suas técnicas, e a prova oral é uma boa forma de testar conhecimento porque o aluno tem menos tempo de pensar uma maneira de enrolar a resposta. Ele também tem que ter mais controle sobre o nervosismo. Mas, para o professor a dificuldade também é maior, pois não é possível voltar e reler o que o aluno disse.

<http://opiniaoenoticia.com.br/vida/educacao/escolas-incentivam-o-desenvolvimento-da-linguagem-oral/>

Conversamos em nossa aula sobre a expressão do ponto de vista e a argumentação. Ficou evidente que o professor precisa saber posicionar-se para orientar os alunos e sabemos que uma das estratégias é falar bem. Essa temática é abordada no texto de apoio. E você, como futuro educador, o que pensa a respeito do desenvolvimento da oralidade em sala de aula? Qual estratégia pode ser utilizada pelo professor para contribuir nessa formação do aluno?

Re: *FÓRUM 3 - O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL**

por **A.S.F.** - quinta, 22 março 2012, 15:26

Com toda a certeza falar bem e se posicionar perante aos alunos em sala de aula é fundamental. Como citado no texto concordo com o autor em colocar que a simples leitura do texto em voz alta é suficiente para preparar os alunos, esta técnica de oralidade vai fazer com que o aluno perca o receio de falar em publico e com essa pratica o professor vai orientando e dando dicas assim ensinando.

Re: *FÓRUM 3 - O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL**

por **C.C.N.A.** - quinta, 22 março 2012, 22:22

Para que o professor consiga desenvolver a oralidade dos alunos, ele primeiramente deve analisar o aluno como um todo. E a partir daí reconhecer as peculiaridades de cada um. O professor pode se deparar com diversas ocorrências tais como a timidez, a dificuldade de aprendizagem, a indisciplina dentre outros fatores. E para obter sucesso em seus objetivos, é preciso encontrar práticas pedagógicas que o ajudem a trabalhar com todas as dificuldades encontradas como por exemplo: promover debates em grupos, Leitura, seminários, dramatizações, entrevistas etc. Com diversos recursos, o professor conseguirá atingir seus objetivos e irá ajudar seus alunos a serem mais autônomos e mais seguros.

ANEXO G - Recorte das Participações das Alunas no Fórum Interdisciplinar**FÓRUM INTERDISCIPLINAR****PED 3 – 51/2012****DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA, LEITURA, PRODUÇÃO DE TEXTO E LITERATURA INFANTIL / FUNDAMENTOS SOCIOLÓGICOS E****ANTROPOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO****TEMA: A IMPORTÂNCIA DA LEITURA**

OBS.: **SE VOCÊ CURSA AS DUAS DISCIPLINAS, RESPONDA SOMENTE EM LÍNGUA PORTUGUESA: LEITURA, PRODUÇÃO DE TEXTO E LITERATURA INFANTIL, E SUA NOTA SERÁ GERADA PARA AMBAS AS DISCIPLINAS.**

Iniciamos nossas aulas de LÍNGUA PORTUGUESA: LEITURA, PRODUÇÃO DE TEXTOS E LITERATURA INFANTIL com a citação de Paulo Freire. Também, nesse fórum interdisciplinar, faremos referências a ele.

(...) Por isso é que, ao chegar à escolinha particular de Eunice Vasconcelos, cujo desaparecimento recente me feriu e me doeu, e a quem presto agora uma homenagem sentida, já estava alfabetizado. Eunice continuou e aprofundou o trabalho de meus pais. Com ela, a leitura da palavra, da frase, da sentença, jamais significou uma ruptura com a “leitura” do mundo. Com ela, a leitura da palavra foi a leitura da “palavramundo”.

Há pouco tempo, com profunda emoção, visitei a casa onde nasci. Pisei o mesmo chão em que me pus de pé, andei, corri, falei e aprendi a ler. O mesmo mundo - primeiro mundo que se deu à minha compreensão pela “leitura” que dele fui fazendo. Lá, re-encontrei algumas das árvores da minha infância. Reconheci-as sem dificuldade. Quase abracei os grossos troncos - os jovens troncos de minha infância. Então, uma saudade que eu costumo chamar de mansa ou de bem comportada, saindo do chão, das árvores, da casa, me envolveu cuidadosamente. Deixei a casa contente, com a alegria de quem re-encontra gente querida.

Disponível em:

<http://ptmiriamfajardo.pbworks.com/w/page/19749764/A%20IMPORT%C3%82NCIA%20DO%20ATO%20DE%20LER%20-%20PAULO%20FREIRE> Acesso em 20/03/2012.

Você leu um trecho introdutório da abertura de um congresso. Nele, Paulo Freire aborda, contando suas lembranças, “a importância do ato de ler”. O autor escolheu o gênero textual relato para iniciar. Sabemos que relato é um texto em que são apresentadas as informações básicas (os fatos) referentes a um acontecimento específico. O principal objetivo do relato, oral ou escrito, é reconstruir um fato para o leitor/ouvinte em uma sequência de acontecimentos. Por esse motivo, os relatos focalizam as ações.

A partir do conceito, escreva um relato abordando a “importância da leitura”. Em seguida, conte um fato usando a 1ª pessoa do discurso, em que a experiência com a leitura ficou marcada em sua vida.

Re: *FÓRUM INTERDISCIPLINAR - A IMPORTÂNCIA DA LEITURA**
por A.S.F. - quinta, 29 março 2012, 22:35

Era meu primeiro dia, um trabalho novo, um mundo novo, por onde se olhava via livros e mais livros, a maioria nunca tinha visto, não tinha “intimidade” com a leitura e até hoje não tenho como deveria, mas em um ano convivendo rodeada de livros, vivendo um mundo onde a cada dia você conhece algo novo, descobre que com a leitura pode-se viver um dia diferente, acabei me apaixonando.

Re: *FÓRUM INTERDISCIPLINAR - A IMPORTÂNCIA DA LEITURA**
por C.C.N.A. - quinta, 29 março 2012, 20:54

Sei que a leitura é importante para o desenvolvimento social, cultural e cognitivo da criança. Desde pequena sempre gostei muito de ler e até hoje leio quando posso, tudo que cai em minhas mãos. Mas aí é que está o problema, “quando posso”. Com a correria do dia-a-dia, os afazeres do trabalho e domésticos tomam o meu tempo. Não posso dizer que sou viciada em leitura, mas posso afirmar que sou muito esforçada. Creio que desenvolver o hábito da leitura tem que ser um processo constante e deve começar muito cedo em casa, se aperfeiçoar na escola e continuar pela vida toda. Mas alguns fatores impedem isso, mas mesmo com todas as dificuldades, e o incentivo que nunca tive, só de mim mesma, com certeza ainda viciarei pela leitura.

ANEXO H - Recorte das Participações da Tutora Mediadora no Fórum Interdisciplinar

Re: *FÓRUM INTERDISCIPLINAR - A IMPORTÂNCIA DA LEITURA**
por **Tutora Mediadora L.A.S.** - quinta, 31 maio 2012, 19:20

Certamente,, muitos ficarão curiosos e interessados pelo livro, inclusive essa professora que vos fala.

Obrigada pela indicação.

Abraços.

Re: *FÓRUM INTERDISCIPLINAR - A IMPORTÂNCIA DA LEITURA**
por **Tutora Mediadora L.A.S.** - quinta, 31 maio 2012, 19:40

Que linda história,

Obrigada por compartilhar.

Abraços.

Re: *FÓRUM INTERDISCIPLINAR - A IMPORTÂNCIA DA LEITURA**
por **Tutora Mediadora L.A.S.** - quinta, 31 maio 2012, 19:52

Olá, aluno(a)!

Você tem dúvidas quanto à sua participação nos fóruns?

Então, leia atentamente as informações abaixo, que foram escritas para auxiliá-lo(a) nesse sentido.

- Esteja atento ao enunciado do fórum antes de postar seus comentários. Assim, evitará que suas postagens fujam à proposta da disciplina.

- Procure utilizar exemplos e opiniões pessoais apenas para ilustrar sua participação, ou seja, como um complemento, **e não para substituir a sua análise do texto.**

- Você não precisará escrever um texto muito extenso, mas procure elaborar, ao menos, um parágrafo sobre o tema. Quando escrevemos frases muito curtas, dificilmente somos compreendidos da forma como gostaríamos.

- Você pode utilizar outros textos retirados de livros, revistas, artigos da internet ou qualquer outro meio de publicação. No entanto, eles não substituem sua análise. Além disso, tenha o cuidado de fazer a devida referência ao autor. **ATENÇÃO! Cópias literais sem a devida referência, se detectadas, serão consideradas plágio e zeradas.** Portanto, evite-as!

Segue, abaixo, alguns exemplos de referências para auxiliá-los em suas produções.

Referência de livro:

PIAGET, Jean. **Seis estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FERREIRA, A. B. H. **Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Referência de artigo da internet:

SÉRGIO, Ricardo. **Como Fazer Citações**. Disponível em: <http://recantodasletras.uol.com.br/teorialiteraria/638805>. Acesso em: 09 outubro 2009.

PAIVA, G. J. Dante Moreira Leite: um pioneiro da psicologia social no Brasil. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 11, n. 2, jul./ago. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/>. Acesso em: 12 mar. 2001.

Referência de artigo de revistas (periódicos):

SILVA, V. A.; ANDRADE, L. H. C. Etinobotânica Xucuru: espécies místicas. **Biotemas**, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 45-57, 2002.

SANTEIRO, T. V. Criatividade em psicanálise: produção científica internacional (1996-1998). **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 43-59, jul./dez. 2000.

Referência de artigo de jornal:

ADES, C. Os animais também pensam: e têm consciência. **Jornal da Tarde**, São Paulo, p. 4D, 15 abr. 2001.

Espero ter contribuído.

Um abraço a todos!

Professora

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista - Professor

Nome: _____ Idade: _____

Formação acadêmica: _____

01 - Você já havia trabalhado na modalidade a distância? O que a levou a trabalhar nesta modalidade?

02 - Fez algum curso específico para atuar nesta modalidade?

03 – Recebeu e recebe treinamentos?

04 – O que você entende sobre interatividade e aprendizagem colaborativa?

05 – Qual é a periodicidade que você acessa o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)?

06 – Que método você utiliza para instigar seus alunos ao estudo?

07 – Em sua opinião, existe interatividade e/ou aprendizagem colaborativa entre seus alunos quando usam o fórum?

08 – Qual a maior dificuldade de seus alunos em relação à execução dos fóruns?

09 - Na sua opinião, só participam pela nota?

10 – Você considera a participação dos alunos, no fórum, satisfatória?

APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista - Acadêmico

Nome: _____ Idade: _____

Formação: _____

- 01 - Você possui computador em casa e/ou no trabalho? Quantos?
- 02 – Utiliza internet quantas horas por dia? Para quais fins?
- 03 – Já fez outro curso na modalidade a distância?
- 04 – O que a levou a fazer um curso nesta modalidade?
- 05 – Teve dificuldades com a metodologia aplicada?
- 06 – Teve dificuldades com o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)? Com o quê?
- 07 – Recebeu orientações a respeito da metodologia e do AVA?
- 08 – Quantas vezes por semana você acessa o AVA? E para quê?
- 09 – Você participa dos fóruns? Quantas vezes e por qual motivo?
- 10 – Que método você utiliza para responder os fóruns?
- 11 - Você interage com os seus colegas por meio dos fóruns?
- 12 - A participação nos fóruns auxilia o seu processo de aprendizagem? Como?